



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social

Brena O'Dwyer Spina da Rosa Machado

**A construção do gênero nas relações amorosas: um estudo  
com mulheres transexuais jovens e o processo de  
feminização**

Rio de Janeiro

2016

Brena O'Dwyer Spina da Rosa Machado

**A construção do gênero nas relações amorosas: um estudo com  
mulheres transexuais jovens e o processo de feminização**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-  
Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Luiza de Amorim Heilborn

Rio de Janeiro  
2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CB/C

M149 Machado, Brena O'Dwyer Spina da Rosa.  
A construção do gênero nas relações amorosas: um estudo com  
mulheres transexuais jovens e o processo de feminização /Brena  
O'Dwyer Spina da Rosa Machado. – 2016.  
98 f.

Orientador: Maria Luiza Heilborn.

Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro,  
Instituto de Medicina Social.

1. Transexualidade – Teses. 2. Identidade de gênero – Teses. 3.  
Adulto jovem – Teses. 4. Estereotipagem – Teses. I. Heilborn, Maria  
Luiza. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de  
Medicina Social. IV. Título.

CDU 613.885-053.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,  
desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Brena O'Dwyer Spina da Rosa Machado

**A construção do gênero nas relações amorosas: um estudo  
com mulheres transexuais jovens e o processo de  
feminização**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-  
Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em: 22 de março de 2016.

Orientadora:           Profª. Dra. Maria Luiza Heilborn  
                                  Instituto de Medicina Social - UERJ

Banca Examinadora: \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Claudia Coelho – PPCIS - UERJ

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Rodrigo Borba - UFRJ

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Horacio Federico Sívorì - Instituto de Medicina Social – UERJ

Rio de Janeiro

2016

## AGRADECIMENTOS

A Maria Luiza Heilborn, minha orientadora, pela sabedoria, pelos encontros, comentários e paciência sem os quais esta dissertação não seria possível. Aprendi muito nesses momentos e agradeço a dedicação com o meu trabalho.

Aos membros do Instituto de Medicina Social. Fazer pesquisa em Saúde Coletiva me propiciou um novo entendimento sobre a interdisciplinaridade e também sobre a importância do trabalho científico como ferramenta de mudança social. Agradeço a todos os professores com quem tive contato, mas especialmente aos que deram disciplinas de metodologia para minha turma; Rafaela Zorzanelli, Maria Luiza Heilborn, Jane Russo e Horacio Sívori. Agradeço também às funcionárias da secretaria por toda a paciência e bom humor no lido com as burocracias; Eliete Ester, Silvia Regina e Simone Motta.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação (MEC) pela bolsa cedida nos dois anos de mestrado sem a qual eu não poderia ter me dedicado de maneira integral ao ofício de pesquisadora.

Aos professores que compuseram a banca de qualificação; Guilherme de Almeida (UERJ) e Maria Claudia Coelho (PPCIS/UERJ) pelas questões levantadas à época da qualificação. Aos professores que compõem a banca de defesa Horacio Sívori (IMS/UERJ), Maria Claudia Coelho (PPCIS/UERJ) e Rodrigo Borba (UFRJ) por terem aceitado o convite para participar deste momento. Aos professores suplentes Jane Russo (IMS/UERJ), Guilherme de Almeida (UERJ) e Bila Sorj (IFCS/UFRJ). Gostaria de agradecer especialmente à professora Bila pelos três anos de iniciação científica sob sua coordenação no Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero (NESEG/IFCS/UFRJ), que despertaram o interesse pelo tema do gênero e da sexualidade e me iniciaram no meio acadêmico. Agradeço novamente a Horacio Sívori por ser leitor da dissertação.

Aos meus familiares pelo apoio, paciência, carinho e amor que recebi não só nos últimos dois anos, mas ao longo da vida. À minha mãe, Gisele, pelo amor incondicional, por todos os livros e pelo apoio em todas as minhas empreitadas. Aos meus amados irmãos Gustavo, Rodrigo e Thiago por simultaneamente parecerem tanto comigo e não parecerem nada. À minha avó Hermínia pelo amor e dedicação. À minha tia Lu por ser minha madrinha querida mesmo à distância. Agradeço especialmente ao Eric que em tão pouco tempo me trouxe tanta alegria.

Aos meus amigos que moraram comigo durante esses dois anos; Igor Freitas, Diego Rainho, Gabriela Fernandez e Tiago Lombardi. Sem o bom humor e suporte afetivo de vocês esta dissertação não seria possível. Não há nada como chegar em casa e ser recebida por quem a gente ama.

As minhas “migas” queridas que passaram por todo o processo do mestrado – desde estudar

para as provas até a defesa – junto comigo; Gabriela Fernandez, Camila Bevilaqua, Camila Greiner e Joanna Muniz. O trabalho acadêmico é muitas vezes solitário e a companhia de vocês foi essencial nesses dois anos.

As queridas da Capitolina por me ensinarem tanto sobre feminismo e sororidade. Especialmente a Ana Paula Pellegrino, Dani Feno, Taís Bravo e Rebecca Raia que me ouviram sempre, não importa o assunto, e por toda a sabedoria que vocês dividiram comigo.

Aos amigos do “barraco” por me tirarem dos livros quando foi necessário, me levarem a praia, ao cinema, ao bar. As conversas com vocês sobre outros assuntos foram essenciais para airar minha cabeça me dando novas energias para continuar o trabalho.

As amigas “sereias” pelos jantares, doces, presentes e tradições. Cada uma imprescindível do seu jeito, obrigada pelo amor e pelos conselhos.

Ao Pedro Freitas pelas noites no cinema, as tardes no Grajaú, o amor e o companheirismo.

Gostaria de agradecer também – *last but not least* – às entrevistadas desta pesquisa. Pelas entrevistas cedidas, mas especialmente pela amizade criada durante o processo.

Mas eu estava começando a entender uma coisa sobre a normalidade. A normalidade não era normal. Não podia ser. Se a normalidade fosse normal, ninguém se importaria com ela. Todo mundo ficaria numa boa e deixaria que a normalidade se manifestasse por conta própria. Mas as pessoas – e os médicos, especialmente – tinham dúvidas sobre a normalidade. Não tinham muita certeza de que ela daria conta do recado. Então se sentiam compelidos a lhe dar um empurrãozinho.

*Jeffrey Eugenides, Middlesex*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Jeffrey Eugenides é escritor romancista americano vencedor do prêmio Pulitzer. Suas obras mais aclamadas são “As virgens suicidas” (1993) e “Middlesex” (2002). A citação acima está no livro “Middlesex” que versa sobre a vida de um jovem intersex que decide abandonar a figura feminina e passar por um processo de masculinização. Agradeço a professora Maria Cláudia Coelho que, à época da minha qualificação, atentou para as diversas noções de normalidade que estavam em questão no presente estudo.

## RESUMO

O'Dwyer, Brena O'Dwyer Spina da Rosa Machado. **A construção do gênero nas relações amorosas**: um estudo com mulheres transexuais jovens e o processo de feminização. 2016. 98 f. Dissertação Mestrado em Saúde Coletiva – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

A transexualidade vem sendo tratada pela medicina, especialmente a psiquiatria, como um transtorno mental. Em contraposição, as ciências humanas, principalmente os estudos de gênero, questionam esta classificação. O presente estudo buscou abordar a transexualidade a partir da crítica à patologização de identidades de gênero que operam fora do modelo binário que associa diretamente sexo anatômico e gênero. A transexualidade é uma experiência complexa e diversa, cuja análise pode ajudar na compreensão da importância da identidade de gênero na sociedade ocidental contemporânea. Foi realizado um estudo qualitativo no qual quatro jovens transexuais entre 18 e 22 anos foram entrevistadas. As entrevistas foram realizadas de forma presencial e virtual, estas se desdobraram em vários contatos. O estudo das relações afetivos-amorosas e sexuais pode esclarecer aspectos importantes sobre a construção da identidade de gênero. A pesquisa procura entender, a partir do relato de mulheres transexuais jovens, como o gênero é construído nas relações amorosas e nos procedimentos de modificação corporal. Buscou-se descrever a partir da narrativa nativa o processo de feminização; investigar como foi o acesso a serviços de saúde e analisar as variadas maneiras de lidar com a transfobia nas relações amorosas. Os resultados indicam mecanismos e estratégias utilizados pelas jovens para lidar com rejeição e estigmatização dentro das relações como; a “passabilidade”, publicização da identidade e adequação a normas corriqueiras de gênero.

Palavras-chave: Transexualidade. Gênero. Juventude. Relações amorosas. Estigma.

## ABSTRACT

O'Dwyer, Brena O'Dwyer Spina da Rosa Machado. **The construction of gender in love relations:** a study with young transsexual woman about the feminization process. 2016. 98 f. Dissertação Mestrado em Saúde Coletiva – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Transsexuality is considered a mental disease by the medical view. In opposition, social sciences and gender studies question this classification. The present study addresses transsexuality by the criticism of the pathologization of gender identities that question the connexion between gender and anatomical sex. Transsexuality is a complex and diverse experience that can elucidate aspects of gender identity in contemporary western societies. A qualitative study was held. Four young transsexual women between the ages of 18 and 22 were interviewed. Half of the interviews were presencial and the other half were virtual, the virtual ones happened in multiple contacts. This study focuses on love relations to clarify the construction of gender identity. The study seeks to understand, from the point of view of young transsexual women, how gender is built in love relations and through body modification. I describe, from the native perspective, how the process of feminization is, investigate how the access to health was services and investigate the multiple ways to deal with transfobia inside love relations. The results show strategies used by the women to deal with rejection and stigmatization such as “passing”, publicizing their identity and abiding by traditional gender norms.

Keywords: Transsexuality. Gender. Youth. Love relations. Stigma

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
1	<b>TRANSEXUALIDADE: UM BREVE PANORAMA</b> .....	16
1.1	<b>Debate sobre “transexualismo” na saúde mental</b> .....	18
1.2	<b>Brasil: o Sistema Único de Saúde e o Processo Transexualizador</b> .....	22
1.3	<b>A patologização do gênero</b> .....	28
1.4	<b>Mudanças recentes no cenários médico e legal devido à pressão do movimento social</b> .....	30
2	<b>CORPO, FEMINIZAÇÃO E EXPERIÊNCIAS JUVENIS</b> .....	33
2.1	<b>Projeto de vida e processo de feminização</b> .....	35
2.2	<b>Juventude</b> .....	43
2.3	<b>Experimentações amorosas</b> .....	46
2.4	<b>Sociabilidade pela <i>internet</i></b> .....	48
3	<b>AMOR NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO</b> .....	50
3.1	<b>O conceito de gênero</b> .....	50
3.2	<b>Trajetórias afetivas das entrevistadas</b> .....	61
3.3	<b>Individualismo e subjetividade: gênero e sexualidade a partir do indivíduo</b> .....	63
3.4	<b>Corpo e gênero</b> .....	69
3.5	<b>Sentimentos</b> .....	72
4	<b>“EU SOU A COISA”: DESVIO E NORMALIDADE</b> .....	77
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	87
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	89
	<b>APÊNDICE A</b> .....	94
	<b>APÊNDICE B</b> .....	95
	<b>APÊNDICE C</b> .....	96
	<b>APÊNDICE D</b> .....	97

## INTRODUÇÃO

O presente estudo enquadra-se em um conjunto maior de pesquisas que, a partir dos anos 2000 (BENTO, 2006), busca analisar a transexualidade mediante a crítica à patologização de identidades de gênero que operam fora do modelo que associa diretamente sexo anatômico ao gênero. Historicamente existe uma tendência da medicina moderna em classificar como patologia modelos de gênero e sexualidade que não se enquadram no formato heteronormativo e nas classificações tradicionais de gênero. A homossexualidade foi considerada um transtorno psiquiátrico – “homossexualismo” – até o ano de 1972 quando perde esse status graças à pressão do movimento *gay*.<sup>2</sup> Da mesma forma, a intersexualidade – “hermafroditismo” – é considerada uma doença e a intervenção médica nesses corpos é corrente apesar dos protestos do movimento intersexual.<sup>3</sup>

Na mesma linha a transexualidade vem sendo tratada pela medicina como um transtorno mental. Em contraposição, as ciências humanas - principalmente os estudos de gênero sobre transexualidade - questionam tal classificação. Bento (2006) e Borba (2014) criticam a categoria psiquiátrica “transexual verdadeiro”. Segundo os autores, tal noção acaba por universalizar a experiência transexual; eles sustentam que existem inúmeras formas de se vivenciar a transexualidade. Este tipo de perspectiva permite que os estudos sobre transexualidade ampliem seus horizontes para além da realidade hospitalar e entende a transexualidade como um campo frutífero para as investigações sobre gênero e sexualidade. Apoiando a necessidade de ampliar o entendimento da transexualidade, pretendo investigar as experimentações amorosas de mulheres transexuais jovens com suas/seus parceiras/os de modo a apontar a partir de seus discursos como a identidade de gênero é construída a partir dos relacionamentos e das modificações corporais. A literatura sobre transexualidade tem se detido principalmente no processo de transformação corporal e tem focalizado pessoas adultas.

Entretanto existem singularidades no que diz respeito ao processo de feminização e a sociabilidade em termos de geração. O ponto de vista das jovens entrevistadas é marcado por um acesso à informação diferenciado graças as novas tecnologias principalmente ao uso de

---

<sup>2</sup> Ver CONRAD, Peter. *The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders*. Baltimore: Jhu Press, 2007.

<sup>3</sup> Ver MACHADO, Paula Sandrine. *Quimeras da ciência: a perspectiva de profissionais de saúde em caso de intersexo*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 20, n. 59, p.67-80, out. 2005.

mecanismos de busca na *internet*. É preciso também assinalar o impacto que as inovações tecnomédicas tem no processo de modificação corporal iniciado pelas moças com o intuito de feminizar os corpos.

Existe uma tensão entre as definições médicas patologizantes da transexualidade e as formas de entendê-la como uma experiência na qual a autonomia do indivíduo em relação ao próprio corpo e à disposição que faz dele são centrais. Este trabalho enquadra-se na segunda linha, reafirmando a autonomia dos sujeitos para reivindicarem a própria identidade e para realizar intervenções corporais sem necessidade de laudo psiquiátrico.

A partir da premissa da diversidade de formas de vivências de gênero o campo de estudos sobre a transexualidade se expande, a crítica à patologização permite focar a dimensão cotidiana da vida dessas pessoas. Nesse sentido, as experimentações amorosas de jovens transexuais devem ser analisadas a partir da ótica da experiência a um só tempo singular e comparativa de modo a elucidar as formas de produção e reelaboração do gênero.

O tema do gênero é central, já que o estudo pretende explorar a relação entre a identidade de gênero e as primeiras experiências afetivas de moças transexuais. Aqui, gênero será entendido como

O conceito corrente utilizado para designar os modos de classificar as pessoas como pertencentes a mundos sociais, a princípio, organizados pelas diferenças de sexo. A expressão identidade de gênero alude à forma como um indivíduo se percebe e é percebido pelos outros como masculino ou feminino, de acordo com os significados que esses termos tem na cultura a que pertence. Os seres humanos se caracterizam por possuírem um corpo sexuado, que os distingue em função de sua genitália. Possuir um sexo biológico, no entanto, não implica automaticamente uma identificação com as convenções sociais de um determinado contexto, no que concerne a ser homem ou mulher. O lugar simbólico a ser ocupado nas relações com os outros, os tipos de roupa que deve vestir, os comportamentos prescritos e os interditados, além dos sentimentos que são associados a um determinado sexo/gênero, definem a identidade de gênero. (ZAMBRANO e HEILBORN, 2012, P. 412).

Para além das singularidades geracionais a importância da juventude se dá porque ela é marcada pelo início da separação do grupo familiar, aumento da importância dos pares e pela entrada na vida amorosa. É um período de transição para a vida adulta e de construção de identidade. Nas sociedades contemporâneas, a juventude tem se caracterizado também como um momento inconstante e descontínuo, no qual o papel familiar é ambivalente; como locus referencial, mas que está sendo substituído por outros grupos de socialização (PAIS, 1993, p. 8; HEILBORN, 2006). O presente trabalho interroga-se sobre a concomitância do processo de feminização e a entrada na dimensão afetivo amorosa típica da experiência juvenil.

O gênero e a sexualidade são campos de estudos simultaneamente distintos e interligados. Entretanto, para o senso comum, especialmente na esfera individual, estes dois

domínios são concebidos em estreita ligação. As experiências amorosas e sexuais dos indivíduos são formativas de suas identidades de gênero ainda que não haja uma relação necessária entre uma e outra. A dimensão afetiva amorosa é aprendida socialmente através de **roteiros sexuais** (GAGNON, 1991); estes roteiros indicam quais são as situações, pessoas e atos permitidos e não permitidos nesta esfera da vida social.

O objetivo da pesquisa foi entender, a partir do relato de mulheres transexuais jovens, como o gênero feminino é construído simultaneamente através da transformação da imagem corporal e nos relacionamentos amorosos<sup>4</sup>. Frequentemente nesses relacionamentos surgem situações de inadequação na conduta dos rapazes em relação as demandas afetivas das jovens transexuais dando lugar a manifestação de transfobia e acusações de desvio<sup>5</sup>.

Entre os objetivos desta dissertação encontram-se a questão de como ocorre segundo a narrativa das entrevistadas, o processo de feminização em suas diversas etapas; delinear as relações e negociações com parentes e pares no momento de decisão pelo abandono da figura masculina; traz elementos de como ocorreu ou não o acesso a serviços de saúde, sejam estes públicos ou privados e investigar as variadas maneiras de lidar com a transexualidade na esfera dos relacionamentos amorosos. As dimensões do segredo, a publicização da identidade ou a adequação a normas e valores corriqueiras de gênero; descrevendo como as categorias de normalidade e desvio são elaboradas e como isso implica em estratégias para lidar com a discriminação. Em suma, busquei desenhar o quadro das relações amorosas das entrevistadas, quais seus ideais de relacionamento e parceiros.

As reflexões desta pesquisa foram em grande medida inspiradas pelo livro “Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário” (2004) de Maria Luiza Heilborn. Pela tradição de estudos sobre camadas médias urbanas, mas principalmente pela centralidade dos arranjos conjugais, identidade sexual e de gênero. Também pela sugestão da importância do amor para as mulheres nos relacionamentos.

No primeiro capítulo “Transexualidade: um breve panorama” é apresentado uma breve historicização da definição da transexualidade enquanto patologia; apresento também o Processo Transexualizador do Sistema Único de Saúde no Brasil. O objetivo principal do capítulo foi descrever como foi o acesso das entrevistadas a serviço de saúde: se buscaram serviços públicos ou privados e porque; como foi sua relação com médicos e outros

---

<sup>4</sup> A escolha dos objetivos desta dissertação se deu, em grande parte, a conversas com Rodrigo Borba no início de 2014 sobre que temas eram pouco abordados nos estudos sobre transexualidade.

<sup>5</sup> A preocupação com tais categorias deve-se a sugestão dada pela professora doutora Maria Cláudia Coelho à época da qualificação.

profissionais de saúde; descrever como fazem uso de hormônios sem indicação médica e apontar a ambiguidade do diagnóstico psiquiátrico de “transexual verdadeiro” na opinião das jovens.

No capítulo seguinte “Corpo, feminização e experiências juvenis”, o corpo aparece como comunicador social especialmente no que concerne ao gênero. Descrevo como ocorre o processo de feminização das jovens; o momento de descoberta da transexualidade; a relação das entrevistadas com o cabelo; a ojeriza a símbolos corporais lidos como masculinos; a utilização de hormônios e o consumo de roupas e maquiagens. Apresento as reações iniciais de recusa da família a este processo e as negociações feitas pelas moças para serem aceitas no núcleo familiar. A conciliação com a família faz-se necessária em algum nível já que por serem jovens as moças dependem financeiramente da família. Além disso, o referido capítulo também debate a concomitância do processo de feminização com a entrada na dimensão afetivo amorosa típica da experiência juvenil marcadas por modelos de “ficar”.

O capítulo seguinte, “Amor na construção do gênero”, propõe-se a explicitar a importância das relações amorosas na construção da identidade de gênero feminino. Para tal, apresento uma breve discussão teórica acerca do conceito de gênero e a trajetória amorosa das jovens entrevistadas. O amor aparece no discurso das jovens entrevistadas como um sentimento primordial: elas desejam formar pares e namorar com rapazes. Entretanto, não chegam a constituir este tipo de vínculo por se depararem com preconceito frente à transexualidade. Destaco a singularidade de suas experiências, especialmente as decepções amorosas e a formação de casais heterossexuais trans/trans como alternativa possível para a expectativa sentimental.

No último capítulo, “‘Eu sou a coisa’: desvio e normalidade”, discuto as abordagens teóricas sobre as noções de estigma e desvio. Uso no título desse capítulo uma fala de uma entrevistada que ilustra a abjeção que recai sobre a transexualidade. Descrevo como as moças lidam com situações de discriminação, com especial ênfase para as estratégias por elas elaboradas para combater a transfobia a partir do contexto das relações amorosas.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro jovens: Ana, Gabriela, Maria Eduarda e Vitória<sup>6</sup>. Eixos centrais foram abordados em todas as entrevistas: processo de feminização, trajetória sentimental, relação com a medicina, negociação com familiares e pares. Foram poucas as entrevistadas pois trata-se de uma experiência bastante circunscrita (tal qual a experiência dos “casais grávidos” analisados por Salem (2007) na década de 1980). Contudo,

---

<sup>6</sup> Todos os nomes são fictícios para manter o anonimato das entrevistadas.

as entrevistas foram longas e as trajetórias das jovens são extremamente singulares.

De acordo com a vontade de cada entrevistada para falar sobre suas experiências, perguntas espontâneas foram feitas. Por exemplo, nem todas as entrevistadas sentiram-se à vontade para contar sobre suas vidas sexuais e logo, o tema da família foi melhor explorado. O inverso também aconteceu, algumas entrevistadas preferiram falar de encontros sexuais a tocar no tema relações familiares.

Houve a possibilidade de propor as entrevistas de forma presencial ou virtual através de redes sociais. A primeira com pessoas residentes no Rio de Janeiro e a segunda de outros estados. O roteiro das feitas virtualmente foi mais flexível por depender da operação online e da disponibilidade de digitação da entrevistada. As entrevistas online se desdobraram em vários “chats” que não estavam aprioristicamente determinados e dependeram da vontade das entrevistadas.

No total foram entrevistadas quatro moças<sup>7</sup> com idades entre 18 e 22 anos. Maria Eduarda e Vitória são residentes do Rio de Janeiro e as entrevistas foram face a face com duração aproximada de três horas. Duda foi entrevistada em uma biblioteca no centro da cidade e Vitória na minha casa, residíamos no mesmo bairro à época da entrevista. Gabriela e Ana residem na região Nordeste e Sul do Brasil respectivamente e por isso as entrevistas foram feitas através de *chats* virtuais. Cada uma foi entrevistada duas vezes e cada entrevista durou cerca de duas horas.

A ferramenta utilizada para estas conversas virtuais foi o *inbox* do *Facebook*. O *Facebook* é uma rede social virtual na qual as pessoas criam perfis; adicionam amigos e conhecidos; pode-se seguir páginas de pessoas, empresas e organizações, há publicações de fotos, opiniões, narrativas de acontecimentos e *links* para outros sites. Todas essas atividades são públicas e podem ser vistas por outros usuários. O *inbox* é uma ferramenta de conversa privada entre uma ou mais pessoas e funciona nos moldes de outros *chats* virtuais como o *icq* e *Msn*. É um mecanismo de mensagem similar ao SMS e ao *e-mail*.

A utilização do *inbox* foi sugerida por Gabriela já que nossa interação ocorre por meio virtual e somos “amigas no *Facebook*”. Para encontrar as entrevistadas, utilizei-me do meu círculo de conhecidos e suas indicações.

As quatro entrevistadas estavam familiarizadas com pesquisas acadêmicas já que estão no ensino superior nas áreas de ciências humanas e artes. Assim, ao apresentar minha formação de cientista social com ênfase nos estudos de gênero, expunha a pesquisa sobre identidade de

---

<sup>7</sup> Em anexo consta uma breve descrição da trajetória das moças.

gênero e transexualidade em articulação com o tema da trajetória sentimental e juventude. A receptividade foi boa: como apontou uma entrevistada em um momento de descontração pós entrevista “quem não adora falar mal de ex?”. A formação universitária em ciências humanas influencia a visão de mundo delas e fica aparente em seus discursos como demonstrado adiante.

Os temas abordados nas entrevistas foram a trajetória sentimental, relacionamentos amorosos, o flerte, os modelos de formação de pares; quais as providências tomadas para a feminização, ida a serviços de saúde públicos e privados, utilização de hormônios, uso e consumo de vestimentas; a reação dos amigos e familiares, existência ou não de apoio emocional e financeiro da parte da família.

Importante frisar que existe uma diferença qualitativa entre as entrevistas presenciais e as virtuais já que nestas últimas não é possível observar as vestimentas, o gestual e perceber nuances como risadas, bocejos, gaguejos e hesitações. Entretanto, acredito que, mesmo com esta possível perda de observação, as entrevistas online ocorrem de forma similar as interações face a face (GOFFMAN, 1982) e por terem linguagem e códigos de interação próprios. Como o uso de *emoticons* que expressam sentimentos ( :) um sorriso, :( tristeza, <3 um coração e logo amor), abreviações funcionam como gírias e há ainda a possibilidade de enviar vídeos, músicas e fotos para ilustrar as situações possuindo assim uma riqueza comunicativa específica.

A internet foi fundamental para a pesquisa como um meio de acesso às moças. Ela é também um significativo marcador geracional, um mecanismo de interação e um elemento facilitador na formação de pares, como será à frente discutido (ILLOUZ, 2011).

A auto declaração como mulher transexual foi critério de inclusão na pesquisa de forma a lidar com a instabilidade da categoria sem recorrer à definição médica. Deparei-me com o deslizamento entre categorias (transexuais, travestis, homossexuais) em função da situação, evidenciando como as pessoas colocam-se de acordo com a situação e suas relações. Este traço – da mudança de persona na emissão de opiniões ou expressões de identidade – é um elemento recorrente em análises antropológicas desde o clássico trabalho de Evans-Pritchard sobre os Nuer (1978). Luiz Fernando Duarte (1986) cunhou a expressão “situacionalidade” para tal achado teórico do famoso antropólogo britânico. As jovens se auto declaram como mulheres transexuais, entretanto, ao longo de suas trajetórias já se identificaram como meninos *gays* e muitas vezes recorrem a categoria travesti para descrever suas experiências, a utilização da identificação travesti está especialmente ligada a uma posição política dentro do movimento social LGBTI para demarcar a situação de vulnerabilidade dessas pessoas. O deslizamento entre as categorias identitárias demonstra como os contextos atuam sobre a auto identificação.

A escolha de moças jovens justifica-se pela importância das primeiras relações

afetivas/amorosas na interiorização das regras de gênero (BOZON, 2003, p. 140) e por conveniência, já que estas se mostraram mais acessíveis em participar da pesquisa. A opção etária implica um enfoque diferenciado porque existem mudanças recentes a partir do aumento de visibilidade da causa transexual. Além disso, por uma questão geracional já que estas jovens tem acesso diferenciado a informação através da *internet* e seus processos de feminização são posteriores a criação do Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS).

A juventude é um momento importante na formação identitária; a adolescência se apresenta como um momento propício para adquirir novos gostos e experimentar coisas novas. Trata-se de uma fase na qual a tentativa e o erro são incentivados já que os sujeitos estão a adquirir autonomia, mas ainda não total independência financeira e familiar. A interpretação do senso comum da juventude como um momento de indecisão é aqui questionada socioantropologicamente a partir da valorização do discurso juvenil. Ainda que os jovens sejam vistos pelos adultos como irresponsáveis e até certa medida incapazes, a sociologia não deve fazer o mesmo. A transformação da identidade, dos gostos e a indecisão são características dos sujeitos das sociedades complexas como um todo e não exclusivamente da juventude.

Por fim, sigo a sugestão de Benedetti (2005), que fala de suas entrevistadas travestis no feminino para valorizar seu trabalho de construção de gênero e respeitar as reivindicações das organizações de travestis e transexuais. Assim como o autor, considero que não podemos ignorar o lado político do saber científico e, portanto, ao chamar as entrevistadas da pesquisa pelo gênero feminino pretendo contribuir politicamente para sua luta.

## 1 TRANSEXUALIDADE: UM BREVE PANORAMA

Neste capítulo discuto brevemente a história da transexualidade nos EUA a partir do caso de Christine Jorgensen e descrevo como a medicina, psiquiatria e psicologia elaboraram o “transexualismo” enquanto patologia, sua etiologia e tratamentos. Em seguida, discorro sobre o impacto dessas categorias no Brasil, mais especificamente na criação do Processo Transexualizador do Sistema Único de Saúde (SUS), e sobre a repercussão dessa definição na vida das entrevistadas e seu acesso aos serviços de saúde, tanto públicos quanto privados. Argumento, a partir de autores das ciências sociais e dos estudos de gênero, que a classificação da transexualidade como doença implica uma patologização de identidades de gênero não hegemônicas e reflito sobre as implicações possíveis da despatologização da transexualidade, especialmente graças à demanda do crescente movimento social.

Joanne Meyerowitz (2004), historiadora americana, descreve a história da transexualidade nos Estados Unidos a partir do caso de Christine Jorgensen. Do ponto de vista de Meyerowitz, a transexualidade construiu-se em larga medida através da publicidade em torno deste caso na mídia americana. Em 1952, Christine Jorgensen aparece em uma matéria no *New York Daily News* narrando sua “mudança de sexo” e a seguir ela se torna uma celebridade nacional.

Nascida em 1926 na cidade de Nova York, entra para o exército americano e luta na Segunda Guerra Mundial. No fim da guerra, retorna aos EUA e começa a tomar hormônios para adquirir características corporais socialmente lidas como femininas. Com a ajuda de um amigo, descobre um centro médico na Dinamarca onde cirurgias de modificação genital eram feitas. Em 1951, ela é operada e em seguida retorna aos EUA, onde sua história é contada em diversos jornais e revistas. A publicidade gerada despertou o interesse de indivíduos que se identificaram com a trajetória de Jorgensen e passaram a buscar médicos em busca de tratamentos semelhantes.

Dado que os sujeitos buscavam ajuda e intervenções em consultórios médicos e psicológicos, as duas disciplinas precisaram debater o fundamento dos “papeis sexuais”<sup>8</sup>. Entretanto naquele momento não havia consenso entre os médicos e cientistas sobre a determinação dos papéis sexuais; poderiam ser psicológicos, hormonais, sociais ou outros.

---

<sup>8</sup> O conceito de “papeis sexuais” à época era a definição corrente e pode ser comparado a ideia contemporânea de comportamentos generificados.

Apesar do debate, nos anos 1950, as explicações psicológicas prevaleciam e por isso tratamentos hormonais ou cirúrgicos não eram recomendados. Mesmo com uma crescente demanda, Jorgensen permanecia como exceção.

No início dos anos 1960 o cenário começa a mudar. Surge a noção de “sexo psicológico” produzida por Robert Stoller (1982). Segundo tal concepção, este consolida-se até os quatro anos de idade e depois não pode mais ser modificado. O “sexo psicológico” era entendido como permanente, assim a opção de tratamento que restava para os indivíduos adultos – que descreviam que sua identidade, comportamento e emoções não estavam de acordo com o corpo – era a intervenção cirúrgica e hormonal (MEYEROWITZ, 2014).

Com esta nova definição e a crescente demanda de pessoas por alterações corporais, centros médicos começam a surgir nos EUA. As pessoas que procuravam os centros eram diversificadas, mas tinham em comum o desejo – descrito pelos médicos como “obsessão” – de modificar o corpo. As pessoas que procuravam estes locais tinham convicção seja de que eram homens seja mulheres, mas seus corpos os traíam, tinham “nascido no corpo errado”.

Com a abertura de centros de pesquisa os médicos procuravam diferenciar várias “patologias”: distinguir homossexuais, transexuais, travestis. Tal movimento de diferenciação era também objeto de interesse dos próprios sujeitos da classificação, pois estes queriam demarcar diferenças entre as identidades de modo a ajudar na organização da luta política por demandas específicas.

Os centros eram poucos e por isso os médicos tinham grande poder de seleção sobre quem poderia participar do tratamento. Selecionavam de acordo com atributos não estritamente médicos como “heterossexualidade, discrição, inteligência e características adequadas a estereótipos do gênero desejado” (MEYEROWITZ, 2014).

O processo tenso nas clínicas incentivou as pessoas transexuais a se unirem em grupos. Concomitantemente, a ascensão do feminismo e do movimento *gay* questionavam padrões de gênero e sexualidade dominantes abrindo espaço para que outros grupos também o fizessem.

### 1.1 Debate sobre “transexualismo” na saúde mental.

O debate médico sobre a definição, etiologia e tratamento adequados para o “transexualismo”<sup>9</sup> que ocorreu nas décadas de 1950 a 1980, analisado pela historiadora americana Meyerowitz (2014), gira em torno de três figuras centrais: o psiquiatra Robert Stoller (1982), o endocrinologista Harry Benjamin (1966) e o psicólogo John Money (*apud* MEYEROWITZ 2014).

Os estudos críticos sobre o fazer científico põe em evidência que a discussão médica sobre normalidade e patologia não diz respeito somente a fatos, mas vale-se fortemente do campo dos valores (CANGUILHEM, 1990)

O “transexualismo” enquanto vivência e como doença deriva de uma sociedade que possua uma estrutura binária de gêneros. Depende também do entendimento que cada um desses gêneros estará necessariamente conectado a um corpo sexuado. Existem, no âmbito das sociedades ocidentais, normas de gênero que atribuem condutas e expectativas sociais aos indivíduos conforme seus corpos; o “transexualismo” é a patologia da qual padecem os que fogem desta regra.

Robert Stoller foi um psiquiatra americano e pesquisador na Clínica de Identidade de Gênero da Universidade da Califórnia em Los Angeles. Suas teorias sobre “identidade de gênero” foram muito importantes para a definição de “transexualismo”. Para Stoller, era necessário distinguir os “verdadeiros transexuais” de sujeitos com outras patologias conectadas a “identidade de gênero” e orientação sexual para garantir o tratamento adequado.

O “verdadeiro transexual”, para ele, é “uma pessoa anatomicamente normal que se sente como membro do sexo oposto e, conseqüentemente, deseja trocar seu sexo, embora suficientemente consciente de seu verdadeiro sexo biológico. ” Para Stoller a causa do “transexualismo” seria o não desenvolvimento do complexo de Édipo na infância (1982, p. 28).

Para sumarizar até esse ponto: uma mulher bissexual, cronicamente deprimida, com uma intensa inveja do pênis, e um desejo apenas parcialmente suprimido de ser homem, casa-se com o único tipo de homem que lhe é possível – um homem distante, passivo, embora não efeminado, que não agirá como um competente marido ou pai. Então, se ela tem um filho bonito e gracioso, o mantém tão perto de si física e emocionalmente, que por volta do primeiro ano ele já mostra tendências femininas.

---

<sup>9</sup> O sufixo “ismo” na psiquiatria indica uma patologia enquanto o sufixo “ade” reivindicado pelo movimento social – em transexualidade – indica um estado e não tem conotação negativa. Assim, utilizo o termo transexualismo entre aspas para indicar a patologização de tal condição.

(STOLLER, 1982, pg. 27)

Stoller entende que se o “transexualismo” for diagnosticado na infância seria possível revertê-lo através de terapia psicológica. Seria o papel do terapeuta representar uma figura masculina de modo a induzir o complexo de Édipo na criança e reverter qualquer tendência à feminização<sup>10</sup>.

A teoria stolleriana sobre “identidade de gênero” é paralela à concepção feminista<sup>11</sup> de gênero da época. Ambos definem o gênero como os significados culturais, históricos e psicológicos associados ao sexo, sendo este anatômico, morfológico e fisiológico.

Pode parecer paradoxal que a definição de “identidade de gênero” como socialmente construída abra precedentes para tratamentos psicológicos, intervenção cirúrgica e hormonal. Entretanto, para o autor a “identidade de gênero” fixa-se no psicológico dos sujeitos até os quatro anos. Depois dessa idade a ideia que a pessoa tem de si não pode mais ser modificada, mas seu corpo pode ser adequado a este pensamento. Assim, a intervenção cirúrgica aparece não como forma de normalizar a pessoa que continuará padecendo do “transexualismo”, mas de aplacar o sofrimento individual. De qualquer forma, para o psiquiatra o ideal é diagnosticar tal tendência na infância e corrigi-la através de terapia.

John Money foi um psicólogo e sexologista envolvido no debate sobre “hermafroditismo”, fundou a Clínica de Identidade de Gênero do Hospital John Hopkins nos Estados Unidos. Assim como Stoller, o psicólogo entendia que os comportamentos generificados eram aprendidos e não inatos.

Nos anos 1960, Money se envolve com um caso hoje considerado emblemático. David Reimer nasceu com pênis e foi classificado como fazendo parte do sexo masculino. Entretanto, ainda criança sofre um acidente que mutila sua genital. Neste momento, os pais da criança de dois anos recorrem a John Money. O médico aconselha que ele passe por uma cirurgia genital e a partir desta a criança é criada como menina. Money considera o caso de Reimer como prova que a identidade de gênero é socialmente construída na infância. Entretanto, Reimer chega a adolescência e recusa a identidade feminina e começa a se auto identificar como homem, casa e adota os filhos da nova esposa. Com 38 anos Reimer comete suicídio. O caso pode funcionar como uma acusação contra o princípio construtivista da identidade de gênero. Contudo, Corrêa

---

<sup>10</sup> Em seu estudo de 1975 chamado “A experiência transexual” Stoller baseia sua teoria em estudos de caso com “meninos” que se entendiam enquanto “meninas” e abrange sua teoria a partir do entendimento que com “meninas masculinizadas” o mesmo princípio se aplicam, mas a partir do Complexo de Elektra.

<sup>11</sup> No capítulo 3 analisarei as discussões acadêmico feministas sobre o conceito de gênero a partir de autoras como Gayle Rubin (1986), Joan Scott (1990) e Judith Buler (2003).

(2004) analisa o caso e entende que quando foi operado para feminizar-se Reimer já poderia ter se identificado com o papel masculino já que era uma criança de dois anos.

Harry Benjamin foi um endocrinologista alemão radicado nos EUA. Para o médico, o sexo era um conceito complexo composto por diversas esferas: cromossômica, genética, gonadal, endocrinológica, anatômica, legal, psicológica e social. Para Benjamin (1966), a sintonia entre essas esferas caracterizava o sujeito normal. Entretanto, existe uma hierarquia entre estas dimensões na qual o sexo cromossômico e genético tem prioridade sob os outros.

Assim como Stoller e Money, Benjamin compreende que o senso de identidade dos sujeitos não pode ser alterado e por isso recomendava tratamento hormonal para seus pacientes. O “sexo verdadeiro” não era modificado, mas a aparência da pessoa poderia ser. Na perspectiva do endocrinologista os sujeitos transexuais viveriam uma espécie de farsa.

Apesar dos diferentes entendimentos que estes três autores construíram sobre o “transexualismo”, suas teorias convergiram no que concerne ao status do sexo biológico como imutável e primordial em relação ao gênero; na necessidade de diferenciar o “transexualismo” de outras doenças como o “homossexualismo” e o “travestismo” e na importância do tratamento hormonal e cirúrgico para suavizar o sofrimento dos sujeitos ainda que não houvesse possibilidade real de “cura”. Por último, esses estudiosos definiram a importância do diagnóstico psicológico e psiquiátrico como condição de acesso para os tratamentos.

O consenso sobre a noção de que o “verdadeiro sexo” seria o biológico e a ideia de que tratamentos hormonais e cirúrgicos teriam mais sucesso que a psicanálise estava de acordo com o clima de modificações que envolvia a psiquiatria nos anos 1980.

Jane Russo (2004) assinala o DMS III<sup>12</sup> como o marco da virada biológica no campo da saúde mental. Segundo a autora, a partir deste momento a definição e classificação dos transtornos mentais torna-se central em oposição ao paradigma psicanalítico anterior. Essa biologização do humano “atingiu especialmente os transtornos/desvios relacionados à sexualidade e ao gênero” (2004, p. 96).

Para Benjamin, por exemplo, a base orgânica do “transexualismo” ainda não havia sido descoberta, mas isto era apenas uma questão de tempo. O médico era antipático à psicanálise e procurava respostas na endocrinologia (HENRI-CASTELL, 2001).

Essas teorias formam a base do conhecimento sobre a transexualidade e tiveram

---

<sup>12</sup> O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM) é um manual para profissionais da área da saúde mental que lista diferentes categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (*American Psychiatric Association* - APA). É usado ao redor do mundo por clínicos e pesquisadores bem como por companhias de seguro, indústria farmacêutica e parlamentos políticos.

influência na formação do “Processo Transexualizador” do Sistema Único de Saúde como será discutido no final deste capítulo. Entretanto, o alcance dessas teorias está para além dos limites da discussão médica.

Maria Eduarda<sup>13</sup>, uma das entrevistadas deste estudo, relata que ao realizar pesquisas sobre o tema encontra artigos sobre as teorias de Stoller e Benjamin. Duda narra o alívio inicial ao descobrir que “o que eu tenho tem nome”; é, contudo, tal sensação é logo substituída pelo sofrimento por ter uma doença sem cura. A patologização do “transexualismo” causa danos individuais graves.

(...) pra você ter uma noção eu fiquei obcecada pelo tema, eu li tudo que eu pude ler e o que foi mais triste foi que eu comecei a ler através de textos médicos (...)

(...) no meu caso foi difícil entender as nomenclaturas e referências e foi difícil pelo estigma<sup>14</sup> que todo instante estava sendo reforçado... mas o efeito psicológico é terrível porque você acaba acreditando.

Acabei acreditando que eu deveria cumprir um certo ritual de purificação com meu corpo de estar doente, de não ter cura, de ter que fazer tratamentos, disso tá num nível cerebral porque esses estudos apontam pra uma certa diferença anatômica entre os cérebros e generificam os cérebros e eu ficava angustiada com isso, foi muito difícil essa fase.

O diagnóstico é central e paradoxal porque ele simultaneamente oferece conforto inicial dando sentido a experiência individual e é violento porque traz a possibilidade de estigmatização já que a pessoa é considerada doente.

---

<sup>13</sup> Maria Eduarda é uma das informantes da pesquisa e foi entrevistada presencialmente. A jovem tem 21 anos.

<sup>14</sup> Maria Eduarda é estudante de um curso de ciências humanas e por isso tem o vocabulário próximo ao da sociologia e antropologia.

## 1.2 Brasil: o Sistema Único de Saúde e o Processo Transexualizador<sup>15</sup>

O Sistema Único de Saúde (SUS) foi instituído pela Constituição Federal de 1988 como resposta ao mandamento constitucional do direito à saúde como um “direito de todos” e um “dever do estado”. O SUS baseia-se nos princípios da universalidade, integralidade, equidade, descentralização e participação social<sup>16</sup>.

O Ministério da Saúde define o processo transexualizador como

um conjunto de estratégias assistenciais para transexuais que pretendem realizar modificações corporais de sexo, em função de um sentimento de desacordo entre seu sexo biológico e seu gênero.<sup>17</sup>

Esse procedimento foi regulamentado em 2008 através da Portaria número 457 do Conselho Federal de Medicina. Em 2013, o Ministério da Saúde ampliou a abrangência o processo transexualizador. A nova regulamentação aumentou o número de procedimentos ambulatoriais e hospitalares, incluiu procedimentos de redesignação sexual para homens trans<sup>18</sup>, incorporou pessoas que se identificam como travestis, reduziu a idade mínima para acompanhamento clínico e hormonoterapia para 18 anos e acrescentou a plástica mamária com prótese de silicone e outras cirurgias corretivas.

Ainda assim a demanda pelos serviços é maior do que a oferta e a maioria das pessoas que procura os serviços públicos espera na fila por anos para participar ou então acaba recorrendo a serviços privados de saúde.

Por ser considerado um “procedimento irreversível”, algumas condicionantes antecedem o processo: maioridade civil, acompanhamento psicoterápico por pelo menos dois anos e laudo psiquiátrico/psicológico favorável que ateste o diagnóstico de “transexualismo”.

Apenas seis hospitais públicos no país são habilitados para a realização da redesignação sexual: o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, Goiânia (GO); o Hospital das Clínicas de Porto Alegre, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS); o Hospital Universitário Pedro Ernesto da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (RJ); a Fundação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (SP) e o Hospital das Clínicas da Universidade de Pernambuco em Recife (PE). Para realizar o Processo

<sup>15</sup> Essa discussão me foi sugerida pelo Professor Guilherme de Almeida à época da qualificação.

<sup>16</sup> Ver PAIM, Jairnilson Silva. **O que é o SUS**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. 144 p

<sup>17</sup> [www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2013/03/cirurgias-de-mudanca-de-sex-sao-relaizadas-pelo-sus-desde-2008](http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2013/03/cirurgias-de-mudanca-de-sex-sao-relaizadas-pelo-sus-desde-2008) acesso dia 13/10/2015

<sup>18</sup> Pessoas que se identificam como homens, mas que foram classificadas como mulheres no nascimento. Os procedimentos mais requisitados por homens trans em serviços de saúde são a hormonização e a retirada dos seios.

Transexualizador os hospitais precisam dispor de equipe multidisciplinar composta de médico-psiquiatra, cirurgião, psicólogo, endocrinologista e assistente social.

Para se ter acesso ao atendimento nesses serviços, o sujeito precisa passar por uma avaliação psicológica que dura dois anos. Após esse período, o diagnóstico será confirmado ou negado.

O Conselho Federal de Medicina considera transexual o portador de desvio psicológico permanente e identidade sexual, com rejeição do fenótipo e tendência à automutilação e autoextermínio, justificando sua inclusão na CID. A definição do *transexualismo* deve obedecer aos seguintes critérios *mínimos*: a) desconforto com o sexo anatômico natural; b) desejo expresso de eliminar os genitais, perder as características primárias e secundárias do próprio sexo e ganhar as do sexo oposto; c) permanência desses distúrbios de forma contínua e consistente por, no mínimo, dois anos; e d) ausência de outros transtornos mentais. (BARBOZA e SCHRAMM, 2012, P. 20)

O processo transexualizador é estabelecido segundo três princípios; a autonomia que prescreve que a pessoa “é competente para decidir sobre sua vida”; a igualdade de acesso à saúde que deve ser universal “sem preconceitos ou privilégios” e a beneficência já que o objetivo do tratamento hormonal e cirurgia é “fazer o bem” ao indivíduo (BARBOZA e SCHRAMM, 2012).

Pode-se questionar se esses princípios realmente estão sendo respeitados. O diagnóstico pode ser negado, impossibilitando que a pessoa tenha autonomia para dispor do seu próprio corpo. Isto implica que o acesso ao serviço não é universal e nega a beneficência já que resta ao sujeito permanecer em estado de sofrimento ou recorrer a maneiras não seguras de modificação corporal, como a “bombaço”<sup>19</sup>.

Segundo o psiquiatra Saadeh e a psicóloga Monteiro Cordeiro, no capítulo intitulado “Abordagem diagnóstica e acompanhamento pré-operatório de transtorno de identidade de gênero” do livro “*Transexualidade: princípios de atenção integral à saúde*”, de 2012, o “transexualismo” é de difícil diagnóstico. Ainda assim, é imperativo que a equipe tenha certeza de que o candidato à cirurgia seja realmente transexual.

Para assegurar o acesso ao procedimento, o candidato precisa demonstrar que “a crença de ser membro do sexo oposto” está presente desde a infância, precisa rejeitar completamente os genitais e demonstrar desejo heterossexual, isto é, uma mulher transexual precisa se sentir atraída por homens e um homem transexual por mulheres.

Para acompanhar o processo existe ainda o “teste de vida real” que é a capacidade de

---

<sup>19</sup> A “bombaço” é uma prática que consiste na injeção de silicone industrial para criar seios, arredondar quadris, coxas e nádegas. É uma prática perigosa porque o silicone aplicado é feito para veículos automobilísticos e pode “escorrer” dentro do corpo da pessoa o que pode levar ao óbito.

viver o gênero desejado. Segundo Bento (2006), isto é traduzido, na expectativa da equipe, na ideia de que mulheres transexuais ajam segundo padrões convencionais de feminilidade, isto é, que sejam discretas, sensíveis, maternais e homens trans apresentem comportamentos definidos como masculinos de virilidade e racionalidade. Portanto, o “teste de vida real” traduz-se em uma exigência moral e não médica que reconhece apenas um tipo de trajetória e narrativa de gênero (BENTO, 2006).

Márcia Arán (2012) entende que esse modelo pode ser modificado dentro do próprio SUS, já que a noção de saúde adotada pelo sistema não significa apenas ausência de doença, mas inclui também o não sofrimento psicológico.

Almeida (2012) salienta que nem todas as pessoas que procuram o serviço desejam as mesmas intervenções. Entretanto, a concepção inerente ao Processo Transexualizador é de única trajetória possível de modificações corporais. Para algumas pessoas, a hormonização é suficiente, outros desejam somente a cirurgia. Este tipo de escolha não é possível no modelo atual. Assim, um conjunto de pesquisadores – Almeida (2012), Arán (2012), Bento (2006) e Borba (2004) – estão de acordo com as críticas à proposta do Processo Transexualizador. Marcia Arán (2012) e Almeida (2012) entendem que o SUS pode suprir as demandas da população trans sem recorrer ao modelo da patologização. Para Almeida a despatologização da transexualidade é uma questão de direitos humanos pois ao excluir os chamados “falsos transexuais” acaba por deixar tais indivíduos em situação de vulnerabilidade.

Outro problema amplamente discutido pelos estudos sobre transexualidade é o tópico do nome social<sup>20</sup> e do registro civil. Autores que se dedicam a questão jurídicas e éticas associadas à “mudança de sexo” assinalam que o direito brasileiro adota sem revisão ou crítica as definições médicas no referente à transexualidade. Por exemplo, a alteração do nome e sexo no registro civil só é possível após a cirurgia de transgenitalização e por sua vez esta requer o diagnóstico de “transexualismo”. Os autores reiteram que tanto o direito quanto a medicina, nesses casos, anulam a autonomia dos sujeitos em prol de moralidades dominantes. A condicionalidade da alteração do registro civil mostra a soberania do determinismo biológico frente ao direito à identidade e disposição do próprio corpo (VENTURA, 2010; VENTURA e SCHRAMM, 2009). A situação jurídica brasileira difere, por exemplo, da argentina. O direito argentino não estabelece a exigência cirúrgica para mudança do registro civil.

Uma de minhas entrevistadas tentou ter acesso ao Processo Transexualizador no SUS. Ela descreve a experiência

---

<sup>20</sup> O nome escolhido pela pessoa que combina com sua identidade de gênero.

**Duda:** Então, foi muito complicado, eu fui com uma amiga, a gente não sabia aonde se dirigir dentro do Hospital. A gente fez uma peregrinação pelo hospital e descobrimos que o centro de urologia é o que atende, cheguei lá e era abril de 2012. Aí a mulher me falou que só teria vaga em novembro, eu respondi “até lá o que eu faço? Eu me mato?” (*risos*). Aí eu fiquei com muito trauma em relação ao Hospital e pensei em fazer por conta própria, no particular.<sup>21</sup>

Vitória<sup>22</sup> narra situação semelhante de falta de informação e impossibilidade de participar do processo.

**Vitória:** Durante um ano ou dois não sabia de nada e eu perguntava pra amigas iniciantes e não tinham informação. Pra você ter uma ideia, eu fui no Hospital cinco vezes e não achei o lugar, eu perguntava lá dentro e ninguém sabia. Eu entrava e perguntava “eu to procurando o lugar do processo transexualizador, pra fazer a cirurgia de redesignação sexual” e ninguém sabia me falar nada, só dizia “em janeiro, só em janeiro”, mas essa era a resposta pro setor da pessoa, de raio x sei lá. Aí eu ficava crente que era em janeiro, voltei lá cinco vezes e não achei o lugar e desisti. Até que um dia eu comecei a conversar com um menino trans pelo *Facebook* e ele tava frequentando o hospital e ele falou “vai comigo, eu tenho consulta marcada e te mostro aonde é”, aí eu fui com ele e graças a Deus consegui me consultar no dia (*com o psiquiatra do serviço*)... conversei com ele e nem ele sabe explicar como faz direito, é muito bagunçado porque são coisas completamente separadas. O Hospital tem os departamentos de saúde de cada coisa, raio x, endocrinologista, urologista, ginecologista, são vários setores, um corredor que é de urologia, ginecologia e endocrinologista, um corredor que é raio x, um andar que é psicologia. Pro médico, o que é fazer o processo transexualizador é conseguir consultas com um endocrinologista, um urologista, com o psiquiatra, ele próprio, e uma psicóloga pra você completar o processo transexualizador e eles te darem o laudo “você é transexual” e pode fazer as cirurgias.

**Brena:** você tem que passar por todas essas pessoas?

**Vitória:** Sim, só que são coisas completamente separadas, você é tratada como uma pessoa qualquer diante do urologista, diante do endocrinologista, não é um processo só pros transexuais, você entra na fila comum, só a parte de psiquiatria que é especializada. Pra ele (*médico do hospital aonde foi atendida*) o resto do hospital é voltado pras transexuais, mas na prática não é, a ideia é ter um programa só pra gente, mas não é. Então ele fala assim “pra você fazer o tratamento você tem que ir na

<sup>21</sup> Duda foi entrevistada presencialmente; tem 21 anos de idade.

<sup>22</sup> Vitória foi entrevistada presencialmente; tem 22 anos de idade.

endocrinologista vou te dar um encaminhamento”, como se você fizesse parte de um processo especial, só que não é, achar a urologia, descobrir que não era uma coisa fácil, colocada pra gente, que tinha que entrar na fila comum, tem que madrugar. Só que a urologia tá completamente lotada, eles tão com tanto paciente acompanhando que não tem como admitir novas pessoas e o psiquiatra não dá o laudo enquanto você não tiver acompanhamento urológico e endocrinológico, então tem gente que tá lá cinco anos e não ganhou o laudo.

Por esses motivos tanto Duda quanto Vitória resolveram recorrer à automedicação e a médicos particulares. Ainda assim, a ida a médicos particulares não significa um atendimento melhor.

Duda relata que procurou uma médica listada em seu plano de saúde que se recusou a atendê-la.

**Duda:** Me dirigi até o consultório dela, fui atendida por ela, chegando lá ela disse que não atenderia pessoas do meu tipo e eu questionei ela e disse “pessoas do meu tipo como? ”, e ela “assim do seu tipo, até que você é normal, mas geralmente as pessoas que são como você são muito problemáticas. Teve uma vez que uma travesti tentou me matar no hospital. ”. Fiquei perplexa com uma visão totalmente preconceituosa, que generaliza, que estigmatiza e que reforça estereótipos dessa médica e pra mim foi muito impactante aquilo de um modo que eu não consigo nem mensurar.

**Brena:** A pessoa do seu plano de saúde se recusou a te atender?

**Duda:** O plano de saúde que paga, ela não me atendeu e disse que não atenderia pessoas do meu tipo. Eu saí do consultório muito deprimida e dei um tempo, porque eu falei não sei mais o que fazer. Já estavam entrando em escassez as minhas possibilidades.

Já Vitória foi bem tratada pelo médico, entretanto, ele não tinha conhecimentos suficientes para atendê-la e a jovem acabou ensinando-o quais eram os melhores medicamentos. Pela falta de informação do profissional, Vitória volta-se cada vez mais para a *internet* como fonte principal de informação e vai ao médico apenas como consultor.

**Vitória:** Juro por Deus que no dia que eu sentei com o endocrinologista eu sabia mais do que ele. Sentei com ele uma vez, com um particular, e aí eu comecei a falar de hormônios que ele não conhecia, e eu falei “po, você não conhece esse, dizem que tem a formula mais parecida com a humana, 17 beta estradiol” e ele “ah, não” e ele até anotou (risos), disse que ia pesquisar. Eu já tava tomando um hormônio que,

conversando com transexuais na internet e pesquisando na internet eu descobri que era o mais indicado. Ele não é pra humanos, porém é estradiol puro, porque a gente não precisa de progesterona, tanto o homem quanto a mulher produz progesterona. A progesterona regula as atividades uterinas, a gente não tem útero, então a gente não precisa, numa mulher ela serve pra controlar a atividade do útero, ela só aumenta na menstruação, a gente não tem útero então não precisa e a progesterona quando fica em excesso no sangue ela acaba gerando leite, hiper produção mamária, pode gerar um inchaço que pode levar ao câncer, então remédios com progesterona não se pode tomar porque a chance de ter câncer e de sobrecarregar o organismo é muito maior.

**Brena:** você aprendeu tudo na internet?

**Vitória:** Tudo na internet, e esse outro hormônio era o único injetável no Brasil com estradiol puro. Pílula não é legal de tomar, existe pílula e gel de estradiol puro, o problema da pílula é que grande parte não é absorvida, o fígado atua diminuindo os excessos, quando você faz a digestão o alimento passa pelo fígado e diminui a quantidade do estradiol que você ingeriu oralmente, pra eu ter a quantidade ideal eu teria que tomar uma quantidade de comprimidos enormes que sobrecarrega o fígado e fica caro. O melhor estradiol é o mais parecido com o humano, o elamax. Ele é recomendado pra mulheres na menopausa, porque ela para de produzir o estrogênio e não precisava mais de progesterona porque o útero não está mais atuando, precisa só de reposição do estrogênio porque vai perder caracteres secundários e pode masculinizar porque vai produzir mais testosterona e o próprio estradiol faz uma inibição da testosterona.

**Brena:** você toma injetável?

**Vitória:** sim, o gel não é bom porque você pode encostar em alguém e passar estradiol pra pessoa (risos) e (...). Desde sempre eu tomo ele e eu senti mais resultados com ele. Teve uma época, no início, eu tomei anticoncepcional artificial e até pra mulher não é muito recomendável, porque é artificial então ele pode dar várias coisas. É meio perigoso, mas depende do organismo da pessoa, tem gente que não reage bem, que o organismo rejeita porque é criado em laboratório. Pras transexuais é muito perigoso, pra mulheres é mais tranquilo. Aí eu parei e comecei a tomar o comprimido de estradiol puro, mas tava me dando um nível muito baixo e já tinha um consenso nas pesquisas que eu fazia de qual nível que eu tinha que ter.

**Brena:** você fazia o exame de sangue e via você mesma quais os níveis você queria?

**Vitória:** Sim! (risos) não dependia de ninguém, é bom, mas dá um medinho, se eu não tenho isso nas minhas mãos, eu vou me virar, não vou deixar de fazer, eu fiz o que era possível.

Vitória pode ser classificada como uma “paciente expert” no sentido atribuído por

Dumit (2012). O autor entende que as pessoas estão cada vez mais preocupadas com a saúde e que os fármacos estão mais presentes na vida diária e que recebemos muitas informações sobre essas substâncias. Os sujeitos não ficam passivos diante dessas informações. Portanto, uma maneira de lidar com os fármacos é justamente procurar saber o máximo possível sobre eles, fazer pesquisas, saber as próprias taxas e estar sempre vigilante – fazendo exames, lendo informações, indo ao médico com frequência. O “paciente expert” busca ativamente conhecimento sobre as substâncias que toma e sobre seu próprio corpo (DUMIT, 2012).

### 1.3 A patologização do gênero

A definição médica patologizante da transexualidade utilizada no SUS vem sendo questionada por diversos autores (Bento, 2006; Arán e Murta 2009; Ventura, 2010; Leite Junior, 2011; Borba, 2014).

“A definição da transexualidade como ‘transtorno’ ou ‘doença’ baseia-se em uma determinada concepção de gênero” rígida e tradicional (BENTO, 2006, pg. 17). A partir de entrevistas com homens e mulheres transexuais a antropóloga Berenice Bento demonstra que a teoria de Stoller, psiquiatra, fundamentada na relação da pessoa com a mãe, não é coerente com a realidade. As relações de seus entrevistados com a família eram diversas. Assim, partindo da experiência dos entrevistados, a autora questiona a definição do “transexualismo” enquanto patologia e entende que o corpo transexual demonstra a plasticidade do corpo humano.

Para Côrrea (1998) a transexualidade desafia a medicina enquanto disciplina “naquilo que talvez seja mais exclusivo ao discurso médico sobre o sexo e a sexualidade: sua definição anatômica da diferença sexual e sua concepção biologizante da determinação genética dos sexos” (p.70).

O caso que melhor ilustra a fragilidade e a incongruência deste sistema de determinação do sexo pela medicina, é o caso do transexual. Coerente genética, hormonal e anatomicamente, o transexual consegue fazer valer uma norma excepcional, que tem por base uma “*convicção absoluta*” e uma “*vontade indiscutível*” de pertencer ao sexo oposto àquele que seus genes, hormônios e órgãos sexuais normais atestam (termos utilizados em tratados médicos sobre o transexualismo)... o transexual talvez seja o único caso sobre o qual seria possível falar, hoje, em termos de perversão ou transgressão; não de uma norma medicamente estabelecida, mas da própria instância instauradora da norma: a medicina. (CÔRREA, 1998, pg. 90)

A maioria das pessoas transexuais que procura os serviços de saúde já se automedicou de alguma forma. As modalidades mais comuns de automedicação são o consumo de hormônios sem aconselhamento médico e o que é conhecido como “bombaço”: a injeção de silicone

industrial para criar seios e feminizar glúteos. O acesso às informações é obtido por pares ou por sites na internet.

Segundo Arán e Murta (2009), a população trans, no Brasil, vive em constante vulnerabilidade e encara a cirurgia como uma salvação, uma vez que esta permite a inclusão social. Entretanto, algumas pessoas desejam apenas a mudança na documentação e não a cirurgia, “o que nos faz pensar que a cirurgia não necessariamente seria indicada se vivêssemos num mundo onde a diversidade de gênero fosse possível” (ARÁN e MURTA, 2009, p. 19). Algumas pessoas já são reconhecidas da forma como querem e tem vida afetiva e sexual satisfatória, e só gostariam de modificar o registro civil. Outras podem considerar a cirurgia fundamental. Existem múltiplas possibilidades e “a individualização do cuidado é parte constitutiva de qualquer projeto baseado na integração da assistência” (ARÁN e MURTA, 2009, p.21).

O diagnóstico é uma forma de estabelecer uma única maneira de vivenciar a transexualidade e por isso causa exclusão.

Isso implica que as pessoas excluídas busquem as modificações corporais (implante e aplicação de silicone, ingestão de hormônio e outros) no mercado clandestino... o que implica riscos e mesmo danos irreversíveis para a saúde e integridade física. (VENTURA, 2010, pg. 88)

#### 1.4 Mudanças recentes no cenário médico e legal a partir da pressão do movimento social

As críticas acadêmicas ao modelo médico atual de tratar a transexualidade estão em ressonância com a maior visibilidade do movimento transexual e já tem tido algum impacto de transformação. Recentemente, no DSM V<sup>23</sup> o termo “Transtorno de Identidade de Gênero” foi substituído por “Disforia de Gênero”. Os critérios para o diagnóstico são praticamente os mesmos, mas a mudança de nomenclatura indica respeito a diversidade de identidades de gênero por não “patologizar” a experiência. Além disso, a APA<sup>24</sup> entende que o novo termo é mais descritivo que o anterior, sem que a falta de diagnóstico impeça o acesso aos serviços de saúde.

Contudo, o pressuposto do problema mental permanece, já que a categoria permanece no Manual. Esta mudança é recente e ainda não provocou qualquer modificação na maneira como o Processo Transexualizador acontece no SUS.

A par dessas mudanças, a transexualidade vem ganhando visibilidade midiática através de personalidades e o movimento transexual ganha mais reconhecimento. Lima Carvalho (2011) assinala que o movimento transexual no Brasil- diferentemente das outras causas LGBT – só conseguiu inserir a transexualidade no debate público nos anos 1990 com a ampla popularidade de Roberta Close.

Até o final dos anos 1990, a palavra transexual não era utilizada no país. Existiam organizações de travestis, como a Associação das Travestis e Liberados (ASTRAL), fundada em 1992. Esses grupos de travestis formavam-se através de dois modelos; a partir da luta contra violência policial em relação à prostituição e através de ONGs que lutavam contra a epidemia de HIV/AIDS.

Essas organizações de travestis compartilhavam espaços do movimento de *gays* e *lésbicas*; em 1995 funda-se a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT). Nos anos 2000, o T passa a referir-se também a transexuais por influência do movimento LGBT internacional. Inicialmente, a palavra transgênero foi rejeitada no Brasil, por ser um estrangeirismo e pela confusão com a palavra “transgênico”, assunto em voga à época. O termo

---

<sup>23</sup> O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM) é um manual para profissionais da área da saúde mental que lista diferentes categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (*American Psychiatric Association* - APA). É usado ao redor do mundo por clínicos e pesquisadores bem como por companhias de seguro, indústria farmacêutica e parlamentos políticos.

<sup>24</sup> Associação Americana de Psiquiatria (*American Psychiatric Association* - APA).

“transexual” foi incorporado aos poucos.

Enquanto os grupos de travestis surgem nos anos 1990 em função da violência e AIDS os grupos de transexuais surgem nos anos 2000 reivindicando procedimentos médicos, mudanças na legislação sobre registro civil e a despatologização.

A luta pela despatologização cresce no Brasil nos últimos anos e tem se desdobrado em ações como a campanha “Sou trans e mereço respeito”. A luta pela aprovação da Lei João Nery<sup>25</sup> - projeto de lei que tem como pretensão permitir que pessoas transexuais tenham seu gênero e nome modificado nos registros civis sem precisar da cirurgia – também contribuiu para maior publicização da questão transexual. É uma lei que pretende garantir o direito à identidade de gênero segundo declaração, bastante próxima à lei argentina de 2012.

No cenário internacional, outros eventos tem promovido maior visibilidade midiática da transexualidade nos últimos anos. São destaque Laverne Cox, primeira mulher transexual a receber um Emmy de melhor atriz pelo seu papel na série “*Orange is the new black*”, e Caitlyn Jenner. Caitlyn, antes conhecida como Bruce Jenner, ganhou a medalha de ouro pelos EUA nos Jogos Olímpicos de 1976 tornando-se um herói no país por ter vencido a União Soviética em pleno período de Guerra Fria. Nos anos 2000 participa de um *reality show* chamado “*Keeping up with the Kardashians*” que versa sobre as irmãs Kardashians. Jenner participa do *reality* enquanto padrasto das protagonistas. No início de 2015, Jenner revela para o mundo ser uma mulher transexual. Desde então, ela tem atuado como porta voz do movimento transexual. A história de Jenner é similar à de Jorgensen narrada por Meyerowitz (2014). Ambas estavam em posições sociais entendidas como extremamente masculinas – Jenner como atleta e Jorgensen no Exército – e fazem a transição de forma pública, dando entrevistas nos principais meios de comunicação.

Ainda no meio internacional e jornalístico, o jornal *The New York Times* lançou uma série de artigos sobre transexualidade ao longo do ano de 2015.

No Brasil, importante destacar o episódio do programa *Globo Repórter* sobre transexualidade em novembro de 2014 e a notabilidade de Thammy Gretchen, filho da cantora Gretchen, que em 2015 assumiu-se enquanto homem transexual e também tratou de sua transição de forma pública, participando inclusive do programa de entrevistas na TV do *Programa do Jô* em julho de 2015.

A recente visibilidade é importante para as entrevistadas, porque elas se posicionam enquanto parte do movimento social e lutam especialmente pelo reconhecimento do nome

---

<sup>25</sup> João Nery é um homem transexual notório no Brasil por ter escrito suas memórias no livro “Viagem Solitária” de 2011.

social entendendo-se que nenhuma delas pode ter o registro civil modificado. Tais mudanças no ambiente público não tiveram efeitos práticos nem no Processo Transexualizador nem nos consultórios particulares, segundo o relato das entrevistadas, o que nos leva a considerar limites da difusão do debate sobre transexualidade.

## 2 CORPO, FEMINIZAÇÃO E EXPERIÊNCIAS JUVENIS

Este capítulo gira em torno de três eixos: o processo de feminização enquanto projeto (VELHO, 1994), a juventude e as experimentações amorosas das entrevistadas. Para tal, analiso o corpo enquanto comunicador social especialmente no que diz respeito ao gênero. Descrevo o processo de feminização a partir da narrativa nativa e ressalto a importância da *internet* como fonte de informação e para a sociabilidade das jovens como marcador geracional e etário.

O corpo é perpassado por um tratamento social e cultural de forma a “encarnar” diversos símbolos (LE BRETON, 2011, p.7). Segundo o autor, a noção de corpo na modernidade está atrelada ao individualismo<sup>26</sup>.

O corpo contemporâneo é apanágio do indivíduo; é o que o separa dos outros e do mundo externo. Esta concepção do corpo é basal nas sociedades ocidentais contemporâneas e é em grande medida tributária da medicina.

O corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si... Ele nunca é um dado indiscutível, mas o efeito de uma construção social e cultural. A concepção mais correntemente admitida nas sociedades ocidentais encontra sua formulação na anatomofisiologia, isto é, no saber biomédico. Ela repousa sobre uma concepção particular de pessoa, que faz o ator social dizer “meu corpo”, segundo o modelo da posse. (LE BRETON, 2013, P. 18)

O saber biomédico é a principal “representação oficial do corpo humano hoje” (LE BRETON, 2011, p. 128). Entretanto, para o autor este tipo de saber faz parte de uma cultura erudita não compartilhada por todos os sujeitos. Ainda que a maioria dos indivíduos das sociedades ocidentais contemporâneas não procurem ter acesso a esse tipo de conhecimento, ele não é totalmente estranho. Alguns grupos buscam ativamente o saber biomédico. Tal fato fica evidente com o caso de Vitória, que se diz uma “Ph.D. em endocrinologia” e critica seu médico por não saber o suficiente sobre o uso de hormônios como discutido anteriormente.

O corpo carrega diversos símbolos que caracterizam os sujeitos sociais. Muitos desses símbolos concernem ao gênero. Portanto, determinados signos identificam o corpo como feminino ou masculino. Por exemplo, seios e cabelos longos são lidos como atributos femininos e pelos faciais como masculinos.<sup>27</sup>

Le Breton (2011) descreve como nos anos 1960 surge um novo entendimento do corpo. Este passa a ser visto como fonte constante de prazer e aprimoramento; como uma espécie de

<sup>26</sup> O individualismo enquanto valor central da modernidade será discutido posteriormente neste capítulo.

<sup>27</sup> Importante ressaltar que esses símbolos não são absolutos, que variam de acordo com as culturas, tempo histórico e que seus significados estão sempre em disputa.

acessório; “O corpo não é mais um destino ao qual nos abandonamos; ele é um objeto que fabricamos à nossa maneira... O imaginário contemporâneo subordina o corpo à vontade” (2011, p. 247). As entrevistas realizadas nesta pesquisa exemplificam bem este argumento. As jovens modificam seus corpos para que ele esteja de acordo com seus desejos e sentimentos.

A noção de corpo como algo que “se tem” é tributária do individualismo enquanto valor central das sociedades ocidentais, constituindo uma noção específica de pessoa (DUARTE, 2012).

Marcel Mauss (1985) em seu estudo clássico “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a noção de eu” inicia a discussão sobre a categoria de pessoa na escola sociológica francesa, demonstrando como a noção de indivíduo moderna ocidental foi historicamente construída<sup>28</sup>. Louis Dumont (1997) retoma tal debate e descreve esse fenômeno a partir da oposição entre sociedades holistas e individualistas. Segundo o autor, nas sociedades holistas o princípio organizacional é o da hierarquia, o todo prevalece sobre as partes e o mundo social é entendido como integrado.

Em oposição, nas sociedades individualistas a parte prevalece sobre o todo. O individualismo implica um determinado entendimento do mundo social; como composto de esferas autônomas – política, religião, economia, filosofia –, autocontidas e separadas. O individualismo pressupõe dois valores centrais - a igualdade e a liberdade- que por vezes estão em contradição. Segundo Dumont (1997), o individualismo prevalece nas sociedades ocidentais contemporâneas.

No Brasil, Gilberto Velho (1994) apropria-se da discussão dumontiana sobre individualismo nas sociedades complexas e reelabora a dicotomia antropológica clássica: indivíduo x sociedade de maneira interessante a partir das noções de **projeto** e **campo de possibilidades**. O projeto é definido como um objetivo para o qual o indivíduo direciona seus

---

<sup>28</sup> A noção de indivíduo moderno ocidental foi historicamente construída, mesmo que seja pensada como inata e natural. Marcel Mauss em seu artigo clássico “Uma categoria do espírito humano” (1979) analisa a gênese da ideia de “eu”, da noção de indivíduo moderna.

A partir deste momento a pessoa passa a ser entendida como uma substância racional, indivisível e individual. Posteriormente essa substância vai se tornar uma categoria por obra de filósofos como Descartes que atribuem o pensamento à alma (“penso, logo existo”). Por fim, Fichte demonstra que todo fato de consciência é um fato do “eu”. Que a consciência individual, o caráter sagrado da pessoa é a condição da razão e da ciência.

O individualismo é um valor no sentido que o sujeito se entende enquanto pessoa singular, individual, senhor de suas próprias vontades, mesmo sendo influenciado pelos outros.

recursos materiais e seu tempo.

O projeto não é totalmente subjetivo; ele é formulado dentro de um campo de possibilidades, isto é, “um repertório limitado de preocupações e problemas centrais” de cada cultura. Neste sentido, o projeto deve “fazer sentido” para as pessoas naquela cultura, precisa ser passível de comunicação embora nem sempre seja aceitável. Por tais condições, existe conflito entre determinados projetos e o campo de possibilidades, o que pode levar uma pessoa a ser tratada como desviante. O projeto pode ser aceitável fora do ethos familiar da pessoa já que em uma sociedade complexa esta participa de diversos grupos. A condição de poder transitar entre diversos mundos sociais é uma possibilidade aberta para os jovens, visto que a internet amplia a participação em um campo de possibilidades mais extenso.

Proponho ser possível compreender o processo de feminização como um **projeto** de vida das jovens entrevistadas, no sentido atribuído por Velho (1984). Ainda que sejam, em geral, consideradas desviantes o campo de possibilidades disponível para elas permite que esse projeto exista, mesmo que somente na *internet* e no grupo de pares e não na família. Justamente porque os indivíduos participam de mundos sociais diversos – no caso das jovens a família, os pares, a faculdade e grupos na internet – é que eles podem desenvolver projetos diversificados.

## 2.1 Projeto de vida e processo de feminização

As entrevistadas relatam um intenso processo de construção corporal. Todos os corpos são socialmente produzidos e significados. Entretanto, as jovens fazem isto de maneira bastante ativa. O desconforto com o próprio corpo é amplamente narrado nas entrevistas, principalmente em relação a signos corporais identificados culturalmente como masculinos.

**Vitória:** eu não gostava de ficar excitada, eu odiava.

**Vitória:** Nunca tive barba, nada, bigode também não, a única coisa que acontece que me deu um desespero foi quando começou a crescer um buço, chegou um dia que tava tão crescendo e eu pensei “vou arrancar esse negócio”. Eu não sabia de nada de cera, nada disso, nunca tinha pesquisado e ninguém nunca tinha me falado. Quando você é visto como homem ou como mulher pela sociedade muitas informações são bloqueadas, eu não sabia muita coisa do mundo feminino. Não se fala, eu não sabia de nada de como me depilar, eu não fazia a menor ideia. Teve um dia que eu tive a ideia, eu não vi em nenhum lugar, eu tive a ideia de comprar uma pinça pra tirar os

pelos e depois eu vi que as pessoas faziam isso, e falei, então faz sentido. Depois eu descobri que tinha tira que vendia na farmácia. Mas nesse dia do desespero eu arranquei tudo com o dedo, não sei como eu consegui porque foi muito ódio e rejeição que motivou a fazer aquilo. Fui arrancando com o dedo e chegou minha unha a ficar comida pra dentro, tamanha rejeição daquilo.

**Duda:** É tudo muito recente porque, esse é um outro dado, em decorrência da minha auto rejeição em relação ao meu corpo, eu comecei a ter práticas afetivo sexuais<sup>29</sup> muito tarde, muito tarde mesmo, coisa de dois anos pra cá.

A rejeição e mesmo o ódio ao próprio corpo aparecem como justificativa para as mudanças corporais. Elas argumentam saber que vão lidar com reações negativas e estigma por conta da feminização. Assim, a repulsa fundamenta a feminização.

Duda reinterpreta a categoria médica de “disforia” e apresenta um modo particular de usar a palavra para descrever a relação complexa - muitas vezes de ojeriza - com o próprio corpo. A “disforia” no sentido êmico poderia ser sentida por qualquer pessoa e não só por pessoas transexuais.

**Duda:** Eu tinha muita disforia em relação... Então, acho importante botar que quando eu falo disforia eu não uso como termo médico, eu uso como linguajar que nós trans usamos entre nós. A gente tenta botar isso com um certo humor, disforia no sentido de desconforto mesmo com o corpo, tem partes do corpo que me causam desconforto então, uma coisa que a gente até fala “disforia não se explica” (*risos*), se eu falo que to com disforia com minha genitália eu não preciso ficar dando explicação, não preciso falar que é um processo heteronormalizador, é um desconforto como pessoas sentem desconforto com partes do corpo.

**Brena:** Como algo universal?

**Duda:** Sim, às vezes a gente não gosta do nosso nariz, mas não pode banalizar.

Dessa maneira, as entrevistadas modificam os corpos para deixá-los femininos, em congruência com seus desejos e sentimentos. A feminização pode ser entendida como um **projeto** (VELHO, 1994) no sentido em que elas descrevem a transformação como um objetivo de vida, racional e necessário para o qual gastam tempo e dinheiro.

---

<sup>29</sup> A expressão “afetivos sexuais” é utilizada pela entrevistada espontaneamente, não foi sugerida durante a entrevista. Isto se dá porque Duda estuda um curso de humanas na universidade e inclusive relata ter feito disciplinas sobre gênero e sexualidade.

**Vitória:** Durante muito tempo eu deixei isso no baú porque eu tive que pensar em muita coisa ao mesmo tempo - minha vida amorosa, eu mesma. Tive que passar uma adolescência que eu não tive, não tive minha adolescência de menina. Tive que viver agora em três anos. Até hoje o pessoal fala “você é muito infantil, se veste com roupa de menininha, short”, até professor fala que eu não posso ir daquele jeito pra faculdade e realmente, certas ocasiões eu não posso ir de short, mas nas primeiras vezes que eu ouvia isso eu cagava e andava, foda-se, eu não vivi isso, não vivi minha infância, quero viver isso agora então por muito tempo me vesti igual menininha. Não era algo nem consciente, eu comecei a perceber depois que eu era muito infantil, eu via meninas da minha idade, com 22 anos que nunca pensariam em comprar uma bolsa cheia de moranguinhos (mostra a bolsa e ri), e mesmo que mulher goste de coisas fofas e coisas assim, elas mesmas não tinham vontade mais, essas coisas tinham perdido a graça, elas tavam curtindo o momento da mulher madura, adulta, poderosa. Curtindo outro momento e super bem, não tavam evitando por que não podiam. Eu queria viver aquilo, olha minha bolsa (mostra uma bolsa de moranguinhos e florzinhas), eu tive que viver isso agora.

O processo de feminização – no caso das entrevistadas – foi procedido de duas etapas. Primeiro a identificação enquanto homem *gay* seguida da descoberta da transexualidade.

A ideia que gênero e sexualidade são dimensões distintas é amplamente debatida nos meios acadêmicos. Contudo, no senso comum há uma indistinção entre as categorias. No Brasil é comum ouvir referências a “homens de verdade” como apenas heterossexuais e que homens *gays* teriam a “alma feminina”.

As trajetórias das entrevistadas convergem no que diz respeito à identificação de gênero enquanto menino, articulada à orientação sexual homossexual, para a formação de um perfil entendido como “afeminado”.

**Vitória:** Até esse dia eu ficava na minha cabeça, se você não tem os elementos na sua frente pra escolher você não faz aquela questão “quem eu sou?”. O que eu tinha na minha frente era *gay*, hetero, *gay* afeminado e *gay* masculino e pra mim eu era *gay* afeminado. Então, eu me encaixava naquilo porque se na sociedade só existe isso. Eu era isso, era assim que eu era classificada, mas mesmo assim sempre me senti fora daquilo, eu não me sentia bem, era esquisito. Eu tinha pensamentos que meus amigos *gays* não tinham, tanto *gay*, quanto hétero, seja mulher ou homem gosta de brincar com coisas tipo ah é coisa de menina ou de menino, um cara hetero não tem nada a ver se ele brinca com coisa de menina, se gosta de brincar de boneca, mas certas coisas eram muito diferentes dos meus amigos, eu conheci ela (*mulher transexual que apresentou a transexualidade para Vitória*) e comecei a procurar na internet, primeiro

procurei travesti e depois levou pra transexual. Quando eu li transexual foi bizarro.

**Vitória:** Quando meus pais descobriram que eu gostava de meninos foi um impacto porque por mais que eu sempre tivesse características femininas tudo, todo mundo pensava e falava “ah, é *gay*”, mas os pais tentam negar, mesmo sabendo ou suspeitando muito. Quando eu era muito pequena me colocaram na psicóloga porque já suspeitavam e não sabiam o que fazer, mas eles ficaram se negando, mas quando eu contei pra eles não foi um impacto a nível de surpresa, mas foi emocionalmente, meu pai ficou muito triste e chorando.

**Ana:** Eu achava q<sup>30</sup> haviam gays q eram o lado feminino e gays q eram masculinos n compreendia q entre os gays é meio q uma troca

**Brena:** Então, você se entendia como gay?

**Ana:** São homens q gostam de ser homens e q gostam de homens

Me entendia sim. N era algo q eu achava muito a minha cara, n era como eu me sentia

**Brena:** E como você descobriu que podia ser diferente?

**Ana:** Mas se vc n gosta de mulher e é homem, vc só pode ser gay.

O momento da descoberta da transexualidade é narrado por todas as entrevistadas como emblemático. A descoberta da categoria “transexual” implica uma mudança de identificação. Deixam de se entender enquanto meninos *gays* e passam a identificar-se como *mulheres trans*.

**Vitória:** tinha uma descrição perfeita e completa e falava o que se passa na vida de um transexual, sofre disso e disso, tem tais pensamentos, sintomas, porque eles caracterizam como doença, e era como se estivesse descrevendo minha vida.

**Duda:** Então, resumidamente, eu desde muito nova, desde muito nova eu já apresentava sinais do que eu queria, não entendia muito bem por falta de informação mesmo. Com 14, 15 anos eu descubro o que é transexualidade.

**Brena:** Você lembra assim de descobrir? Como foi?

**Duda:** Lembro, lembro. Eu lembro que eu escutei algo na mídia porque antes a impressão que eu tinha era que ser transexual era ser intersex. Essa confusão que o senso comum acaba dando pra gente. Então, muito tarde eu fui descobrir o que era ser trans, então pra mim foi muito, foi um alívio por um lado e por outro lado foi um estigma muito grande porque eu descobri também que era uma patologia.

**Ana:** Vi uma entrevista dela (relatando sobre a modelo Lea T) e pensei É isso, é como me sinto. Ela entende.

---

<sup>30</sup> A entrevista foi feita virtualmente. “Q” é uma abreviação e corresponde a palavra “que”, é amplamente utilizada na comunicação virtual.

O primeiro passo no processo de transformação corporal – na trajetória das entrevistadas – diz respeito ao cabelo. Cabelos longos são associados ao universo feminino<sup>31</sup>. Deixá-los crescer permite uma espécie de trânsito. As moças podem começar a se feminizar sem precisarem explicar a situação para os pais, amigos e escola, por exemplo:

**Vitória:** Então, assim, a primeira pontinha deu deixar eu ser quem eu era foi deixar meu cabelo crescer. Tipo assim, eu sempre quis ter cabelo grande, desde que eu era pequena, criança, mas tinha muito aquela barreira da sociedade. Desde muito pequena, quatro ou cinco anos, eu me lembro de ser chamada, e levar broncas e intimidações preu não deixar externar quem eu era.

**Vitória:** Foi a primeira forma deu colocar em prática fisicamente o que eu era, foi o cabelo. Aí assim, voltando, só pra completar melhor, primeiro foi o cabelo.

**Gabi:** Então, vê só, eu fui deixando meu cabelo crescer e fui usando roupas, tipo, short curto, camiseta que cai no ombro etc. E fui experimentando isso e me acostumando com a ideia e quando eu tive condições de comprar os hormônios, as roupas, o megahair, as coisas de garota.

**Ana:** Eu já tinha as duas orelhas furadas, fui deixando o cabelo crescer e fazendo depilação a laser.

A centralidade do cabelo enquanto signo de feminilidade fica evidente no caso de Duda, que está ficando calva e por isso usa perucas.

**Duda:** Então, eu tenho problema de calvície, isso daí, quando ela se desenvolveu foi muito difícil, muito difícil mesmo, entrei em depressão, tentativa de suicídio.

**Duda:** É muito brutal pra mim, colocar uma peruca e sentir aquele alívio e logo em seguida ter que arrancá-la.

O segundo passo no processo é a compra de roupas femininas. Isto pode ocorrer de forma gradual como para Ana ou de forma brusca como fez Vitória.

---

<sup>31</sup> Os cabelos longos eram utilizados por homens no movimento *hippie* como forma de rebeldia contra o *establishment*.

**Vitória:** então, antes de tomar os hormônios eu já tinha vivido um problema com a minha família. Eu tinha comprado uma calça feminina e eu sempre quis ter essa aparência andrógena, eu até era meio *dark* e me vestia parecida com o Marilyn Manson e na época eu tinha comprado uma calça super apertada, daquela coladíssima com o cós desse tamanho (mostra com os dedos um espaço muito pequeno) e uma blusinha muito apertadinha.

**Vitória:** Eu troquei tudo num brechó e fui lavar as roupas pra tirar o cheiro de mofo e enchi o varal de roupa feminina e nem me toquei que minha mãe poderia ter um surto (risos), ela chegou no varal e viu milhões de coisas que nunca tinha visto, calcinha e sutiã e surtou, surtou, teve um ataque histérico, ela falou que ia tacar fogo, falou que eu era um monstro, que eu tava virando um travesti, uma anomalia, que era uma coisa assustadora, que eu não sabia o que tava fazendo, que eu ia acabar com a minha vida, ia me prostituir. Esse dia eu não voltei pra casa, eu tava na casa de um amigo e meu pai me ligou falando que minha mãe tinha surtado e ele estava abalado porque não sabia de nada, mas estava mais racional.

**Ana:** pouco a pouco fui me vestindo com coisas mais modeladas, mais apertadas, usando brincos maiores e usando pouca maquiagem, tudo muito gradual.

O consumo é essencial para a feminização. O ato de consumir faz parte do “universo feminino” no imaginário do senso comum. Os bens materiais agem como “comunicadores” segundo Douglas e Isherwood (2009), servindo para classificar pessoas. As moças compram roupas e acessórios femininos de modo a construir seu gênero. Esses atos possuem uma intencionalidade concebida pelo do **projeto**.

Se o consumo funciona como um sistema classificatório e de informação, comprar vestidos e maquiagens ajuda a classificar as moças enquanto tais. O consumo aparece como uma prática eficaz de realização da feminilidade, comprar objetos que sempre foram desejados, mas eram proibidos, é descrito como uma fonte de prazer.

**Ana:** hoje eu sou uma consumista de carteirinha por assim dizer. É q<sup>32</sup> é maravilhosos

---

<sup>32</sup> A entrevista foi realizada virtualmente por isso as contrações “q” e “n” que significam “que” e “não” respectivamente são abundantes. Assim como “vc” que é uma contração para “você”.

poder comprar tudo q sempre sonhou, ter acesso as coisas q vc olhava outras meninas usarem e n poder usar. tem algo de poderoso nisto, em comprar, em dizer q eu posso tanto quanto qualquer mulher *cis*<sup>33</sup> comprar tudo q está na moda e tudo q elas compram. Sei lá, parece um discurso meio metido e elitista, mas há realmente um remédio nisto pra mulheres *trans*.

Roupas e acessórios não são as únicas coisas que precisam ser compradas. O uso de hormônios é essencial e estes são adquiridos em farmácias – quando a jovem opta por tomar pílula anticoncepcional – ou pela internet – quando o hormônio utilizado é injetável.

Três das quatro entrevistadas utilizam hormônios “femininos” e descrevem efeitos semelhantes. Redistribuição de gordura corporal de modo a arredondar quadris e coxas, afinamento da voz, surgimento de seios, diminuição do pênis acompanhada do fim da ereção e da ejaculação e diminuição dos pelos corporais. Os hormônios atuam sob o que é entendido como “caracteres sexuais secundários”, suprimindo os que são lidos socialmente como masculinos e exacerbando os que são entendidos como femininos.

A reação familiar inicial é de recusa. Os pais entendem que a transexualidade é “uma fase”, algo que “vai passar”, não aceitam por exemplo quando as jovens compram as primeiras roupas femininas ou pedem para que cortem o cabelo. Por isso as jovens precisam insistir no projeto, inicialmente sem apoio. Em determinado momento, as famílias entendem que o desejo da moça é real e duradouro e passam a apoiar as jovens com suas decisões, frequentar consultórios médicos e pesquisar sobre transexualidade.

A escolha do nome feminino é um momento emblemático do processo de feminização. Importante na formação identitária, já que o novo nome marca a entrada na nova vida com a identidade de gênero com a qual se identificam. Apesar de alguns problemas iniciais de aceitação familiar, as entrevistadas escolhem seus nomes junto a seus parentes. O nome de Ana é sugestão do irmão e da mãe. Gabi também respeita as preferências maternas ao escolher o nome. Duda adota seu novo nome depois de uma visita ao trabalho da mãe. Por fim, Vitória apenas modifica o gênero do seu nome de batismo.

As entrevistadas precisam construir-se enquanto mulheres e serem socialmente reconhecidas desta forma.

Não existe um processo específico para a constituição das identidades de gênero para as pessoas *trans*. O gênero só existe na prática, na experiência,

---

<sup>33</sup> “Cis” quer dizer “cisgênero”. A pessoas “cisgênera” diferente da pessoa transexual está de acordo com o gênero designado no nascimento. É um termo êmico que tem sido adotado pela academia.

e sua realização se dá mediante reiteraões cujos conteúdos são interpretações sobre o masculino e o feminino em um jogo, muitas vezes contraditório e escorregadio, estabelecido com as normas de gênero. O ato de por uma roupa, escolher uma cor, acessórios, o corte de cabelo, a forma de andar, enfim, a estética e a estilística corporal são atos que fazem o gênero, que visibilizam e estabilizam os corpos na ordem dicotomizada do gênero. (BENTO, 2014, p. 44)

Ainda que pessoas transexuais e não trans repitam os mesmos atos no caso das primeiras isto implica uma repetição ativamente pensada. As moças preocupam-se com a sua “passabilidade”.

**Duda:** Passável é uma categoria que nós trans temos, é uma categoria problemática, mas é uma categoria senso comum entre a gente, que é passabilidade cis, que é você acaba não sendo identificada como trans e não tem estigmas, muitas mulheres trans o objetivo de vida delas é ser passável, é uma transição que no final das contas você é uma mulher completa, enfim aquele estereótipo todo que a gente tá acostumado a ver.

A “passabilidade” é o reconhecimento social de que fazem parte do gênero feminino com o qual se identificam. Por exemplo, uma mulher transexual “passável” será chamada de “senhora” em um estabelecimento, evitando constrangimentos. Portanto, a “passabilidade” é simultaneamente um mecanismo de proteção contra o preconceito e a violência e o indicador de sucesso do processo de feminização.

Em 1967, Garfinkel conhece Agnes no consultório do psiquiatra Robert Stoller. Agnes narra sua história, conta aos profissionais que foi criada como menino até chegar a puberdade quando passou a desenvolver características secundárias femininas e a se identificar como mulher. Agnes é operada na clínica de Stoller por ser considerada intersexual. Garfinkel (1967) chama de *passing* os esforços de Agnes para ter gestos e apresentações femininas e a aprovação social deste comportamento, isto é, para as pessoas que conviviam com Agnes características comportamentais e corporais masculinas não eram mais identificáveis. Levanto a hipótese de que a palavra “passabilidade” decorra deste termo.

O termo “passabilidade” é descrito como uma categoria específica da comunidade *trans* ainda que seja problematizada por Duda. A criação e utilização de categorias, palavras e formas de falar específicas são modalidades de criação identitária. Além disso, dividir uma “linguagem” também ajuda a produzir um senso de comunidade (SÍVORI, 2013).

A narrativa das moças entrevistadas parece não conter “segredos”, contam como desde a infância já sentiam algo diferente, mesmo na fase em que se identificavam como meninos *gays* sabiam que não era exatamente aquilo, a insistência no cabelo grande pode exemplificar isso. Esse discurso está próximo da narrativa dos entrevistados por Carmem Dora Guimaraes (2004) acerca dos “entendidos” que reiteravam saber desde cedo que eram homossexuais. Mesmo que o momento de tomada dos depoimentos esteja próximo a infância ou adolescência traz marcas semelhantes à de adultos que afirmam sempre ter sabido.

## 2.2 Juventude

Desde a escola dos Annales na França nos anos 1950 com o projeto de uma história das mentalidades, as ciências humanas tomam as etapas da vida como efeitos da classificação de sociedades particulares e, portanto, afirmam o caráter cultural, histórico e arbitrário da categoria juventude. Só se é jovem em relação a outras pessoas, a juventude é um dado biológico manipulado socialmente (Bourdieu, 2006, p. 112). “Tradicionalmente, os jovens costumam ser vistos como um grupo social que expressa a transmissão de valores no sentido da continuidade ou ruptura social” (Brandão, 2006, p. 66).

A etapa juvenil em sociedades modernas-contemporâneas é marcada pela coexistência de diversas moralidades; em sociedades complexas os sujeitos transitam por diferentes mundos sociais. “Essas diferenças manifestam-se, basicamente, em termos de trajetória social, grupo de *ethos* e projetos” (Velho, 2002, p. 1).

Velho (2006) demonstra que esses indivíduos por pertencerem a grupos distintos com características por vezes contraditórias precisam negociar suas realidades.

Os jovens criam projetos e desenvolvem suas trajetórias dentro de determinados campos de possibilidades, no qual a família ainda é central, mesmo que esteja perdendo espaço para outras formas de sociabilidade. Este afastamento do núcleo familiar ocorre através do grupo de pares que se tornam grupos de referência por meio de amizades e namoros.

A juventude é marcada pelo início da separação do grupo familiar, aumento da importância dos pares e pela entrada na vida amorosa. É um momento de transição para a vida adulta e de construção de identidade. Nas sociedades contemporâneas, a juventude tem se caracterizado também como um momento inconstante e descontínuo no qual o papel familiar é ambivalente; como lócus referencial, mas que está sendo substituído por outros grupos de

socialização.

Segundo Brandão (2006), contemporaneamente a adolescência no imaginário coletivo é um momento de instabilidade, imaturidade e crise identitária. Por essas razões, não seria apropriado tomar decisões importantes neste período.

Isso se reflete na vida das entrevistadas no sentido que elas são interpeladas pelos pais sobre a certeza em relação a feminização e se não seria “só uma fase”.

**Vitória:** Eu tive uma conversa muito franca com ela (a mãe) e ela foi bem controlada, mas deu uma surtada e falou coisas horríveis pra mim, “você já pesquisou isso na internet? É um circo, um monte de anomalia, pessoa horrorosas, homem vestido de mulher”, falou coisas negativas, mas eu tive maturidade de ver que naquele momento ela estava sofrendo mais do que eu e que ela estava totalmente por fora e aí fui super paciente, explicando, eu já tinha pesquisado muito, já tinha muitas amizades e mostrei pra ela que era normal e que pra mim também já pareceu completamente anormal por muito tempo da minha vida, que eu já tinha pensado que nem ela e depois passei a ver que não, que era muito mais normal do que eu imaginava, que ela também ia compreender, mas eu disse que compreendia ela estar impactada porque eu já passei por isso, eu que to passando na pele já passei por isso, imagina ela. Foi uma conversa positiva, ela falou que eu tinha que pensar muito que isso poderia acabar com várias coisas da minha vida, que isso teria um custo muito grande, eu poderia nunca ter um emprego, que eu poderia acabar com a minha vida e que era preu não me vestir assim no meu emprego ou na faculdade, só fazer isso em outros lugares e eu “mãe, cai na realidade, eu não sou Victor, sou Vitória”.

**Vitória:** Aí depois foi outro choque, quando eu falei que era transexual, foi o choque da sexualidade porque eu gosto de homens e foi o choque do gênero depois, o choque do gênero. Foi bem maior do que o da sexualidade, se eu fosse *gay* eu seria muito mais tranquila (risos) do que eu ser transexual. Foi um choque mais difícil. Por muito tempo meu pai tentava me convencer de que não era necessário, de que eu tava fazendo uma coisa, “porque você precisa chamar atenção? Ficar sendo indiscreto? Você não pode ser discreto?”<sup>34</sup> como se eu fosse um homem que precisa impedir aquelas vontades pra ser discreto, não que eu sou aquilo e que é impossível eu não ser o que sou se não eu estaria morta. Eu já tinha explicado que não era *gay*, que eu era transexual, que eu me sentia mulher e que existem várias pessoas assim, que isso existe.

As entrevistadas entendem a juventude como um momento de transição. Não a encaram

---

<sup>34</sup> Exemplo do conflito familiar inicial causado quando a jovem conta aos parentes que é transexual.

a partir da ótica da dúvida tipicamente juvenil, mas como o momento para transformar a aparência de masculina para feminina.

A juventude é, portanto, entendida pelas moças como um momento de transição e novas possibilidades. A entrada na universidade é vista como possibilidade de reinvenção pessoal na qual as moças podem passar a apresentar-se como mulheres. Entretanto, a realidade universitária nem sempre corresponde a tais expectativas. Duda descreve como entrou no ensino superior com o objetivo de começar seu processo de feminização. No seu primeiro período foi a um hospital junto com uma amiga que fez na faculdade, mas descobriu que não havia mais vagas.

**Duda:** Eu entrei na universidade já com esse objetivo, ahm, aí eu cheguei lá teve essa complicação toda, se não me engano, foi uma mulher que me falou que só teria vaga em novembro.

O processo de construção identitário é patente das sociedades contemporâneas e não apenas ao momento da juventude. Entretanto, esta fase da vida é socialmente marcada como o momento legítimo em que isto pode ocorrer. O momento onde a experimentação e o erro essa construção fica em evidência nessa fase da vida.

As moças se mostram determinadas em relação à feminização. Algumas abraçam a identidade transexual totalmente enquanto outras a questionam. Isto está de acordo com o observado por Coelho (1990) na análise de dois grupos juvenis - um de jovens católicos e outro de jovens atores - e na qual demonstra como a pertença a esses determinados meios de sociabilidade é essencial para a construção identitária de tais jovens. Entretanto, esses jovens acionam essas categorias identitárias de acordo com o contexto. Atitude semelhante ocorre com as entrevistadas desta pesquisa; ser transexual é importante para suas identidades, mas é uma categoria contextualmente acionada. É ao mesmo tempo entendida como essencial pelas moças e como uma das diversas dimensões que compõem suas identidades. Ana comenta:

**Ana:** N<sup>35</sup> acho q seja algo q me define, sabe? Minha voz é bem grossa, então n tenho q falar nada, as pessoas sabem... mas n é algo q comento. Falo abertamente pq n tenho vergonha disso, mas quando questionada, quando apropriado.

O deslizamento entre as identidades transexual e travesti também ocorre com frequência. A travestilidade é associada à militância feminista e a uma forma politizada de se situar no mundo. Duda explica:

---

<sup>35</sup> Interessante lembrar que a entrevista foi feita através de *chats* virtuais e por isso há a utilização de palavras como “q” significando “que” e “n” representando “não”.

**Duda:** eu até acho que prefiro em vez de trans prefiro a nomenclatura travesti porque eu acho mais honesto comigo, trans me parece um pouco um certo distanciamento que o meio intelectualizado trans quer ter com pessoas travestis, porque travesti tá muito vinculado à prostituição, estigma e tal, mas eu acho que prefiro travesti pra mim.

A categoria “travesti” é reivindicada enquanto identidade num contexto político porque travestis são ainda mais estigmatizadas que pessoas transexuais, assim, colocar-se como travesti é uma forma de assinalar para a vulnerabilidade dessas pessoas.

### 2.3 Experimentações amorosas

A juventude é também marcada pela entrada na dimensão amorosa. A adolescência e o começo da vida adulta são momentos de “ficadas”, “pegação” e “primeiros namoros”. Rezende (1990) demonstra como as festas e o colégio são momentos de paquera e namoro. Para as jovens que entrevistei as redes sociais do mundo virtual também aparecem como um local para conhecer pessoas para se relacionar afetivamente.

As formas de sociabilidade e lazer juvenis contemporâneas apontam para novas subjetividades (ALMEIDA, 2006). A autora entende que os adolescentes e jovens adultos vivem essa fase da vida em termos de intensidade e efemeridade o que vai se traduzir em uma composição afetiva expressa na prática do “ficar” (ALMEIDA, 2006, p. 139).

No Brasil contemporâneo, “ficar” configura-se na prática de conhecer uma outra pessoa e trocar beijos com ela sem pretensões quanto ao futuro desse encontro. Usualmente o ato de “ficar” ocorre à noite, em festas e reuniões. Apesar do contato inicial não configurar um relacionamento sério ou namoro, o ato de “ficar” pode levar a envolvimento mais profundos. “Ficar” está relacionado a uma atração física imediata e não a um envolvimento sentimental. Entretanto, Almeida (2006) associa essa prática afetivo sexual a “um novo modelo identitário” em oposição ao que o autor chama de “modelo de identidade clássico” que coloca um sujeito uno, indivisível dotado de privacidade e totalmente separado do plano externo este novo sujeito é construído por múltiplas esferas;

A lógica da identificação apoia-se na ideia de um *self* múltiplo que se expressa por inúmeras motivações gregárias e é vivida fundamentalmente como um processo, no qual o fato comunicacional é causa e efeito de um “pluralismo pessoal. (ALMEIDA, 2006, p. 141)

Esse novo modelo identitário, mais fragmentado, é exacerbado pelas novas tecnologias que permitem interações mais rápidas e constantes. Uma das entrevistadas desta pesquisa conta que conheceu o namorado em uma palestra, depois conversaram pelo *Facebook* e combinaram um encontro e “ficar”.

**Gabi:** A gente se conheceu numa palestra onde eu era a palestrante transfeminista<sup>36</sup> e ele de transmasculinidade. Ele me elogiou, eu o notei e começamos a conversar e afins (através do *Facebook*). Soltei uma química e marcamos de ficar... pela internet. A gente conversou qual seria o melhor lugar e etc. pra isso acontecer.

O “ficar” também é acionado para descrever as primeiras experiências afetivas. As quatro entrevistadas descrevem que antes de conhecerem o que era a transexualidade se identificavam enquanto meninos “*gays* afeminados”<sup>37</sup>. Quando narram suas trajetórias contam sobre essas “ficadas” com meninos *gays*, em geral. Tal experiência aparece como insatisfatória já que ainda não sabiam expressar sua identidade de gênero e eram interpretadas a partir de uma perspectiva masculina. Para Ana,

**Ana:** Meu primeiro beijo foi triste

**Brena:** Porque? Como foi?

**Ana:** Na época, eu n sabia q existia a possibilidade de mudar de gênero

**Brena:** Quantos anos você tinha?

**Ana:** 14, Umas amigas arrumaram um amigo delas pra tirar meu bv<sup>38</sup>. Ele era legal e fofo e tal, mas era um homem tentando seduzir um homem. E pra mim era muito "brochante"

**Brena:** Porque?

**Ana:** Eu queria um cara q me tratasse como mulher, q usasse do jeito , mais bruto pra contrastar minha delicadeza e insegurança

Essas primeiras experiências ocorrem por volta dos 14-15 anos. Apenas Duda narra sua primeira experiência, aos 18 anos, como tardia.

<sup>36</sup> Gabi é notória militante da causa *trans*. Participa de diversas palestras, seminários e até campanhas publicitárias. Exerce sua militância principalmente através das redes sociais virtuais como o *Facebook*.

<sup>37</sup> A palavra afeminado é utilizada como tal pela entrevistada, tem o mesmo sentido de efeminado e foi dicionarizada pelo “*Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*”. <http://michaelis.uol.com.br/>. Acessado em 16/02/2016.

<sup>38</sup> Bv significa Boca Virgem, isto é, uma pessoa que nunca beijou. Apesar de boca ser um substantivo feminino “BV” é uma expressão utilizada no masculino.

A entrada na dimensão afetiva é importante para as moças. As relações amorosas tem um lugar privilegiado nos seus discursos no que concerne ao processo de feminização e a construção da identidade. Ser desejada por homens faz parte do que é considerado ser mulher como será discutido no terceiro capítulo “Amor na construção do gênero”.

#### 2.4 Sociabilidade na *internet*<sup>39</sup>

As moças entrevistadas nasceram nos anos 1990 e cresceram com o início da popularização dos computadores e da internet. Assim, a internet aparece nos discursos como um *locus* de socialização importante e como um meio para obtenção de informação. É através dela, especialmente por meio de redes sociais virtuais como o *Facebook*, que elas obtêm informações sobre a utilização de hormônios, sobre como conversar com a família e dicas de consumo sobre como, por exemplo em quais lojas, elas podem comprar sapatos de salto alto tamanho 42. Em termos de sociabilidade, as comunidades virtuais aparecem como um marcador geracional importante.

A internet e mais especificamente as redes sociais permitem que as relações sociais se deem não só por meio de interações face a face (GOFFMAN, 1982), mas também através de conversas escritas, que tem seus códigos próprios de interação. Uma das entrevistadas relata que ganhar seu primeiro computador foi um momento de liberdade e autonomia.

As redes sociais virtuais permitem a formação de grupos em torno de interesses em comum. Existem diversos grupos sobre transexualidade; essas moças transitam por eles e além de obter informações fazem amizades. Portanto, a internet aparece também como veículo importante na sociabilidade juvenil contemporânea. Não só para fazer amizades, mas como facilitadora de experiências amorosas. Uma das moças relata que conheceu o atual “namorado” em um grupo sobre poliamor no *Facebook*; outra descreve como combinou de “ficar” pela primeira vez com um menino através da ferramenta *inbox*<sup>40</sup>; Vitória conta como buscava perfis

---

<sup>39</sup> Agradeço as conversas com Bruno Zilli, aluno de pós-doutorado do IMS/UERJ, que foram essências para pensar a *internet* como campo e como ferramenta para socialização e obtenção de informação.

<sup>40</sup> O *Inbox* é uma ferramenta do *Facebook* na qual duas ou mais pessoas podem ter conversas privadas. Funciona como um *e-mail*, daí seu nome.

de homens transexuais na mesma rede social para conversar e foi através dessa busca que conheceu seu namorado.

### 3 AMOR NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO

No presente capítulo, analiso brevemente o surgimento e o desenvolvimento do conceito de gênero nas ciências sociais. Discorro sobre a importância do gênero para a identidade dos indivíduos e como as experiências afetivo-amorosas são centrais para a construção destas identidades. Destaco a juventude como o momento no qual a entrada nesta dimensão da vida social é considerada legítima e a centralidade dos sentimentos para tais experiências. Analiso como o corpo é um símbolo social que comunica o gênero da pessoa. Por fim, discuto a importância do amor no discurso das jovens entrevistadas.

A sequência cronológica dos estudos de gênero desembocando na *queer theory* seguido da discussão sobre ambiguidade sexual como é discutida na ciência com o trabalho de Laqueur (2001) e Fausto-Sterling (2001) reforçam o argumento que se inicialmente os estudos de gênero não abrangiam tanto as questões sobre sexualidade isso foi se modificando porque as relações amorosas e sexuais vão ser constitutivas na formação da identidade de gênero das pessoas. No caso das entrevistadas desta pesquisa o amor, o flerte, os pretendentes, namorados e o sexo são acionados para descrever sua identidade de gênero feminina. O gênero das moças é produzido através do processo de feminização, mas as relações afetivas são uma dimensão importante da sua identidade.

#### 3.1 O conceito de gênero

Os primeiros estudos sobre “papéis sexuais” nas ciências humanas surgem nas décadas de 1950 e 1960 a partir da ótica da sociologia da família no âmbito das teorias funcionalistas parsonianas.<sup>41</sup>

Os “papéis sexuais” eram entendidos a partir das funções na família nuclear, ficando relegado ao homem o papel de provedor e a mulher o de cuidadora. Essa distinção baseia-se no entendimento de família apresentado por Parsons (*apud* HEILBORN e SORJ, 1999, p. 11). Para o autor a separação entre local de moradia e de trabalho é moderna e implica a cisão do espaço entre público e privado. Assim, a família nuclear precisa de um provedor e de um cuidador,

---

<sup>41</sup> O funcionalismo parte do pressuposto que cada instituição – por exemplo a família – vai ter uma função social, como um organismo onde cada órgão terá uma função. Antes da teoria funcionalista Margaret Mead (1969) em seu livro “Sexo e temperamento” já tratava de “papéis sexuais”.

esses papéis serão masculino e feminino respectivamente.

Essa teoria foi amplamente criticada. Primeiro por não levar em consideração famílias que não são harmônicas e segundo porque Parsons identifica apenas o trabalho afetivo feminino e não o trabalho efetivo no manejo da casa e dos familiares (HEILBORN e SORJ, 1999).

Em 1949, surge o livro de Simone de Beauvoir “O Segundo Sexo” que influenciou enormemente as ciências sociais especialmente no surgimento dos estudos de gênero enquanto campo autônomo de conhecimento<sup>42</sup>.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. (BEAUVOIR, 1949, p. 9)

A autora entende que os maneirismos femininos são ensinados e não inatos. Beauvoir faz uma descrição sobre como os comportamentos das crianças são moldados para corresponder às expectativas sociais do que é ser mulher e o que é ser homem. As meninas são mantidas próximas das mães na infância e ensinadas que seu valor está na sua beleza e na sua capacidade de cuidar, enquanto os meninos são afastados das mulheres mais velhas e incentivados a desenvolver características consideradas viris como a força.

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. A imensa possibilidade do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si. (BEAUVOIR, 1949, p. 21).

O contexto social transforma manifestações fisiológicas em hierarquias sociais onde “a feminilidade vai significar alteridade e inferioridade” (BEAUVOIR, 1949, p. 56). Segundo a autora, as mulheres serão ensinadas a serem passivas, narcisistas e fúteis. Mulheres aprendem e transmitem esses comportamentos, sendo assim cúmplices de sua situação.

O conceito de gênero surge a partir de críticas a categoria “mulher” como ultrapassada (PISCITELLI, 2002, p.1). No início do século XX – décadas de 10, 20 e 30 – o pressuposto de

---

<sup>42</sup> A segunda onda do feminismo surge na década de 1960 também bastante influenciada pelo livro da filósofa. O feminismo dos anos 1910 e 1920 foi marcado pelo movimento sufragista que exigia o direito ao voto feminino. A segunda onda é marcada por reivindicações de crítica cultural diferente das reivindicações anteriores por direitos civis.

igualdade cidadã leva a reivindicações feministas principalmente no que dizia respeito ao direito ao voto e acesso à educação. Essas lutas conduzem ao germe do feminismo pós década de 1960, que é “se a subordinação da mulher não é justa, nem natural, como se chegou a ela e como se mantém?” (PISCITELLI, 2002).

A partir das críticas a categoria “mulher” e às noções parsonianas de família, o gênero passa a ser conceituado como socialmente construído. Estas primeiras teorias tem forte influência marxista. O modelo analítico marxista permitiu que os estudos de gênero saíssem dos limites da família e da socialização e se dedicassem a esfera do trabalho extra doméstico. (HEILBORN e SORJ, 1999, p. 198). A divisão sexual do trabalho é pensada como natural.

Artigo importante para o debate nos estudos de gênero é o “O tráfico de mulheres” de Gayle Rubin publicado em 1975. Rubin critica o marxismo porque, segundo a autora, no mapa social marxista o sexo não existe, assim, ela faz uma análise dos textos de Freud e Lévi-Strauss. A autora entende o gênero como uma construção social cuja base é o sexo biológico. Esta construção implica um sistema hierárquico no qual homens tem mais poder do que mulheres. Segundo a autora o fato do sistema ser construído permite que ele possa ser modificado de forma a acabar com a hierarquia.

Para Rubin (1975), a literatura sobre a opressão social das mulheres tem o objetivo político de demonstrar o que deve ser transformado nas sociedades para que as hierarquias de gênero sejam destruídas.

A autora faz uma crítica ao feminismo marxista. Entende que situar a opressão das mulheres dentro do sistema capitalista não é suficiente. O trabalho doméstico é essencial para a reprodução do trabalho do operariado, portanto o trabalho feminino é essencial para o capitalismo. Entretanto, análises sobre o capitalismo não explicam porque o trabalho doméstico recai sobre as mulheres. A opressão também está inserida no campo cultural e moral.

Para explicar culturalmente a opressão das mulheres, Rubin cria o termo “sistemas de sexo/gênero”, ou seja, a forma como os costumes vão implicar convenções moldadas a partir do sexo humano em sua dimensão anátomo fisiológica. Cada sociedade tem um “sistema de sexo/gênero” e essas relações não são necessariamente opressoras, é preciso descrever como o sistema desenvolve-se em cada sociedade.

O artigo citado é imprescindível para os estudos de gênero já que define o gênero como a construção cultural criada a partir do sexo biológico. A partir deste momento, nenhuma manifestação de gênero vai ser entendida como natural no âmbito das ciências humanas.

Outro argumento essencial de Rubin (1975) é que por ter sido construído culturalmente associado à reprodução, o gênero implica a norma heterossexual. Isto é, se a divisão sexual do

trabalho pressupõe que as pessoas sejam divididas a partir da capacidade reprodutora, esse modelo instaura a heterossexualidade compulsória.

Joan Scott (1986) é outra autora seminal para os estudos de gênero e muito influente no campo no Brasil. Ela critica tanto as teorias de gênero marxistas quanto as que baseiam a opressão na noção de patriarcado. Para a autora, as teorias do patriarcado, ao conectar as desigualdades entre os sexos à reprodução, criam um sistema de explicação circular que por isso perde sua força analítica.

No artigo “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”, Scott (1986) demonstra a inadequação do uso do conceito de gênero como análogo a “problemas femininos”, de forma a perder seu âmbito analítico e relacional. Entende que, da forma como está sendo utilizado, o conceito de gênero perde de vista a noção de poder. Ela parte da ideia de poder foucaultiano, presente em todas as relações, não só nas estruturas de dominação. A autora critica as feministas marxistas por terem entendido o gênero como um subproduto do econômico e crítica a análise de Rubin por sua pretensão universalista.

Scott (1986) propõe que o gênero se refira às qualidades sociais das diferenças entre os sexos, negando o modelo do determinismo biológico e ressaltando o aspecto relacional dessas distinções. O gênero passa a ser entendido enquanto categoria analítica.

Antes dessa reformulação, gênero era utilizado frequentemente como sinônimo para “mulheres”. A nova utilização permite a interpretação de que uma informação sobre as mulheres também fala sobre os homens.

Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres tem filhos e que os homens tem uma força muscular superior. (Scott, 1986, p.3)

Resumidamente, até o início dos anos 1980, o conceito de gênero indica um conjunto de características socialmente construídas que dizem respeito a como homens e mulheres devem agir culturalmente. O gênero é diferenciado do sexo, que seria a entidade biológica a partir da qual tais características culturais seriam criadas. Segundo Piscitelli (2002, p.2), até este momento o pensamento feminista tinha pressupostos comuns, apesar da diversidade interna. Estes seriam: a subordinação feminina entendida como universal no sentido que ocorre em todas as épocas e lugares, mas sendo particular no que se refere à forma. Outro pressuposto é o questionamento da subordinação como natural: a política feminista entende que o que é

socialmente construído é também modificável.

Os estudos de gênero ganham relevância através da impregnação do meio acadêmico pelas reivindicações do movimento feminista. Por mais que a categoria “gênero” tenha surgido para substituir a categoria “mulher”, esta última foi o sujeito político coletivo das reivindicações sociais durante o século XX. “Mulher” no sentido político seria um conjunto de “traços biológicos e, também aspectos socialmente construídos.” (PISCITELLI, 2002).

A ideia de que todas as mulheres dividem alguns traços comuns é essencialista, mas foi importante politicamente porque a opressão passa a ser entendida de maneira subjetiva e o poder é pensado fora do âmbito tradicional do capitalismo e do Estado, para ser pensado em todas as relações: “o pessoal é político”. (PISCITELLI, 2002, p. 5)

Na década de 1990, influenciado pelo clima espreado da virada cultural e das teorias pós-estruturalistas e pós-modernas, os estudos de gênero sofreram importantes mudanças; especificamente o questionamento da concepção de sexo como uma entidade natural, biológica e imutável em comparação ao gênero socialmente construído. Essas novas teorias demonstraram que entender o sexo como natural implica considerar o corpo como matéria inerte, um local onde a cultura se inscreve, mas do qual emana uma verdade última e inata.

As teorias pós-estruturalistas partem do pressuposto de que sexo e natureza também são construções históricas e culturais. Judith Butler é uma das principais expoentes dessa nova literatura<sup>43</sup>.

Em “*Problemas de gênero*”, a autora discute as implicações da separação de sexo e gênero como dois domínios distintos.

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido. (BUTLER, 2003, p. 25)

Butler descreve como o entendimento do sexo como uma entidade pré discursiva e natural termina por instituir a ilusão de que as identidades de gênero serão fixas e a

---

<sup>43</sup> Outros autores importantes são: Derrida (1967), Deleuze (1992) e Lyotard (1998).

heterossexualidade como norma. Nesse modelo, o gênero adquire uma aparência natural. Para criticar esta noção, a autora (2003) apresenta a ideia de que o gênero é performativo. Isto significa que ele produz diversos efeitos. O gênero é feito a partir da repetição estilizada do corpo, através de um conjunto de atos. A maneira como os sujeitos agem implica que ser homem ou ser mulher é uma verdade interna e imutável. Isto é, para a autora ninguém pertence a um determinado gênero de maneira inata porque não existe um substrato “ser mulher” ou “ser homem”. O gênero é formado culturalmente através de cada ato dos sujeitos e por isso é também um lócus que permite agência e resistência.

Isso para demonstrar que o gênero não se constrói de maneira tão coerente porque gênero e sexo não são naturais, mas produzidos continuamente através desses atos. Portanto, não é possível pensar a identidade como fixa. No seu “Manifesto Ciborgue”, do ano 2000, Donna Haraway na mesma linha de Butler também aponta como problemática a ideia, inerente ao conceito de gênero, de que o sexo é biológico pois isto significou a não relativização e a não historicização do sexo. Pensar o gênero como construído fez o sexo ser pensado como natural e estável. Os estudos de gênero foram importantes para a naturalização do sexo.

Tanto Butler quanto Haraway influenciaram o desenvolvimento do que hoje se denomina a *queer theory*. A teoria *queer* aparece simultaneamente como desdobramento e crítica aos estudos de gênero. Esses teóricos pretendem repensar diversos binarismos – incluindo a dicotomia entre homem e mulher – mas partem principalmente de uma crítica feroz à heterossexualidade normativa.

Heilborn e Rodrigues (2016, no prelo para ser publicado na revista “História, Ciência e Saúde – Manguinhos”) exemplificam a virada nos estudos de gênero

Se em Scott a pergunta era “como o gênero funciona nas relações sociais” em Butler a pergunta se desloca para “como o gênero funciona na definição ontológica do sujeito. Mais do que um problema epistemológico, uma das questões que esse deslocamento põe em xeque é o desafio de pensar as relações sociais de gênero não mais a partir da distinção sexo/gênero, mas a partir de um trinômio sexo/gênero/desejo (BUTLER, 2003), no qual a heterossexualidade compulsória possa ser interrogada. (2016).

A teoria *queer* aponta que os estudos de gênero não foram bem-sucedidos na sua empreitada pela desnaturalização do sexo/gênero porque ao desnaturalizarem o gênero naturalizaram o sexo de modo a reiterar a heterossexualidade como norma (MISKOLCI, 2009, p.6).

Heilborn e Rodrigues entendem que o gênero está “para além de uma dimensão da pessoa, aspecto crucial na alta modernidade, constituindo-se em um eixo de classificação que organiza as relações sociais” (2016).

Rubin em 1984 reformula seu conceito de gênero pois este não abarcava a sexualidade. Segundo a autora há uma hierarquia de valores sexuais onde a sexualidade heterossexual, marital e monogâmica é considerada “boa” e “natural” e sexualidades fora desse modelo são consideradas “anormais”.

No contexto das teorias de Butler e da crítica *queer* o papel do gênero seria produzir a falsa noção de estabilidade, em que a matriz heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes, os quais se opõem como todas as oposições binárias do pensamento ocidental: macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino, pênis x vagina etc. É um discurso que leva à manutenção da tal ordem compulsória.

Essa manutenção acontece pela repetição. As pessoas estão perpetuamente construindo seu gênero através de atos, palavras e signos que vão reforçar um corpo enquanto masculino ou feminino. Não existe algo que seja comum a todas as mulheres, não existe algo que define concretamente quem é mulher e quem não é – até mesmo os órgãos genitais não fazem isso, já que existe também o sexo cromossômico e hormonal. O gênero está sendo sempre (re)construído. Quando um médico faz um ultrassom e diz sobre um feto “é menina” ou “é menino” esse ato é mais prescritivo do que descritivo. A partir desse momento uma série de expectativas vão ser colocadas para aquela criança e o gênero será construído em cada ato.

**Vitória:** Desde muito pequena, quatro ou cinco anos, eu me lembro de ser chamada, e levar broncas e intimidações preu não deixar externar quem eu era. Então, tipo, eu desde o início eu já tinha uma censura própria a tudo que eu tinha vontade de fazer, vontade de dançar ouvido tal música igual uma menina rebolando, “não, não posso na frente de ninguém”, me trancava no quarto, eu tinha vontade de brincar de boneca, mas eu não me deixava porque eu tinha medo de como eu ia ser tratada.

Butler (2003) empreende uma análise das *drag queens*, travestis e transexuais a partir da ótica da performatividade ressaltando como essas pessoas demonstram de forma radical a não existência de uma natureza masculina e uma natureza feminina intrínsecas. A autora assinala para o caráter subversivo dessas performances de gênero, que vão contra a norma estabelecida. Se como foi apontado por Foucault (1979) o poder está em todas as relações, pulverizado, então, o corpo não é só lócus de dominação, mas também de resistência. A ideia principal é que o gênero acontece por paródias, porque não existe uma versão original a qual

seguir. O gênero está sempre sendo teatralizado e é possível descrever os mecanismos culturais de construção destas paródias.

Influenciado por Judith Butler e a partir deste contexto, Preciado (2014) propõe a contrassexualidade repensando a naturalidade dos corpos e propondo a resistência a tentativas de normalização destes – seja como masculinos ou femininos. Segue uma linha similar na sua conceituação sobre gênero em seu livro “*Manifesto contrassexual*” (2014). Preciado vem sendo classificada como pós-feminista, e assim como Butler, é herdeira do pensamento foucaultiano, em especial, da sua noção de poder, da psicanálise lacaniana e de Deleuze (1992) e Derrida (1967). Ela vai conceber o sujeito não como um “centro autônomo de soberania e conhecimento, mas como uma posição instável” (PRECIADO, 2014, p. 10)

Para a autora, é preciso denunciar e renunciar qualquer identidade sexual e de gênero entendida como natural. A sexualidade vai ser definida fora do âmbito de oposições homem/mulher, heterossexual/homossexual e será entendida como uma tecnologia. O gênero será percebido como uma prótese. (PRECIADO, 2014, p. 22).

Gênero, sexo e sexualidade vão ser abrangidos como “tecnologias sociopolíticas complexas” segundo influência das teorias sobre dispositivos de Foucault (1997), da identidade performativa de Butler (2003) e da política ciborgue de Haraway (2000).

A “Natureza Humana” é descrita pela autora como uma operação social que reproduz nos corpos a norma da heterossexualidade e do gênero binário. A heterossexualidade não é inata; é uma norma que é constantemente inscrita nos corpos e na psique dos sujeitos.

Os papéis e as práticas sexuais, que naturalmente se atribuem aos gêneros masculino e feminino, são um conjunto arbitrário de regulações inscritas nos corpos que asseguram a exploração material de um sexo sobre o outro. (PRECIADO, 2014, p. 26)

A autora descreve a produção de corpos como homens e mulheres como uma “máquina de produção ontológica” baseada na falsa ideia de que existem dois sexos biológicos, distintos<sup>44</sup>. Entende que todos os corpos sofrem uma “invocação performativa” que se pretende descritiva, mas acaba por criar sujeitos. Assim, a designação do sexo no nascimento feita pelos dispositivos médicos cria um destino social para aquela pessoa.

A identidade sexual não é a expressão instintiva da verdade pré-discursiva

---

<sup>44</sup> Ver adiante Laqueur (2001).

da carne, e sim um efeito de reinscrição das práticas de gênero no corpo... O gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos. (PRECIADO, 2014, p. 28-29)

O gênero está sempre sendo construído através da repetição e justamente por isso existe espaço para resistência. Justamente porque não existe o que é realmente masculino e feminino qualquer corpo que esteja mais distante da norma é entendido como erro que deve ser consertado, a exceção que confirma a regra. É assim com homossexuais e transexuais.

Os homossexuais, as lésbicas, as travestis, os e as transexuais são “brincadeiras ontológicas... recitações subversivas de um código sexual transcendental falso”. (PRECIADO, 2014, p. 31)

Apesar da influência de Butler, Preciado critica a noção de performance. Este conceito torna impossível uma análise das “tecnologias de inscrição” que fazem com que algumas performances sejam lidas como naturais e outras não. Butler foca nas nuances entre os gêneros e na possibilidade de transitar entre eles, tornando difícil a análise da estabilização do gênero, dos mecanismos que permitem que ele seja entendido como natural.

Assim, Preciado entende que dentro do modelo heterossexual existem “técnicas médicas de atribuição de sexo”. O corpo só é inteligível se for masculino/homem ou feminino/mulher. Todas as pessoas tem um sexo atribuído no nascimento – ou antes dele – a partir da pergunta “é menino ou menina?”. As cirurgias que pessoas transexuais realizam em seus genitais, que são estigmatizadas, e conhecidas no senso comum como “mudança de sexo”, são entendidas pela autora como uma segunda operação, uma reatribuição de sexo.

A própria existência das operações de reatribuição ou mudança de sexo, assim como os regimes de regulação legal e médico que estas suscitam, são a prova de que a identidade (“normal”) é sempre e em todo caso o produto de uma tecnologia biopolítica custosa. (PRECIADO, 2014, p. 128)

A autora conclui que as cirurgias de transexualização são um segundo recorte, tão violento quanto o primeiro, mesmo que mais custoso. A proibição, o custo e os protocolos que permitem ou não a cirurgia são uma forma de censura sexual política.

Os corpos serão produzidos a partir daquele primeiro enunciado como corpos sexuais, como masculino ou feminino, de forma que um exclui a possibilidade do outro. Um corpo sem sexo ou um corpo com dois sexos é considerado monstruoso pois evidencia a arbitrariedade do procedimento e contradiz o senso comum de que só existem dois sexos.

O pós-feminismo de Preciado (2014) é uma contribuição importante porque demonstra

como gênero e sexualidade são domínios interligados nos processos de construção identitária. A heterossexualidade enquanto norma legítima e é reificada pela noção de que existem dois sexos biológicos naturais e imutáveis. Entretanto, isso são assertivas construídas historicamente.

Laqueur (2001) em seu livro *“Inventado o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud”* demonstra como o modelo de dois sexos biológicos foi cientificamente inventado ao longo do século XVIII, apesar de não baseado em descobertas anatômicas.

Até o Iluminismo, o modelo de explicação sexual partia da ideia de um corpo único. Homens e mulheres dividiam o mesmo sexo, as últimas eram entendidas como versões imperfeitas dos homens. Este modelo do sexo único é chamado de modelo galênico. Neste, tanto homens quanto mulheres têm o mesmo corpo e a mesma genitália, com a diferença que os testículos e pênis femininos ficavam para dentro por falta de calor corporal. Esta falta de calor era o motivo da imperfeição feminina.

As mulheres eram pensadas como homens invertidos e o discurso sobre o corpo estava de tal maneira emaranhado na cultura que a experiência não conseguia questioná-lo. As concepções e práticas anatômicas reforçavam este modelo (LAQUEUR, 2001, p. 95). Portanto, segundo o autor, a passagem do modelo galênico do corpo único para o modelo dimórfico moderno não ocorre por descobertas científicas, mas sim políticas e epistemológicas.

O modelo do sexo único estava de acordo com as práticas de poder e hierarquia pré-iluministas.

A ideia tão poderosa depois do século XVIII, de que havia alguma coisa concreta e específica dentro, fora e por todo o corpo que opunha o masculino ao feminino e supria o fundamento para a atração dos opostos era inexistente na Renascença. (LAQUEUR, 2001, p. 169).

Os dois referiam-se a limites e nuances, não a dois extremos opostos como no modelo dimórfico.

Assim, o antigo modelo no qual homens e mulheres eram classificados conforme seu grau de perfeição metafísica, seu calor vital, ao longo de um eixo cuja causa final era masculina, deu lugar, no final do século XVIII, a um novo modelo de dimorfismo radical, de divergência biológica. Uma anatomia da fisiologia de incomensurabilidade substituiu uma metafísica de hierarquia na representação da mulher com relação ao homem. (LAQUEUR, 2001, p. 17).

No século XVIII ocorre a mudança do modelo do sexo único para o modelo dos dois sexos. Essa transformação decorre de mudanças epistemológicas e políticas. A mudança

epistemológica diz respeito ao movimento Iluminista pelo qual a ciência e a religião passam a ser campos distintos.

No campo político, o modelo de dois sexos surge como justificativa para negar a participação feminina na esfera política (LAQUEUR, 2001, p. 192). No modelo do sexo único, o mundo era concebido de forma que a participação política individual não era possível. Com a revolução francesa e os ideais de igualdade, a diferença biológica entre os corpos é socialmente produzida e é usada para impedir a participação política feminina.

Neste novo modelo, a biologia é central para demonstrar as diferenças naturais entre os sexos. Estas, por sua vez, vão justificar as diferenças sociais entre os gêneros. Os órgãos sexuais – antes lidos por analogias – passam a ser paradigmáticos para da diferença, que é cultural e cientificamente produzida.

A partir deste momento, a biologia e a medicina vão se ocupar em diferenciar o máximo possível esses corpos. Os órgãos sexuais são um marcador importante, mas a genética, hormônios, cromossomos também são fundamentais. Mesmo com esse trabalho árduo alguns corpos não são classificáveis. Fausto-Sterling (2001) descreve o caso da atleta Maria Patiño que em 1988 esquece seu certificado médico declarando que é mulher. Ao chegar nas olimpíadas o Comitê Olímpico Internacional (COI) pede um exame de rotina para certificar o que parecia óbvio: que Patiño era mulher. Descobre-se que a atleta tinha um cromossomo Y e não possuía nem útero e nem ovários. Patiño é impedida de competir e perde suas medalhas anteriores. (FAUSTO-STERLING, 2001, p. 11-13).

Ainda que as ciências sociais como disciplina e alguns biólogos e biólogas como Fausto-Sterling atestem que o sexo – assim como o gênero – é socialmente construído o imaginário do senso comum funciona de maneira diferente.

O individualismo é um valor estruturante nas sociedades ocidentais. As pessoas entendem-se como indivíduos e uma das dimensões que compõem essa individualidade é o sexo/gênero<sup>45</sup>. A crença popular é que existem homens e mulheres; que a classificação como um ou outro é automática; que essa divisão é feita a partir da diferença genital e que as pessoas têm propensões comportamentais e emocionais segundo essa divisão.

O senso comum<sup>46</sup> aceita que existam algumas pessoas que não podem ser classificadas à primeira vista como a maioria. Entretanto, essas pessoas são entendidas como anormais e é papel da ciência – principalmente a médica – descobrir o “verdadeiro sexo” daquele indivíduo e oferecer meios para que ele se normalize.

<sup>45</sup> No senso comum sexo e gênero muitas vezes se misturam.

<sup>46</sup> Senso comum no sentido de doxa, apresentado por Bourdieu (2002).

As pessoas transexuais são consideradas desviantes porque entendem que sua aparência não é o “normalmente” associado à sua genital – a frase “homem com vagina, mulher com pênis” não faz sentido no senso comum.

Quanto mais procuramos uma base física simples para o “sexo” mais clara fica que o “sexo” não é uma categoria física pura. Aqueles sinais e funções corporais que definimos como masculinas e femininas já vêm misturados em nossas ideias sobre o gênero. (FAUSTO-STERLING, 2001, p. 19).

Portanto, podemos seguir a sugestão de Laqueur (2001) e entender que o modelo de dois sexos é produzido culturalmente e a partir disto “comprovado cientificamente”. Os médicos acreditam que seu saber lhes permite “ouvir a verdade que a natureza lhes diz sobre o sexo” (FAUSTO-STERLING, 2001, p. 78) entretanto essas verdades advêm do campo social e não dos corpos em si.

### 3.2 Trajetórias afetivas das entrevistadas

Gabriela conta que sua primeira paixão quando ganhou seu primeiro computador aos 14 anos. Com a privacidade da própria máquina passa a fazer amizades através do *Orkut*<sup>47</sup>. Conhece um menino morador de outro estado. Começam a conversar virtualmente e ela se apaixona. Entretanto, Gabi, à época, apresentava-se com identidade masculina e seu amigo virtual não entende as crises de ciúme que ela sofre por não ser reconhecida como menina. Isso gera brigas entre os dois, mas a relação virtual permanece. Concomitantemente, Gabi passa a se relacionar com homens mais velhos na vizinhança. Descreve como “ficava” com o tio de uma vizinha. Narra esses momentos com felicidade porque atrair homens heterossexuais a fazia sentir como mulher.

Depois de iniciar o processo de feminização, e graças a sua popularidade como militante na *internet*, Gabi passa a participar como palestrante em mesas e seminários sobre transexualidade na sua cidade. À época da primeira entrevista, estava namorando um menino transexual; eles se conheceram em um desses eventos no qual ambos palestraram. Depois estreitaram relações pelo *Facebook* e “combinaram de ficar”, relacionaram-se por algumas semanas e iniciaram um namoro. Na segunda entrevista, ela relata, pós término, que ele era machista e isso gerava diversas brigas entre os dois.

---

<sup>47</sup> Rede social similar ao *Facebook*.

Gabi então baixa um aplicativo de formação de pares no celular, *Tinder*. Entretanto, não marca encontros, relata que os homens não aceitam sair com ela por ser transexual, dado que já revela no perfil do aplicativo.

Ana é a mais desiludida das entrevistadas. É muito romântica, mas desistiu do amor por conta de dois episódios. O primeiro ocorreu quando a jovem tinha 18 anos. Ela tem primos que frequentam sua casa e junto com eles também amigos. Um desses amigos, de 36 anos, começou a flertar com ela. Ana se apaixona por ele e marcam um encontro escondido. Neste, Ana perde a virgindade<sup>48</sup>. Entretanto, Ana descreve como foi tratada de maneira agressiva e grosseira durante o encontro sexual. Depois deste momento, ele passou a evitá-la.

Alguns meses depois Ana desenvolve uma amizade profunda com outro homem, este da sua idade. Ela se apaixona por ele e revela seus sentimentos em uma conversa na *internet*. Ele a rejeita e diz que nunca se relacionaria com uma mulher transexual por vergonha. Depois desses episódios, Ana desiste de ter relacionamentos sérios. Ela “fica” com homens em festas em boates em situação de “passabilidade”, mas descreve esses momentos como vazios e sem significado.

Maria Eduarda é a entrevistada com maior número de relacionamentos sérios. Entretanto, dois deles foram bastante conturbados. Quando começou seu primeiro namoro aos 18 anos a jovem se apresentava como homem *gay*. Descobriu a transexualidade e começou a transição durante o relacionamento. Contudo, o namorado não aceitou as mudanças e terminou com ela.

Após esse caso, conheceu outro jovem; eles começaram a sair. Descreve essa relação com extremo pesar porque o jovem não aceitava sair com ela de forma pública; não a apresentava para amigos ou família porque tinha vergonha de estar envolvido com uma mulher transexual. Duda chama a relação de “clandestina”.

À época da entrevista, estava começando uma “relação aberta” com um rapaz que conheceu na *internet*. Este relacionamento distancia-se de um namoro tradicional porque ambos podem “ficar com outras pessoas”. O jovem já namorou uma mulher transexual antes. Duda entende isso como positivo e diz que ele a entende melhor por conta da sua história.

Vitória também é desiludida em relação a homens, especificamente os cisgêneros. Depois de iniciar a feminização ela passa a usar sites e aplicativos de formação de pares nos quais descobre os “t-lovers”. Inicialmente fica feliz ao descobrir homens que se interessam primordialmente por mulheres transexuais porque tinha imaginado que sofreria preconceito.

---

<sup>48</sup> Na entrevista Ana não descreve o ato sexual em si, mas deixa claro que está se referindo a sexo anal.

Entretanto, rapidamente descobre que eles não estão interessados em relacionamentos, apenas em encontros sexuais.

A partir deste momento passa a se aproximar de rapazes transexuais nas redes sociais virtuais na esperança de conseguir um namorado. Desejo que se concretiza. Vitória conhece um jovem de outro estado. Começam a conversar virtualmente e iniciam um namoro virtual à distância. Passam a viajar para se encontrar. A princípio, ela descreve a relação em termos positivos. Eles entendem as questões um do outro com o próprio corpo, as inseguranças, os medos, as dificuldades com a família, o preconceito e até as alterações hormonais.

Entretanto, Vitória descreve o namorado como extremamente inseguro em relação ao próprio corpo por estar no início do processo de masculinização. Diz ainda que considera que ele tem características femininas que não a agradam, por exemplo, ele é consideravelmente mais baixo que ela.

Ainda assim descreve a relação em termos de sucesso e acredita que a única forma de mulheres transexuais estarem em relações sérias com homens sem serem objetificadas sexualmente ou excluídas dessa dimensão é se estiverem com homens transexuais.

### **3.3 Individualismo e subjetividade: gênero e sexualidade a partir do indivíduo**

O gênero funciona como uma forma de classificação social que organiza as pessoas em dois grupos – homens e mulheres – e prescreve determinados comportamentos, sentimentos, atributos e papéis sociais segundo essa classificação.

Além disso, o gênero é performado pelos indivíduos (BUTLER, 2003) o que permite modificações neste conjunto de atributos prescritos. Portanto, o gênero funciona não só como sistema classificatório, mas também como parte constitutiva da identidade das pessoas.

A identidade de gênero faz parte da matriz individualista moderna, compondo o entendimento que os indivíduos tem de si, assim como a sexualidade. Nesse contexto, a orientação sexual vem se tornando cada vez mais base identitária e política para reivindicação de direitos (FACHINNI, 2005).

A sexualidade é construída a partir do contexto cultural e, simultaneamente, estrutura as relações sociais. Existe uma socialização diferenciada por gênero, que se manifesta na sexualidade. Toda a sociedade tem práticas sexuais consideradas lícitas e ilícitas, mas estas são diferentes para homens e mulheres. Bozon (2002) parte da leitura de que a subjetividade é uma

invenção moderna que leva a “autonomização de um domínio da sexualidade”, diferente da procriação tradicional. O processo civilizatório, descrito por Elias (1990), mostra um processo de individualização pelo autocontrole das emoções e funções corporais, criando a esfera da intimidade na qual as relações interpessoais ocorrem.

No século XX, a sexualidade sai do domínio do parentesco e do casamento e passa a ser central em alguns nichos sociais para a construção da subjetividade individual (HEILBORN, 2004), inclusive como forma identitária, o caso do movimento LGBT.

O quadro, o repertório e o significado da interação sexual apresentam-se inscritos, em primeiro lugar, nas formas instituídas das relações entre os indivíduos. As relações de gênero e as relações entre classes sociais, bem como entre grupos culturais ou étnicos, estruturam as percepções do possível, do desejável e da transgressão em matéria de sexualidade. E, na medida em que é incorporada aos indivíduos e já não pode ser afastada facilmente, a experiência sexual, sonhada ou praticada, possibilita naturalizar as relações sociais que lhe deram origem. (BOZON, 2002, p. 61)

Assim como o gênero, a sexualidade é entendida a partir de uma “perspectiva construtivista”. Ela ocorre em contexto sócio históricos “que orienta a experiência e a expressão do desejo, das emoções, das condutas e práticas corporais” (GAGNON E SIMON, 1984, p. 43).

O sexo, assim como qualquer atividade humana, é aprendido. “Os indivíduos são socializados para a entrada na vida sexual por meio da cultura, que orienta roteiros e comportamentos, considerados aceitáveis para cada grupo social.” (HEILBORN, 2006, p. 45).

A entrada nessa dimensão da vida social dá-se através do aprendizado de roteiros sexuais (GAGNON, 1991). O roteiro é um “esquema cognitivo organizado” a partir dos quais os atores podem entender as situações, inclusive quais são potencialmente sexuais. Os sujeitos aprendem socialmente esses passos, por exemplo aprendem sinais de flerte, significados para tipos de beijo, quais são os momentos adequados para esse tipo de interação e com quem podem interagir dessa forma. É uma relação entre pessoa e contexto, que liga certos sentimentos (desejo, prazer, repulsa) a certos atos corporais.

As condutas sexuais seguidas por homens e mulheres são bastantes distintas e tal distinção não decorre da biologia; os roteiros são genericados. São guias de interação que colocam qual a sequência dos atos é desejável, como e aonde cada ato deve ser feito, qual a motivação adequada e quais sentimentos são necessários.

Esse aprendizado ocorre durante a juventude. As entrevistadas precisam aprender os

roteiros sexuais socialmente entendidos como femininos enquanto passam pelo processo de feminização.

**Ana:** Eu queria um cara q me tratasse como mulher, q usasse do jeito mais bruto pra contrastar minha delicadeza e insegurança. Enquanto o João queria q eu fosse tão bruta quanto ele

**Ana:** N acho q caras gostem de mulheres q fiquem com muitos, mas já me provaram q nem sendo gentil e cândida os caras se esquecem do meu "defeito" tão enorme. Então q diferença faz? Ser discreta e puritana ou pegar todo mundo tem a mesma repercussão.

**Ana:** Sou super tímida e velha do tipo "o cara tem q dar o primeiro passo".

Heilborn e Bozon (2001) demonstram a centralidade dos sentimentos na construção da sexualidade e dos roteiros sexuais enquanto âmbito central da individualização. Os roteiros sexuais são baseados em sentimentos de afeto como amor e carinho, mas também no desejo sexual.

A expressão dos sentimentos, na medida em que é apreendida cotidianamente, resulta de uma construção social que determina seus contornos. As sensações afetivas vivenciadas pelos sujeitos resultam de marcas sociais que exprimem o sentido geral de uma cultura. O amor, aqui, é considerado menos sob o ângulo da ideologia amorosa do que como configuração de regras, gestos, comportamentos e manifestação de sentimentos (tal qual apontava Malinowski em 1929): formas de aproximação entre homens e mulheres, tipos de relação e de vínculos autorizados (flerte, relações ocasionais sem compromisso, casal formal ou informal), atividade dos corpos expressa nas práticas sexuais. (HEILBORN E BOZON, 2001, p. 112)

**Gabi:** Eu passei 3 anos sem ficar com ninguém por causa do meu amor por ele.

**Vitória:** Não, eu tinha imaginado um mundo cor de rosa onde é possível alguém se relacionar com uma transexual facilmente. E eles só ficavam se divertindo sexualmente ali. Muitos faziam todo um malabarismo romântico, falavam milhões de coisas, mas só pra te ver pelada. Era uma coisa desaparegada, num dia ficava o dia todo falando com você, era intenso, você achava que era possível ter um relacionamento com aquela pessoa, no dia seguinte sumia, nunca mais falava com você, te deletava e te bloqueava. Era horrível, sofri milhões de decepções mesmo não tendo tido nenhum relacionamento sério, foram decepções platônicas, porque eu criei vários sonhos na cabeça...

## Segundo Heilborn (1999)

A sexualidade não tem o mesmo grau de importância para todos os sujeitos... essa variação é efeito de processos sociais que se originam no valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam. (HEILBORN, 1999).

Para minhas entrevistadas, a dimensão afetivo-sexual é central. Primeiro, porque relatam em suas trajetórias que ao se sentirem atraídas por homens entendiam-se como jovens

*gays*. Segundo, porque ser uma mulher que provoca desejo sexual é importante na sua construção de gênero. Ser desejada é também um sinal de “passabilidade”. Terceiro, porque nos discursos das entrevistadas o amor aparece como uma vontade, elas anseiam por um “namorado”, por um “relacionamento sério”, por alguém que as aceita “como elas são”.

**Ana:** Desde o ensino médio, eu era a coisa e meu sonho era q os meninos me tratassem da mesma forma flertativa q tratavam todas as meninas

**Ana:** Minha perspectiva de futuro é me afogar na minha carreira, q eu amo e só Me imagino como uma viciada em trabalho. E eu te disse, sou uma princesa da Disney Meu sonho é um príncipe, mas n um perfeito, só um q me salve do inferno. Coisas como acordar juntos, ficar enrolado na chuva, encham meu coração de ternura e logo depois apodrecem o mesmo coração

**Ana:** E o q eu precisaria? Q cara apresentaria pra avó, papagaio, tia da quitanda, português da padaria, a namorada com a voz mais grossa q a dele e q n pode ter filhos? Sou louca pra adotar, mas n consigo imaginar um cara apresentando uma namorada pra mãe q n pode dar um neto com os olhos do pai pq n tem útero aos 19 anos. N imagino um cara q vá achar lindo no dia do casamento um vídeo de memórias com fotos de uma noiva q era um menino

**Gabi:** Eu gostava de como os caras hetero davam em cima de mim. Me sentia mulher.

**Vitória:** E muito ruim (começa a chorar), é como se você não fosse enxergada, é complicado, eu queria que ele me visse como quem eu era e ele ficava dividido também tanto que rolou (para de chorar). Eu te falo isso não por ele, mas por essa questão, é difícil, eu vivi isso com vários caras, a mesma coisa. É difícil pela coisa em si, é muito ruim quando você não é enxergada, eu respeito ele não querer se relacionar comigo, a tristeza não é essa, é não ser vista como quem eu sou, é muito ruim isso e a decepção de imaginar que nunca nenhum cara na face da terra ia me ver como eu sou.

Há uma hierarquia de valores sexuais (RUBIN, 1984) onde o “casal heterossexual, marital monogâmico está no topo”. Este casal descrito é também “cisgênero”<sup>49</sup>, e por isso as jovens transexuais estão aleijadas dos privilégios desta hierarquia.

Indivíduos cujo comportamento está no topo desta hierarquia são recompensados com saúde mental certificada, respeitabilidade, legalidade, mobilidade social e física, suporte institucional e benefícios materiais. (RUBIN, 1984, p. 14)

Pessoas transexuais estão na base de tal hierarquia e por isso sofrem discriminação. Ainda que a transexualidade nunca tenha tido tanta visibilidade midiática, os casos de discriminação são inúmeros e vão do desrespeito ao nome social até o assassinato. Este cenário

---

<sup>49</sup> Segundo as entrevistadas uma pessoa “cisgêneros” é aquela que se auto identifica com o gênero atribuído no nascimento. Diferente da pessoa transexual.

pode ser entendido a partir da noção de “pânico moral”.

Pânicos morais são o “momento político” do sexo, em que atitudes difusas são canalizadas em ação política e a partir disso em mudança social... as campanhas anti-homossexual dos anos 1950 e o pânico da pornografia infantil no final dos anos 1970 foram pânicos morais típicos. (WEEKS, 1977, p. 31).

A atividade sexual torna-se foco de um medo difuso que se liga a alguma população que passa a ser perseguida.

As jovens relatam diversas situações de violência. Nas narrativas a violência está associada a não aceitação social da transexualidade, mas principalmente ao fato de que elas não são lidas socialmente como possíveis parceiras amorosas por não serem “mulheres de verdade”. As entrevistadas descrevem situações nas quais foram rejeitadas por serem transexuais, isto é fonte de muito sofrimento o que faz até com que elas desistam de procurar parceiros.

**Ana:** O problema não é chamar atenção, não gosto muito de balada mas consigo beijar a noite toda se quiser. O problema n é chamar atenção física, o problema é ser trans. Quando me interesse, eu sufoco, pq n quero mais ter essas tristezas. Sei onde acaba, sei como vou ser tratada. Sei q gostar, estar afim de alguém, n vai prestar.

**Ana:** Quem eu gosto sempre tem vergonha de mim quando me exponho, como se fosse um azar uma transexual gostar de vc de forma diferente. Tenho vergonha por mim mesma e pela pessoa pelo azar q nós envolve. Já ouvi isso, sabe? Um cara q disse q nunca nenhuma mulher gostou dele, e quando rola ele dá o azar de ser eu

**Vitória:** Às vezes eles mudavam de ideia e falavam “é impossível ter um relacionamento com uma transexual, é muito preconceito”. Eram caras mal resolvidos, queriam, sentiam atração, tinham curiosidade e fetiche, mas não tinham coragem, criavam uma neura e paravam de falar com você pra sempre.

**Brena:** Quando você fala pra pessoa “eu sou trans”, todo mundo sabe o que é? Ou você tem que explicar?

**Vitória:** O mais surpreendente é que a maioria sabe, eu nunca tive que explicar, quando não sabia não tinha a noção total, mas tinha alguma coisa, às vezes achava que era a mesma coisa que travesti e eu explicava a diferença. Mas o que me surpreendia é que a maioria não dizia não, não rejeitava, a maioria falava “eu não tenho problema nenhum quanto isso”, mas só falava né, na prática eu percebia as coisas.

**Brena:** Como assim?

**Vitória:** Falava que não tem problema nenhum, que fica confuso sobre como lidar, mas que aceitava completamente, que eu era uma mulher linda e maravilhosa, mas na prática aconteciam coisas que eu sabia que já era um problema em relação a isso.

**Brena:** Tipo o que?

**Vitória:** Tipo... por exemplo... de vez em quando marcava de se encontrar e furava, depois que eu falava nunca podia, sumia as vezes, antes podia a qualquer momento, aquela coisa louca, depois cheio de dedos. O carinho e a conversa muda, meio que some isso, continuava um carinho, mas sumia a mágica, é difícil de explicar, o clima desaparecia... fiquei depressiva, porque todo encontro era assim, e eu falei que se era pra ser aquilo eu não queria, essa coisa da insegurança, eu não quero um cara inseguro, eu quero um cara seguro que queria ficar comigo, eu prefiro ficar sozinha.

Ser desejada por homens e estar em relacionamentos é valorizado porque implica um reconhecimento total da identidade de gênero das jovens. Entretanto, na maioria das vezes não é isto que acontece e elas precisam lidar com rejeições e decepções no campo afetivo-amoroso. Uma das saídas encontradas pelas moças é a formação de casais heterossexuais trans/trans, isto é, elas namoram homens transexuais e formam casais hetero.

### 3.4 Corpo e gênero

O corpo funciona como símbolo para a identidade de gênero. Por isso, as entrevistadas preocupam-se com o processo de feminização e com a “passabilidade”.

Para Benedetti, em seu livro *“Toda feita: o corpo e o gênero das travestis”* (2005), demonstra como suas entrevistadas travestis desenvolvem práticas e transformam seus corpos de modo a sentirem-se mulheres. O estudo é um exemplo etnográfico de outro processo de feminização. Ainda que as entrevistadas do autor se auto identifiquem como travestis a semelhança das práticas e técnicas utilizadas para a feminização não pode ser ignorada. A diferença entre as travestis do estudo de Benedetti (2005) e as entrevistadas desta pesquisa é que as minhas entrevistadas sentem que são mulheres mesmo sem terem transformado seus corpos, mas querem transformá-los para receber reconhecimento social.

**Ana:** Vc se sente uma mulher de verdade, mas não parece, e isso é horrível  
vem os pensamentos como: então eu vou ficar assim?  
vai ser assim pra sempre?  
vou ter q plastificar meu corpo todo?

e aí vem a depressão

**Gabi:** É muito engraçado minha situação com o João pq ele era hétero e eu como me via como garota, me apaixonei por ele.

**Vitória:** Eu falava de forma resumida, que eu sempre fui assim, que eu não me tornei mulher, que eu sempre fui mulher, e que eu não sabia porque, não sabia se era uma doença, ou um estado, mas que eu nasci assim, de fato, e sempre fui assim, independente do que ele me visse e dos preconceitos dele eu era uma mulher.

Segundo as entrevistadas de Benedetti (2005), as travestis são aquelas que vão modificar o corpo para ser o mais parecido com o de uma mulher, sem fazer cirurgia genital. O autor sugere também uma diferença de classe entre travestis e transexuais. Pessoas de classes altas teriam mais acesso aos discursos e serviços médicos e por isso se entendem como transexuais; diferentes das travestis, que em geral fazem parte das classes populares. Vitória elabora as diferenças entre travestis e transexuais:

**Vitória:** existe a travesti, que é como se fosse uma transexual só que mais resolvida, tipo foda-se, não me importo como é meu corpo, com hormônios, eu quero características femininas, peito e bunda, não importa como elas venham, o que importa são as roupas de mulher, a maquiagem. Travesti é tipo isso, a transexual não, ela tem a necessidade de ser uma mulher com a parte até biológica mesmo, é muito maior essa coisa da mulher, tem uma ligação com a coisa da mulher biológica, não com a representação do feminino. Entendeu?

**Brena:** Entendi.

**Vitória:** tem a representação do feminino e a ligação com o gênero mulher, a travesti não, ela se vê como mulher e quer ser identificada com o gênero mulher, mas ela não procura parecer com esse gênero totalmente, é diferente. Tem uma nuance, por isso confundem muito travesti com transexual, porque é muito parecido. Geralmente as travestis não tem problema com o órgão genital, gostam até de usar, tem essa coisa da diferença entre a travesti e a transexual, não tem uma repudia tão grande com o corpo.

As travestis investem no seu corpo porque o entendem como uma linguagem, elas colocam os significados do que compreendem como feminino e masculino ali de forma concreta, é no corpo que se constroem como sujeitos. (BENEDETTI, 2005, p. 55). Nesse sentido, as jovens transexuais também narram que seu gênero está no corpo Ana comenta, “mas

antidepressivos n fazem milagre, n vão te fazer acordar mulher no dia seguinte”.

As travestis compreendem as diferenças de gênero como naturais. As moças transexuais oscilam entre definições mais naturalistas e construtivistas. Ao mesmo tempo que os estudos de gênero e da teoria *queer* estão presentes na fala das entrevistadas é notável como elas por vezes descrevem situações nas quais o gênero é inato a elas.

**Vitória:** Quando você apresenta sua identidade no lugar, você não precisa se despir e mostrar o que você tem entre as pernas, você é o que você se identifica, aquela pessoa não tem nada a ver com a sua vida.

**Vitória:** Existem três coisas, a sexualidade que é sua atração sexual, se é do mesmo sexo de nascimento ou contrário ao seu de nascimento, existe o seu gênero como você pratica, tipo, se você é feminino e visto socialmente como uma pessoa feminina independente de ser homem ou não, e existe o gênero com o qual você se identifica, se você é homem, mulher, os dois ou nada.

**Vitória:** eu sempre criei um bloqueio mental, tipo, isso nunca vai acontecer na minha vida, eu criava um pavor gigantesco por pelo, eu era apavorada em começar a crescer pelo em mim. Eu não sei se fui um bloqueio mental tão grande de eu me sentir tão feminina, eu sempre tive essa visão mágica, que você pode externar o que você é por dentro, num mecanismo do corpo, você externa sua alma e seus sentimentos, eu achava que por eu ser quem eu era eu não teria características masculinas, como pelos e caracteres secundários. De fato, eu não sei se foi coincidência, se foi genética ou se foi a influência da minha mente e dos meus sentimentos no meu corpo, mas eu nunca tive pelo, eu via meus amigos na oitava série com barba, já raspando, forte e masculino e eu não, eu era andrógona.

As entrevistadas de Benedetti narram maus tratos constantes pela família. As jovens transexuais participantes da pesquisa não. Em geral, em um primeiro momento a família não as acolhe, tentam faze-las “mudar de ideia”, mas quando percebem que há um desejo persistente de feminização que não pode ser modificado, aceitam as moças e as ajudam no possível, segundo a narrativa delas. Isso parece indicar uma diferença geracional, mostrando que trânsitos de gênero são mais aceitos hoje do que na época do estudo de Benedetti (2005).

Outra hipótese para essa diferença seria uma diferença de classe. As entrevistadas dessa pesquisa fariam parte de estratos sociais menos subalternizados que as travestis que colaboraram com Benedetti. Por ter maior acesso à informação, seus familiares aceitariam melhor os trânsitos de gênero do que os familiares das travestis.

Outro ponto destacado pelas travestis é o desejo sexual. “Desejar sexualmente um

homem e proporcionar-lhe prazer desde a infância é quase um imperativo no processo de transformação do gênero” (BENEDETTI, 2005, p.99) Portanto, o gênero não está só no corpo, mas também nas relações. O mesmo acontece para as moças transexuais entrevistadas para esta pesquisa.

**Gabi:** Então, rolava quando eu ia na casa de amiga e o primo, tio, irmão ou pai tava lá. Eu realmente só queria curtir e me sentir desejada pelos homens.

As travestis entrevistadas por Benedetti entendem seus sentimentos femininos como naturais e ingênuos, algo que elas não tem culpa, que tem alguma causa orgânica. Benedetti argumenta que isto é uma maneira de lidar com o estigma. As jovens transexuais entrevistadas nesta pesquisa descrevem seus sentimentos em termos semelhantes, apesar de por vezes reconhecerem o gênero como socialmente construído.

**Ana:** você é mulher, se sente mulher e quer ser percebida como mulher, se é com hormônios, com cirurgias ou com magia negra, n importa. E cada dia q vc n é assim, n se sente assim, é um pequeno inferno, como se n houvesse lugar no mundo para se encaixar

Entretanto, esta forma de entender o “sentir-se mulher” não é hegemônica. Kulick fez uma etnografia com travestis na Bahia nos anos 1990, na qual descreve como estas travestis não se consideram mulheres, mas sim homossexuais, querem ser femininas, mas não mulheres. As travestis do estudo de Kulick (1997) encontraram uma maneira específica de demonstrar sua feminilidade, através da escolha dos parceiros. Elas querem namorar homens jovens, musculosos e viris. Esses homens são também desempregados, assim, as travestis os sustentam porque entendem que eles nunca podem se apaixonar por elas porque elas não são mulheres “de verdade” logo, a maneira de manter um namorado é a dependência financeira.

Os namorados são importantes para a identidade e autoestima. As travestis baianas se entendem como homens vivendo como mulheres, mas não pretendem ser mulheres, inclusive veem isso como doentio. A similaridade da travesti com a mulher se dá pelas modificações corporais e pelo fato de quererem relações heterossexuais com homens. A travesti se sente como mulher porque é desejada por um homem heterossexual. Se o namorado mostra interesse pelo pênis da travesti a mesma perde o interesse por ele porque ele deixa de ser “homem”.

Para minhas entrevistadas o gênero está no corpo e nas relações – isto é a identidade de gênero está ligada à orientação sexual, mas também está no sentimento. Elas se sentem como

mulheres e isso ganha legitimidade no discurso “no corpo errado”

### 3.5 Sentimentos

Os sentimentos são entendidos como universais e inatos, mas é preciso duvidar dessa convicção do senso comum (REZENDE e COELHO, 2010). As emoções são entendidas de forma ambígua, simultaneamente inatas e resultante de situações sociais até os anos 1970. A partir deste momento, com a abordagem relativista da antropologia a cultura “como padrões de comportamento habituais e tradicionais foi repensada e redefinida em termos de teias de significados, transmitidas por símbolos e interpretadas de maneira específica de sociedade para sociedade”, a ideia de pessoa passa a ser vista como uma construção cultural e logo também as emoções. (REZENDE e COELHO, 2010, p. 14). As ciências sociais passam a questionar a ideia de que as emoções são inatas, elas acontecem em contextos de interação.

O gênero aparece no discurso das entrevistadas de forma paradoxal. Como todas estão cursando universidade em cursos de ciências humanas e artes, entendem o gênero como socialmente construído. Simultaneamente, o gênero é descrito como uma sensação, um sentimento. “Eu me sentia mulher” é uma fala comum, como uma essência que emana delas e sob a qual não tem controle.

**Vitória:** E de fato eu nunca tive caracteres masculinos muito marcantes, eu dou graças a Deus por isso e dou graças a mim porque eu sempre tentei por em prática na minha maneira de agir e nos meus sentimentos e não sei se isso se externou de alguma forma. Vai a ciência um dia explicar.

**Vitória:** Eu já tinha explicado que não era gay, que eu era transexual, que eu me sentia mulher e que existem várias pessoas assim, que isso existe.

Os sentimentos são uma categoria central no discurso das jovens, especialmente na descrição da sua identidade de gênero. Não só o “sentir-se mulher”, mas também o amor, a vergonha, o medo e a paixão.

Ser “sentimental” é associado ao feminino. Os sentimentos são entendidos como entidades a um só tempo biológicas e psicológicas. As entrevistadas descrevem como o uso de hormônios afeta seu humor.

**Ana:** vc vira uma bomba nos primeiros meses

eu amo chuva  
e chorava de emoção quando chovia  
do tipo isso

**Ana:** vc fica bipolar, tudo à flor da pele  
nervosa, brava, deprimida, triste e brava de novo  
tudo antes do almoço

Dois sentimentos são básicos e estão interconectados nas narrativas das jovens. O amor e a vergonha. Elas anseiam por amor, elas querem amar, ser amadas, ter namorados, casar e construir famílias. Entretanto, não acham isso possível, sentem-se excluídas dessa dimensão por serem transexuais. Isto as faz sentir vergonha e rejeição.

O amor é um sentimento extremamente valorizado pelas jovens. Elas o buscam incessantemente. É também imprescindível, para a sociabilidade juvenil, justamente o momento do “primeiro amor”. Entretanto, diferente de seus pares, para as moças o amor é fonte de angústia e não de satisfação. Elas descrevem como os rapazes com quem se relacionam não as amam justamente por serem transexuais. Existe para os parceiros a possibilidade de manter relações sexuais com as moças, mas não lhes ocorre expectativa de desenvolver relações afetivas duradouras, causando sofrimento e desilusão por parte das moças.

A desilusão amorosa está ligada a dois fatores. Primeiro, ao não conseguirem construir relacionamentos duradouros e com características afetivas para além da dimensão sexual, como um namoro. Segundo, do desencontro entre as suas expectativas de gênero e a maneira como elas são tratadas: as moças querem ser tratadas como mulheres pelos rapazes, o que não ocorre com frequência.

**Duda:** Acho que é isso, e talvez essa minha dificuldade de falar das minhas relações passadas tenham sido muito em função dos fracassos e dessa clandestinidade, porque quando a pessoa tem uma sexualidade que não é padrão já é difícil e quando você não tem uma sexualidade que é padrão e ainda é trans é mais difícil ainda.

**Ana:** Nunca namorei, nunca fiquei com alguém mais do que uma balada só alguns ocorridos de caras curiosos com o corpo ambíguo

**Ana:** Um cara que gostava de estar comigo, gostava do meu jeito, do meu corpo como era, mas tinha vergonha de mim e não queria jamais que alguém soubesse que se quer nos provocávamos

**Vitória:** Tipo assim, no início eu fiquei maravilhada porque eu vi que existiam

homens que gostavam de trans e travestis e dessas pessoas todas loucas (risos). Eu pensei, como uma pessoa totalmente normal na sociedade, heterossexual homem, numa sociedade patriarcalista e machista o cara vai gostar e ter relações com uma pessoa transexual que é totalmente marginalizada? Só de ter uma identidade feminina você sofre preconceito, mulheres sofrem preconceito e pior ainda, é transexual ou travesti, completamente marginalizada. Eu achei aquilo incrível.

**Brena:** Como você descobriu que tinha esses homens?

**Vitória:** Na internet. Existiam comunidades que era comunidades de relacionamentos trans com homens. Criou-se um termo entre as transexuais pra designar esses caras, “t-lover” (risos). Eu achei aquilo engraçado e curioso. Acabei conhecendo uns caras, mas é muito triste, a maioria é coisa completamente sexual, tá lá pra se masturbar, ficar aparecendo na webcam, ridículo.

**Vitória:** chegou um ponto que eu era taxativa e falava “você é bem resolvido? Já conheceu alguma transexual? Não, então vão ter muitos problemas, não quero te conhecer” aí fiquei um ou dois anos da minha vida sem nem beijar um cara na boca, não tinha mais paciência, não queria viver aquilo, se não era o que eu queria pra que? Era uma ilusão, eu preferia ficar sem do que ver pessoas e saber que não ia ser do jeito que eu queria.

A decepção presente nestes discursos indica o local privilegiado das relações amorosas na construção da identidade de gênero feminina. Vitória diz que se sentiu “maravilhada” ao pensar que existiam homens *cisgênero* que gostavam de se relacionar afetivamente com mulheres transexuais. Porém, quando a moça descobre que os “t lovers” só estão interessados em sexo ela prefere ficar solteira do que estar nessas relações que não contemplam seus ideais.

O amor como é descrito pelas moças está em concordância com o modelo individualista discutido no segundo capítulo. Lázaro (1996) analisa o amor moderno como um “método por meio do qual se elabora e se estabelece um modo de percepção da interioridade do indivíduo.” (LÁZARO, 1996, p. 21). O amor, para o homem moderno, é uma experiência que dá sentido à sua existência. “O amor no mundo moderno torna-se um grande espaço que envolve o corpo, os sentidos, a imaginação, o próprio reconhecimento que o sujeito faz de si.” (LÁZARO, 1996, p. 78)

Araújo e Viveiros de Castro (1977) discutem como o amor romântico moderno tem como mito de origem à peça de Shakespeare “Romeu e Julieta”.

A noção de amor tal como a concebemos no mundo moderno – uma dimensão interior do sujeito, capaz de prometer a plena realização de si no encontro com o outro, a porta mais próxima para a felicidade – o mito do amor como um movimento da ordem do sagrado que transcende a vida social para criar um espaço próprio e íntimo ao sujeito,

este mito esta formulado claramente no imaginário do Renascimento, embora não encontre ainda aí sua plena legitimidade. ” (ARAÚJO e VIVEIROS DE CASTRO, 1977, p.130).

A experiência amorosa moderna é radical e absoluta. O amor faz parte dos desejos individuais e promete uma experiência intensa e única. As moças entrevistadas buscam o amor como uma forma de viver sua interioridade plenamente.

**Ana:** Sou romântica e ingênua, boba, princesa da Disney, então estes caras sempre me assustavam

**Ana:** Mas n sou uma opção pros homens, sou sempre a amiga

Entretanto, por mais que procurem se apaixonar, amar e ser amadas, as moças enfrentam dificuldades nessa esfera. Isto acaba gerando o sentimento de vergonha. As moças são inicialmente rejeitadas pela família, mas continuamente desprezadas por possíveis parceiros.

A vergonha é analisada por Scheff (2000) como uma emoção primordial na estrutura social, pois teria uma ligação direta com a quebra da regra social. O autor critica análises psicanalíticas sobre a vergonha porque o indivíduo não pode ser pensado fora do contexto social. A vergonha seria o sentimento de quem ameaça o **vínculo social**.

Elias (1990) descreve o processo civilizatório discorrendo sobre as mudanças no desenvolvimento da personalidade, concomitantes a transformações das normas sociais. O processo de racionalização concomitante à mudança emocional baseada na vergonha. Para o autor, pessoas modernas estão preocupadas em não passar vergonha, no sentido de que criam o pudor (1990, p. 10).

Elias demonstra como certos tópicos que eram largamente discutidos param de ser comentados no final do século XVII e começo do XVIII da civilização moderna. As pessoas passam a reprimir suas emoções e a socialização das crianças parte da inculcação de repressão e vergonha.

As moças foram socializadas para serem rapazes em função do gênero atribuído no momento do nascimento, dado a partir da genitália. Entretanto, elas contrariam a **socialização** como meninos a partir do sentimento de que são meninas.

Para Berger e Berger (1990), a experiência social começa no nascimento. A partir da socialização, a criança vai aprender as regras e padrões sociais do grupo no qual nasceu. Os padrões que serão aplicados variam não só de sociedade para sociedade, mas também dentro da mesma.

O processo por meio do qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade é designado pelo nome de *socialização*... Vista sob este ângulo, a socialização é a

imposição de padrões sociais à conduta individual” (BERGER e Berger, 1990, p. 204)

É importante ressaltar que a socialização não é uma via de mão única, as crianças podem ou não cooperar com o processo. O caso das moças transexuais é emblemático, para Berger e Berger, porque elas resistem a socialização.

A parte socializada da individualidade costuma ser designada como a *identidade*. Qualquer sociedade pode ser vista como um repertório de identidades: a do menino, da menina, do pai, da mãe, do policial, do professor, do ladrão, do arcebispo, do general etc. Através duma espécie de loteria essas identidades são atribuídas aos diversos indivíduos. Algumas delas já são atribuídas com o nascimento, como a de menino ou menina. Outras vezes a identidade é atribuída ao indivíduo numa fase posterior da vida, como a de menino esperto ou menina bonita. Outras identidades são guardadas como que para a aquisição... mas quer a identidade seja atribuída ao indivíduo, que seja adquirida por ele, ela sempre é assimilada através de um processo de interação com o outros. São os outros que o identificam daquela maneira... por exemplo, em nossa sociedade existem indivíduos identificados como homens que prefeririam ser mulheres. Poder fazer várias coisas, que vão até cirurgia destinada a reconstituí-los de acordo com a nova identidade. O objetivo principal a ser atingido, porém, consiste em fazer com que ao menos alguns outros aceitam a nova identidade, ou seja, que os identifiquem nesses termos. (BERGER e BERGER, 1990, p. 212)

**Vitória:** Desde muito pequena, quatro ou cinco anos, eu me lembro de ser chamada, e levar broncas e intimidações preu não deixar externar quem eu era. Então, tipo, eu desde o início eu já tinha uma censura própria a tudo que eu tinha vontade de fazer, vontade de dançar ouvido tal música igual uma menina rebolando, “não, não posso na frente de ninguém”, me trancava no quarto, eu tinha vontade de brincar de boneca, mas eu não me deixava porque eu tinha medo de como eu ia ser tratada.

**Vitória:** minha única amiga que eu brincava de boneca e eu tinha vergonha porque eu sabia que iam olhar torto e falar que não era certo, então eu tentava brincar escondido com ela e eu falava “Yasmin, vamos acordar de madrugada e brincar de boneca?” e a gente coloca o despertador pras três horas da manhã.

Esse depoimento assinala como a família tem o papel de supervisionar as condutas de gênero. A família tem conduta ambígua; por mais que as entrevistadas ressaltem que a família tem um papel positivo e de apoio no processo de feminização fica claro que nem sempre foi desta maneira.

A socialização masculina apresenta um leque de regras diferente da feminina. Entretanto, as moças resistem às regras desse processo, mas mesmo assim, se não são “passáveis” continuam a ser identificadas enquanto homens. O que reflete em vergonha e **estigmatização**.

#### 4 “ENTÃO EU SOU A COISA”: DESVIO E NORMALIDADE

Neste capítulo discuto as categorias de estigma e desvio desde uma perspectiva socioantropológica. Descrevo, a partir das narrativas obtidas, como as entrevistadas são estigmatizadas por serem transexuais e quais estratégias utilizam para lidar com a discriminação – denominada por elas de “transfobia” - o enfoque recai nos relacionamentos afetivos.

Para discutir **estigma** e **desvio** a partir da leitura sociológica é necessário debater as teorias de Howard Becker (2012) e Erving Goffman (1988). Ambos os autores partem de perspectivas similares nas quais o estigma e o desvio são entendidos a partir do contexto social e não do indivíduo em si. Ambos pertencem a chamada Escola de Chicago.

Becker (2012) estuda grupos considerados desviantes como usuários de maconha e músicos de que casas noturnas. O autor entende que todo grupo social tem regras de como agir em cada situação, quem infringe as regras é considerado *outsider*. Assim, para o autor perguntar o que há de errado com a pessoa que transgride as regras significa legitimar estas mesmas regras. O autor critica essa abordagem porque entende que o problema não está no indivíduo em si, o desvio é criado pelo grupo social.

Desse ponto de vista o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um “infrator”. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento do desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. (BECKER, 2012, P.22)

Assim, o autor não está interessado nas características pessoais do desviante e, portanto, se afasta de concepções biomédicas que equacionam o desvio como intrínseco a pessoa, como uma doença.

Para Goffman (1988), não existem características intrinsecamente estigmatizantes, o estigma se constrói na interação entre as pessoas. O estigma aparece na diferença entre a identidade virtual – o que os outros esperam que aquela pessoa seja – e a identidade real – o que a pessoa mostra. Por exemplo, uma pessoa transexual sofre estigmatização quando o sexo designado na carteira de identidade e sua aparência física não coincidem. Portanto, o que produz o estigma é o desencaixe entre as duas instâncias e não o atributo em si.

**Ana:** na escola foi uma separação de águas, meus poucos grandes amigos me apoiaram e o resto passou a me ignorar.

**Ana:** Minhas amigas me veem como o gay vivendo como mulher "em mudança" e os homens me veem como homens. Então n há cumplicidade de mulheres entre nós, pq pra elas eu n sou "mulher" e pros caras eu sou o gay brincando de mulher, **então sou**

**a coisa.** (Grifo meu).

**Ana:** Todo mundo sabia, era visível; ganhei seios, afinei cintura e etc., mas n era "mulher". Era a coisa do colégio.

Isto é, existe um conjunto de expectativas sobre cada papel social, quando não há conformidade com tal quadro produz-se o sentimento de repulsa e rejeição. As regras quebradas por pessoas transexuais são as normas de gênero, estas são – para o senso comum - baseadas na natureza dos corpos e entendidas como naturais e universais, por isso, as pessoas transexuais sofrem estigmatização. Tal convicção faz com que pessoas transexuais sofram estigmatização. O desvio é produto do olhar do outro.

As normas de gênero são fundamentais para nossa sociedade, já que todas as pessoas são organizadas entre homens e mulheres e serão socializadas segundo essa classificação. Pessoas transexuais questionam esse sistema. E nesse sentido, acompanham da ideia de ordem social de Mary Douglas (1976). Tais pessoas são consideradas perigosas e sujas conseqüentemente, estão à margem do sistema. São consideradas “coisas”, ficam à margem da humanidade, porque desequilibram a classificação.

A ordem social não é fixa e está em constante mudança. Ser mulher é diferente segundo contexto social e histórico. E a feminização enquanto projeto de vida é possível porque faz parte do **campo de possibilidades** das moças. Entretanto, a mudança social é lenta e o preconceito sofrido pelas jovens é grande.

**Duda:** são muitas barreiras sociais, eu tenho muito pânico, muito medo de acabar sendo agredida verbal e fisicamente.

**Duda:** Assim, eu sou uma mulher alta, quando eu boto peruca fica chamativa, geralmente as roupas que eu coloco são roupas curtas e as pessoas mexem comigo, ou cantando ou fazendo piadas e eu fico muito acuada. Quando eu me monto<sup>50</sup> eu preciso de toda uma logística pra me locomover pela cidade. Por exemplo, das vezes que eu me montei que foram mais marcantes, essa festa, primeira vez, eu tive que pegar um taxi com um sobretudo por cima, na festa tirar o sobretudo e na volta botar o sobretudo porque se não eu seria, sei lá, violentada no meio da rua de tão agressiva que é a abordagem.

**Duda:** Pra exemplificar, o cara virou pra mim e falou “Ah, hoje eu vou precisar pagar

---

<sup>50</sup> A categoria “montação” está presente no vocabulário tanto de travestis quanto de transexuais e diz respeito ao momento de vestir roupas femininas, maquiarse e vestir uma peruca para ir a algum evento. No caso de Duda a jovem se montava porque ainda não havia abandonado totalmente sua figura masculina.

pra você chupar o meu pau?” Foi nesse nível, eu fiquei muito assustada. E mulheres trans escutam isso no dia a dia.

**Brena:** Em algum momento isso mudou? As pessoas passaram a te tratar como mulher?

**Ana:** Nunca, nem na faculdade eu sou vista como mulher mesmo

**Vitória:** Sinceramente, eu digo hoje em dia, eu acho impossível um relacionamento entre uma transexual e um homem heterossexual, no futuro pode ser possível, daqui a uns 300 anos quando não tiver mais preconceito e tal.

O preconceito sofrido é chamado por elas de “transfobia”. A palavra “transfobia” é análoga a “homofobia”, categoria que trata da rejeição/discriminação contra pessoas homossexuais, sejam homens ou mulheres. O termo é amplamente utilizado no contexto dos movimentos sociais LGBT. Entretanto, a “transfobia” é diferenciada da “homofobia” pelas entrevistadas já que expressam que pessoas transexuais podem ser hetero ou homossexuais. Portanto, a “transfobia” está diretamente conectada ao desrespeito à identidade de gênero das jovens.

As quatro jovens entrevistadas não ficam passivas diante de atos transfóbicos e desenvolvem diversas estratégias para lidar com *as atitudes* de preconceito e discriminação no cotidiano. A reiteração sobre a inevitabilidade do “sentir-se mulher” ancorada no desejo de modificação corporal e de participar do que é socialmente considerado como “universo feminino” desde a infância funciona como justificativa para o enfrentamento da *transfobia*. Assim, antes de acharem que o processo de feminização e a luta por aceitação são atos de coragem, entendem-nos como vivência necessária. Suas falas registram a impossibilidade de outra maneira de viver - não poderiam viver como homens.

**Gabi:** Fui deixando meu cabelo crescer e fui tentando ficar o mais feminina possível e já ficar mais ou menos como seria a realidade que eu passaria

**Gabi:** Mas tipo, as pessoas falam muito pra mim "te admiro pela coragem, não sei o que", mas realmente eu nunca tratei como algo "eu vou porque tenho coragem", pra mim foi naturalmente, a vida me levou, pareceu a coisa certa de se fazer, entende?

Uma das maneiras de lidar com a *transfobia* descrita pelas jovens é tornar-se “passável”. A mulher transexual “passável” é aquela lida socialmente *apenas* como mulher e não como transexual ou travesti, logo não é vítima de *transfobia*. A “passabilidade” pode ser compreendida como um desejo por normalidade; ser “passável” significa não receber olhares

em locais públicos e não sofrer estigmatização. Contudo, a “passabilidade” não é absoluta e a pessoa transexual “passável” vive a rotina do medo de ser descoberta.

Essa estratégia é apenas descrita – e não acionada- pelas entrevistadas da presente pesquisa. As jovens não se consideram totalmente “passáveis”. Inclusive uma das entrevistadas da pesquisa abdica da “passabilidade” em prol do ativismo político.

**Duda:** Muitas mulheres trans o objetivo de vida delas é ser passável, é uma transição que no final das contas você é uma mulher completa, enfim aquele estereótipo todo que a gente tá acostumado a ver. Mas meu objetivo não é ser passável, eu acho que a passabilidade é ruim por um ponto porque as pessoas já pressupõem coisas e eu não, não quero. Ah, então, essa coisa de ser na internet alguns caras heterossexuais e com uma visão bem cissexista, bem voltada pra uma genitalização do meu corpo entra em contato comigo, eu já pressuponho que a pessoa já saiba que eu sou trans e não vai ficar me genitalizando.

A militância e ativismo político podem ser considerados uma segunda estratégia para combater a *transfobia*. Gabi e Duda fazem parte do movimento transexual. Gabi é uma militante reconhecida nacionalmente. Ela escreve para diversas revistas *on-line*, já deu entrevistas para jornais, foi garota propaganda de uma marca nacional e tem vinte e oito mil seguidores em sua página do *Facebook*.

Ambas as moças politizam suas experiências e convivem em meios de militância LGBT. Fazem amizades nesses grupos de forma a conviverem com outras pessoas que também sofrem e combatem a *transfobia*.

**Duda:** A Indianara Siqueira<sup>51</sup> foi uma pessoa que me motivou a não querer, não que ela tenha me imposto algo, mas aquela frase dela “sou uma mulher normal de peito e de pau” aquilo pra mim foi uma revolução na minha relação com meu corpo porque a partir daquele momento eu entendi que eu poderia ser uma mulher normal, de peito e de pau.

Nos relacionamentos afetivos é possível identificar três modos de contornar a *transfobia*. O primeiro consiste em desistir de tentar cultivar um relacionamento ao estilo de namoro ou com compromisso, como Ana fez.

---

<sup>51</sup> Indianara Siqueira é uma ativista política do movimento transexual. Ela é prostituta e foi assessora política do Deputado Jean Willys do PSOL/ RJ (de 2012 a 2015). Tem grande relevância no movimento LGBT, participa de diversas palestras e fóruns, tendo integrado à equipe de palestrantes do Seminário dos Alunos do IMS no ano de 2014.

**Ana:** Acredito q amor é uma coisa de gente de sorte, tive muita sorte na minha família e tratamento. Mas n sou o tipo de pessoa q nasceu pra merecer amor, pra fazer os outros se apaixonarem... N entra no mérito de relacionamentos com as pessoas pq realmente sou descrente com relação a possibilidade de ocorrer.

Entretanto, isto causa extremo pesar. As moças descrevem sua decepção.

**Brena:** Entendi. Você descartou a possibilidade agora, mas você acha que isso pode mudar no futuro? Ou não?

**Ana:** Não, sinceramente. Do fundo do coração

**Brena:** E isso te incomoda?

**Ana:** Minha perspectiva de futuro é me afogar na minha carreira, q eu amo e só, me imagino como uma viciada em trabalho. Incomodar é eufemismo. Faz eu sentir q vou perder uma parte da minha vida q n me é de direito

A segunda modalidade diz respeito ao momento em que a moça conta ao pretendente que ela é transexual. Gabi e Vitória utilizam aplicativos e sites para formação de casais<sup>52</sup>. Nestes, ambas as entrevistadas mencionam que são transexuais antes de encontrar com os rapazes. Muitas vezes já deixam claro no perfil do site/aplicativo.

**Vitória:** No início eu tentei botar lá que eu era trans de cara antes. Eu conheci muitos caras no Badoo (site de relacionamentos), quando eu colocava antes, as vezes os caras nem liam o perfil, homem principalmente, não lê nada, eu lia tudo, mas eles só olham foto. Ai eu comecei a colocar no nome, “Vivi trans”, mas aí só vinha falar cara comigo que tava afim de sexo e só falava coisas nojentas “quero te comer”, só coisas obscenas. Aí comecei a não colocar pra conhecer caras normais! Aí tentei os dois, falar de cara ou depois, depois era mais bem sucedido porque o cara já tinha falado com você, já sabia que você era mulher normal e aquela primeira impressão positiva já estava. Aí quando eu falava que era trans, a pessoa vivia seu dilema próprio “eu não achei ela uma mulher linda? Não achei uma pessoa normal?” e desconstruía o preconceito, se eu falava antes já ativava o preconceito. Depois que eu falei muitos caras eu criei amizade, porque eles tinham medo e não imaginavam.

**Brena:** No seu perfil tá escrito que você é transexual ou você contou pra ele?

---

<sup>52</sup> Nestes sites e aplicativos cada pessoa tem um perfil com fotos e uma descrição. Os perfis aparecem no site/app de acordo com critérios variados como por exemplo gostos em comum e localização. A pessoa vê os perfis e seleciona quais lhe interessam, se uma pessoa que ela selecionou a selecionar de volta o site/app cria um *chat* privado entre os dois.

**Gabi:** Tá “travesti e feminista”. Assim espanta idiota.

Vitória descreve como prefere contar antes e de maneira virtual ser transexual pois tem medo de sofrer violência física se for a um encontro com algum homem que não sabe que ela é transexual.

**Brena:** Você conhecia na internet, mas isso levava a encontros reais?

**Vitória:** Então, também tem um dilema conhecer pessoalmente antes de falar ou depois, eu nunca fiz de conhecer antes de falar. Quando eu ia encontrar a pessoa já sabia.

Vitória narra apenas uma experiência na qual fugiu à regra, mas porque imaginava que o possível parceiro já sabia.

**Vitória:** Teve uma vez que eu quase fiz isso porque eu achei que o cara no fundo sabia porque ele me conhecia da academia e me via todos os dias e eu não era tão feminina, eu tinha características dúbias e eu já tinha visto que alguns caras notavam que eu era trans, alguns não falavam nada, uma omissão coletiva, todo mundo sabia, mas não comentavam nem entre eles, deixavam pra lá, mas me tratavam normal, como mulher, bem. Esse cara era instrutor da academia e era muito simpático, muito legal, muito fofinho e ele me ajudou muito nos exercícios. Ele era sempre muito simpático comigo, eu tinha tido uma atração por ele e ele por mim, e eu sempre fui muito resolvido, eu dava em cima dos caras, não tava nem aí, mas dava em cima de uma forma polida, “o que você vai fazer hoje?”, nada de chamar de gostoso. Aí eu perguntei pra ele e ele me disse que não ia fazer nada, e eu perguntei se ele não queria sair pra tomar alguma coisa e ele topou e combinou de ir comigo. Aí eu fiquei super feliz e eu tinha uma esperança de que ele suspeitasse de que eu era trans ou que já tivesse ouvido algum comentário e já soubesse então até o último momento, até ligar pra gente se encontrar eu já tava todo arrumada eu não falei nada, aí eu liguei e falei “eu preciso te fala uma coisa antes da a gente se encontrar, mas eu não queria que isso mudasse nada, pode ser um encontro normal pra gente conversar, mas eu quero poder te falar isso antes porque eu tenho medo”.

**Brena:** Você tem medo da reação?

**Vitória:** Isso. Ele ficou super surpreso, ele não sabia.

Outra estratégia para lidar com a *transfobia* na dimensão afetiva é se relacionar fora do padrão hetero-monogâmico. Duda declara que não se relaciona mais com homens cisgêneros e heterossexuais devido ao que já sofreu.

**Duda:** Eu acho que antes de responder isso eu queria deixar claro que eu sou uma pessoa não monogâmica e que qualquer tipo de pergunta tem que ser entendida nesse contexto...

Acho que é isso, e talvez essa minha dificuldade de falar das minhas relações passadas tenham sido muito em função dos fracassos e dessa clandestinidade porque quando a pessoa tem uma sexualidade que não é padrão já é difícil e quando você não tem uma sexualidade que é padrão e ainda é trans é mais difícil ainda. Você fica num espaço da não integridade. Porque você sempre fica em falta. Eu tinha que assumir uma postura gay em alguns relacionamentos e isso me feria muito. E quando eu tinha minha identidade de gênero respeitada, é, eu ficava numa relação de assimetria de gênero, muito submissa, e tendo que reproduzir estereótipos do que é ser feminino, do que é ser mulher.

**Brena:** Então, nas duas situações você não ficava confortável?

**Duda:** Não porque, por uma questão política até eu não me relaciono mais com pessoas heterossexuais, tenho muito dificuldade, opto por pessoas que sejam bissexuais enfim, mas já aconteceu de eu me relacionar com meninos gays então eles não sabiam lidar com isso. Eu tive um relacionamento a um ano atrás, um curto relacionamento que me não deu frutos, por causa disso, porque ele não soube lidar.

**Brena:** Esse menino esperava que você fosse um menino gay?

**Duda:** Sim e não conseguia aceitar que daqui pra frente eu não ia ser mais, eu não ia ter mais aquela expressão de gênero então, foi muito complicado.

Duda descreve nesse trecho que fica “num espaço de não integridade”, isto é, está fora do que é compreensível, porque está à margem das classificações da ordem social (DOUGLAS, 1976). A jovem passa a frequentar grupos de poliamor<sup>53</sup> aonde conhece um rapaz que já se relacionou antes com outra mulher transexual.

**Duda:** To num relacionamento aberto e pra mim tem sido muito bom porque tem sido o primeiro relacionamento menos clandestino que eu tive. No sentido de espaços de sociabilidade e etc.

**Brena:** E você tá nesse relacionamento já tem bastante tempo? Como vocês se conheceram?

**Duda:** Não, é muito recente. Eu acabei de sair de um relacionamento bem problemático aí agora eu entrei em outro. Faz..., sou ruim em datas, mas faz um mês e meio ,dois meses que eu conheci o Victor, a gente se conheceu na internet, a gente se conheceu num grupo de poliamor. E foi bem engraçado isso, a gente acabou não

---

<sup>53</sup> Modelo não monogâmico de relacionamentos. Uma relação poliamorosa parte do pressuposto de uma pessoa pode ter diversos relacionamentos simultaneamente sem que um fique em detrimento do outro. Assim, uma pessoa pode ter diversos namorados, por exemplo.

tendo uma relação poliamorista, mas a gente se conheceu lá.

Namorar homens transexuais também é uma opção para as moças. Tanto Gabi quanto Vitória têm ex-namorados que são rapazes transexuais e descrevem como eles as entendiam melhor por compartilharem a vivência.

**Brena:** E esse menino que você estava namorando? Como foi então?

**Vitória:** Então, eu sempre soube que existia FtM<sup>54</sup> e sempre fiquei imaginando “será que um dia vou conhecer um FtM e ter um relacionamento com ele? Como é que vai ser?”, questão da parte de genital o que rolava mais não era o cara ter ou não... Era mais tipo, quando você é transexual, você gosta de homem e é feminina e é passiva, o cara tem que compensar o fato de você não ser mulher, ele tem que ser muito masculino, tem que ser o homem, ter um pênis e tal meio que já compensa. Se você se relaciona com um FtM é meio complicado porque a fronteira fica mais perto porque ele tem características não tao díspares em relação as suas e fica uma relação complicada... A questão as vezes é com você mesmo, eu quero ser a mulher da relação e ele quer ser o cara da relação, mas como vai ser assim se ele tem 1,50m, se ele tem peito, ele não tem pênis, não tem pelo, tem cara de mulher, é muito complicado. Já quando o cara é masculino, as vezes até um FtM muito masculino, tem essa diferença maior. Isso eu to falando de mim porque tem mulheres que gostam de caras femininos, com características não tão masculinas ou então vê outras representações do masculino que você não vê, podem não ser físicas, ou físicas, mas que você não vê. Mas tem um limiar que diminui quando você se relaciona com um FtM. Eu sabia que era a única possibilidade de relacionamento que as duas pessoas iam se conhecer completamente e eu poderia viver o relacionamento dos sonhos, que o cara ia me tratar bem, ia ter uma vontade de louca de me ver, que não ia ter pé atrás, não ia ter nada, só que tem o pé atrás disso que eu te falei das diferenças serem menores. Tem uma representação que a gente faz mental de um cara masculino, que vai ser o homem de uma relação, ou de um FtM, vai querer alguém delicada, com órgão sexual tal, então, quando você tem um relacionamento entre transexuais surge essa complicação, mas surgem milhões de coisas facilitadoras.

A partir do discurso das jovens, o gênero pode ser pensando como um tripé cujas três bases são: o corpo, os relacionamentos e o sentimento. Essas dimensões articulam-se com pesos valorativos diferentes. Na hierarquia dessa visão de mundo o “sentir-se mulher” é o mais essencial, a legitimidade para a modificação corporal encontra-se nesse sentimento. O corpo adequa-se a essa convicção. Os relacionamentos aparecem em terceiro plano, apesar de as

---

<sup>54</sup> Female to Male. É uma forma de denominar homens transexuais, isto é, que fazem a transição do feminino para o masculino.

jovens desejarem ter namorados, paqueras e formar pares.

**Ana:** Eu te disse, sou uma princesa da Disney, meu sonho é um príncipe.

As moças vivem uma espécie de contradição entre um modelo identitário não convencional e ideias tradicionais de relacionamentos. Todavia, a experiência de modificação corporal e o decorrente preconceito ou *transfobia* as fazem buscar novos modelos de relacionamento. Elas optam por estilos de relacionamentos que Rubin (1984) definiu como os considerados indesejáveis ou mau sexo em sua proposta de “hierarquia de valores sexuais”.

A incoerência é apenas aparente, como afirma Maria Claudia Coelho em seu estudo sobre jovens católicos e jovens artistas de teatro:

É no conceito de ruptura que está aceção mais tradicional (sem trocadilhos) do moderno. Novidade, mudança, transformação, tudo isso é moderno. MetrÓpole, individualismo, fragmentação, tudo isso também é moderno. Da fragmentação típica do moderno surge talvez a sua maior característica, a de comportar tudo, inclusive o que não é moderno porque não inova. Se a modernidade é um período, ela é também o tom e estilo deste período. É assim que é possível, como os jovens católicos, atualizar uma tradição de dois mil anos na modernidade, lado a lado com atores, modernos no seu desejo de serem vanguarda. Porque é possível estar na modernidade sem ser moderno. E é essa habilidade de assumir qualquer máscara, qualquer rosto, de estar em constate metamorfose, que faz a modernidade moderna. (1990, p. 45).

Portanto, a ruptura com o modelo de gênero vigente e a plasticidade dos corpos convive com o desejo pelo relacionamento sério e a felicidade ao usar anéis de compromisso.

**Gabi:** Ele queria aliança e etc, mas nos tratávamos como namorados.

Sim, ele cresceu num lar vendo o pai machista criar os filhos homens pra ser ogros

**Brena:** Ah sim, e você queria usar aliança também?

**Gabi:** Sim, eu queria ☺

O mundo social está em constate mudança. Grupos que eram estigmatizados passam a ser aceitos e outros grupos surgem e são interpretados socialmente como desviantes. A homossexualidade é um exemplo patente desta lenta assimilação social de grupos antes considerados desviantes.

Ter o corpo ambíguo e rejeitar o gênero atribuído no nascimento causa estigma. Entretanto, a partir da semântica nativa é possível entrever algumas possibilidades. Uma primeira possibilidade é entender a intervenção cirúrgica e hormonal como uma forma de purificar a ambiguidade, eliminando-a. Através de técnicas médicas, o que estava nas margens

torna-se classificável. Uma segunda possibilidade é o movimento transexual ter êxito e a transexualidade tornar-se uma classificação que não será mais entendida como uma anomalia ou doença. Uma terceira possibilidade seria a transformação do sistema de classificação hegemônico binário e heteronormativo. Entretanto, existe conflito, este pode aventar em última instância a indagação sobre uma sociedade na qual sexo e gênero sejam pensados de forma fluída e existam diversas classificações sociais possíveis para além do modelo binário homem//mulher e heterossexual//homossexual.<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> Essas ideias partiram das discussões na aula sobre Mary Douglas no curso de Teoria Social ministrada no dia 15/05/2014 pelo professor Sérgio Carrara.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a presente dissertação foram realizadas seis entrevistas com quatro moças que se declaram transexuais. Duas entrevistas desdobraram-se em mais de um contato. O número é certamente pequeno, considerado o padrão de pesquisas qualitativas em antropologia, mas se trata de um universo limitado de pessoas (tal como o caso dos casais grávidos entrevistados nos anos 1980 por Tania Salem). Os encontros foram realizados em muitas horas de contato (entre duas e três horas de entrevista) e em contatos repetidos.

A literatura sobre transexualidade concentra-se em pessoas mais velhas. O diferencial deste trabalho está justamente no elemento etário e geracional. São pessoas próximas das etapas iniciais de socialização na família (infância e adolescência) bem como do início do processo de feminização. Creio ser neste aspecto que esta dissertação demonstra a originalidade da pesquisa. Um fator importante é o impacto da recente visibilidade alcançada pelo movimento transexual. Portanto, as jovens vivem um contexto mais favorável em termos de aceitação social ainda que os relatos de preconceito e violência sejam inúmeros. A divulgação de informações acerca da transexualidade tem repercussão sobre o modo como essas moças vão experimentá-la devido ao fato de que o Sistema Único de Saúde (SUS) já havia implementado o “Processo Transexualizador” quando elas começaram o processo de feminização. É fato que as entrevistadas (salvo uma) tenham tentado ter acesso ao mesmo sem que esta possibilidade fosse efetiva.

As noções de normalidade e desvio tencionam seus discursos de modo que às vezes soam contraditórios. As falas apresentam expectativas paradoxais. Elas expressam o desejo de *normalidade* através da categoria de “passabilidade” e também na vontade de construir relacionamentos afetivos estáveis como namoros.

A “passabilidade” expressa o sucesso do processo de feminização porque demonstra o reconhecimento social do gênero desejado e também funciona como mecanismo de proteção contra o preconceito.

No caso dos namoros, surgem idealizações dos laços afetivos ao estilo romântico, até mesmo tradicional, com a ânsia de roteiros amorosos marcadamente generificados. Algumas das entrevistadas são frágeis, esperam cavalheirismo e força de seus parceiros, querem ser tratadas como parceiras femininas e não rapazes gays. Já outras rechaçam as convenções de gênero, criticam o machismo e são ativistas do movimento social LGBTT.

O desejo pela normalidade acaba se transformando em decepção. É perceptível o tom

de lamento nos discursos das entrevistadas. Entretanto, o desencantamento não é transformado em queixas (GREGORI, 1993) ou em vitimização. Ao contrário, elas se posicionam ativamente perante os problemas causados pela discriminação e possuem diversas estratégias para lidar com a transfobia. Assim, a aparente contradição se dissolve já que elas passam a procurar maneiras de se relacionar que também fogem aos padrões hegemônicos.

A medicina enquanto disciplina e prática tem papel essencial na definição do que é considerado normal e no enquadramento do denominado comportamento anormal. Entretanto, essas definições não são estritamente médicas, são sobretudo morais e sociais. As moças questionam o saber médico e ao mesmo tempo dele se apropriam. Elas sentem “alívio” com o diagnóstico por classificar seu sofrimento. Simultaneamente refutam a necessidade do diagnóstico para serem consideradas transexuais e criticam a falta de informação dos serviços públicos e privados. Como forma de autonomizar-se em relação a esses serviços – nos quais são maltratadas – elas aprendem a utilizar por conta própria os hormônios que causam as modificações corporais desejadas. As informações são obtidas principalmente na *internet* através de comunidades de pessoas transexuais, nas redes sociais como o *Facebook* e através dos pares.

A partir das conclusões apresentadas nesta dissertação é proveitoso indicar como possível tema para uma futura tese uma comparação geracional entre as jovens aqui entrevistadas e mulheres transexuais mais velhas – entre 30 e 50 anos acerca do processo de feminização, acesso aos serviços de saúde e as relações afetivo-amorosas.

Considero que tal debate seria proveitoso especialmente sobre o impacto da implementação do Processo Transexualizador no SUS, devido à já citada recente visibilidade alcançada pela transexualidade graças ao crescente movimento social. O tema família poderia ser abordado entre mulheres transexuais com mais idade pois estas apresentariam não só estratégias para formação de pares e negociação com parentes, mas também para construção de famílias e parentalidade.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Guilherme Silva de. Repercussões Sociais da Assistência à Saúde do Transexual. In: SILVA, Eloísio Alessandro da. **Transexualidade: Princípios de Atenção Integral à Saúde**. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2012. Cap. 14. p. 225-240.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. "Zoar" e "ficar": novos termos da sociabilidade jovem. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 139-157.
- ARÁN, Márcia. Do Diagnóstico de Transtorno de Identidade de Gênero às Redescrições da Experiência da Transexualidade: Os Desafios do Atendimento Psicológico na Rede Pública de Saúde. In: SILVA, Eloísio Alessandro da. **Transexualidade: Princípios de Atenção Integral à Saúde**. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2012. Cap. 5. p. 57-72.
- ARÁN, Márcia; MURTA, Daniela. Do diagnóstico ao transtorno: de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p.15-41, jan. 2009.
- ARAÚJO, R. B. de.; VIVEIROS DE CASTRO, E. B. Romeu e Julieta e a Origem do Estado. In: VELHO, G. (Org.). **Arte e Sociedade: Ensaios de Sociologia da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- BARBOZA, Heloísa Helena; SCHRAMM, Fermin Roland. Princípios Bioéticos Aplicados à Transexualidade e sua Atenção à Saúde. In: SILVA, Eloísio Alessandro da (Org.). **Transexualidade: Princípios de Atenção Integral à Saúde**. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2012. p. 17-28.
- BEAUVOIR. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1949.
- BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudo de sociologia do desvio/ Howard S. Becker; tradução Maria Luiza x. de Borges; revisão técnica Karina Kuschnir. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.**
- BENEDETTI, M. R. **Toda feita**. O corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENJAMIN, Harry. **The Transsexual Phenomenon**. New York: Julian Press, 1966.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 256 p.
- BENTO, Berenice. **Revista Cult**. “*Queer* o que?” 2014.
- BERGER, Peter e BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, Marialice M. e MARTINS, José de Souza (Org.). **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1990.
- BORBA, Rodrigo. Sobre os obstáculos discursivos para a atenção integral e humanizada à saúde de pessoas transexuais. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. Rio de Janeiro, v. 17, p. 66-97, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática** -precedido de três estudos sobre etnologia Cabila. Oeiras: Celta, 2002.

- BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 2002. 172 p.
- BOZON, Michel. Sexualidade e Conjugalidade: A redefinição das relações de gênero na França contemporânea. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 20, n. 1, p.133-156, 2003.
- BOZON, Michel e HEILBORN, Maria Luiza. **As carícias e as palavras**. Iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris, Novos Estudos CEBRAP, nº 59, março 2001.
- BRANDÃO, Elaine Reis. Gravidez na Adolescência: um Balanço Bibliográfico. In: HEILBORN, Maria Luiza et al (Org.). **O aprendizado da sexualidade: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 63-97.
- BRETON, David Le. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 236 p, 2003.
- BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p.95-126, abr. 2009. Rio de Janeiro.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**, Rio de Janeiro, Forense Universitaria. 1990.
- COELHO, Maria Claudia Pereira. Jovens atores e jovens católicos: um estudo sobre metrópole e diversidade. **Comunicação Programa de Pós-graduação em Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, p.26-46, jun. 1990.
- CONRAD, Peter. **The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders**. Baltimore: Jhu Press, 2007.
- CORRÊA, Marilena Villela. Sexo, Sexualidade e Diferença Sexual no Discurso Médico: Algumas Reflexões. In: LOYOLA, Maria Andréa (Org.). **A sexualidade nas Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Ed Uerj, 1998. p. 69-92.
- CORRÊA, Mariza. Não se nasce homem. Trabalho apresentado no encontro "**Masculinidades/Feminilidades**", nos Encontros Arrábida 2004, Lisboa, setembro de 2004b.
- DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 223-230.
- DERRIDA, J. (1973) **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1976.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: Para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da Vida Nervosa** (nas classes trabalhadoras urbanas), Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1986
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Pessoa e indivíduo. In: LIMA, Antonio Carlos de Souza. **Antropologia e Direito: Temas antropológicos para estudos jurídicos**. Rio de Janeiro: Laced, 2012. p. 141-145.
- DUMIT, Joseph. **Drugs for life: How Pharmaceutical Companies Define Our Health**. Durham, Duke University Press. 2012.
- DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1997.
- EUGENIDES, Jeffrey. **Middlesex**. Companhia das letras. 2014.

- ELIAS, Norbert, **O Processo Civilizador**: Uma História dos Costumes, tradução brasileira de Ruy Jungmann, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, vol. 1, 1990.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FACHINNI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 301 p.
- FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 18, n. 17, p.9-79, fev. 2001.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: Volume 1: A vontade de saber. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997. 152 p.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GAGNON, John H.. O uso explícito e implícito da perspectiva da roteirização nas pesquisas sobre a sexualidade (1991). In: GAGNON, John H.. **Uma interpretação do desejo**: Ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 211-268
- GAGNON, John H; SIMON, William. Sexual Script. **Society**, n. 22, 1984. p. 53-60.
- GARFINKEL, Harold. 1967. **Studies in Ethnomethodology**. Malden: Blackwell Publishing. 304 p.
- GOFFMAN, Erwin. 1982. "On face-work". In: Goffman, Erving. **Interaction ritual**; essays in face-to-face behavior. Chicago, Aldine Pub. Co.Pp. 5-46.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, Rio de Janeiro, Editora LTC, 1988.
- GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e queixas**: mulheres, relações violentas e práticas feministas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ANPOCS, 1993.
- GUIMARÃES, C. D. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- HARAWAY, Donna J. "Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX". In: SILVA, Tomaz T. (Org.).**Antropologia do ciborgue**: As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par**: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 217p.
- HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 14, p.43-59, 2006.
- HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 40-59.
- HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.). **O que ler na ciência social brasileira** (1970-1995). Editora Sumaré, ANPOCS, Brasília-DF, CAPES, 1999, pp.183-221.
- HEILBORN, Maria Luiza e RODRIGUES, Carla. Gênero: o história e vicissitudes de um conceito. Rio de Janeiro. No prelo para ser publicado em 2016 pela revista **História, Ciência e Saúde** – Manguinhos.
- HENRI-CASTELL. Pierre. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, V. 21, n. 41, p.77-1-

1.2001

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 184 p.

KULICK, Don. A man in the house: The Boyfriends of Brazilian Travesti Prostitutes. **Social Text**, Duke University, v. 15, n. 52/53, p.132-159, 1997

LAQUEUR, Thomas. **Inventado o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 313 p.

LÁZARO, A. **Amor: do mito ao mercado**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

LE BRETON. 2011. **Antropologia do corpo e modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

LEITE JUNIOR, Jorge. **Nossos corpos também mudam: A invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico**. São Paulo: Annablume, 2011. 263 p.

LIMA CARVALHO. Mario Felipe de. De “doidas e putas” a “respeitáveis militantes”: um histórico do movimento de travestis e transexuais no Brasil. 35ª Encontro Anual da ANPOCS GT 32 – **Sexualidade e Gênero: sociabilidade, erotismo e política**. 2011.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MACHADO, Paula Sandrine. Quimeras da ciência: a perspectiva de profissionais de saúde em caso de intersexo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 20, n. 59, p.67-80, out. 2005.

MAUSS, Marcel. 1985. **Un e catégorie de l'esprit humain: la notion de personne celle de 'moi'.** In: Sociologie et Anthropologie. Paris: PUF (Quadrige). Pp. 333-361.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969. 317 p.

MEYEROWITZ, Joanne. **How Sex Changed: A history of transsexuality in the united states**. United States Of America: Harvard University Press, 2004. 363 p.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 21, n. 21, p.150-182, jan. 2009.

NERY, João. **Viagem solitária**. Leya Brasil, 2011.

PAIM, Jairnilson Silva. **O que é o SUS**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. 144 p

PAIS, J.M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (org.) A prática feminista e o conceito de gênero. **Textos Didáticos**, n. 48, p. 7-42, 2002.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: N-1, 2014.

REZENDE, Claudia Barcellos. Diversidade e identidade: discutindo jovens de camadas médias. **Comunicação Programa de Pós-graduação em Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, p.5-26, jun. 1990.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHOS, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 2010. 136 p.

RUBIN, Gayle. "El tráfico de mujeres: notas sobre la 'economia política' del sexo". **Nueva Antropología**, México, v. VIII, n. 30, p. 95-145, 1986.

RUBIN, Gayle S. 1984. "Thinking Sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality". In: VANCE, C. (org.). **Pleasure and danger: exploring female sexuality**. London: Pandora Press. p. 267-319.

- RUSSO, Jane. Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Org.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 95-114.
- SAADEH, Alexandre; CORDEIRO, Desiree Monteiro. Abordagem Diagnóstico e Acompanhamento Pré-operatório do Portador de Transtorno de Identidade de Gênero. In: SILVA, Eloísio Alexandro da (Org.). **Transexualidade: Princípios de Atenção Integral à Saúde**. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2012. p. 39-56.
- SALEM, Tania. 2007. **O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 232pp.
- SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. Traduzido pela SOS: **Corpo e Cidadania**. Recife, 1990
- SHEFF, Thomas. Shame and social bond. **Sociological Theory**, 2000.
- SÍVORI, Horacio Federico. Locaspeak: verbal interaction in the Argentine gay ambiente of the 1990s CLAM. 2013. **Sexuality, Culture and Politics - A South American Reader**. Pp. 284-305.
- STOLLER, Robert J. **A Experiência Transexual**. Rio de Janeiro: Imago, 1982. 312 p.
- VELHO, Gilberto. “Trajetória individual e campo de possibilidades”. In: **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1994
- VELHO, Gilberto. Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades Complexas. In: BELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 14-37.
- VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 192-200.
- VENTURA, Miriam; SCHARAMM, Fermin Roland. Limites e possibilidades: do exercício da autonomia nas práticas terapêuticas de modificação corporal e alteração da identidade sexual. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p.65-93, jan. 2009.
- VENTURA, Mirian. **A transexualidade no tribunal: saúde e cidadania**. Rio de Janeiro: Ed Uerj, 2010. 164 p.
- WEEKS, Jeffrey. **Coming out: homosexual politics in Britain, from the Nineteenth Century to the present**. London, Quartet, 1977
- ZAMBRANO, Elizabeth; HEILBORN, Maria Luiza. Identidade de gênero. In: LIMA, Antonio Carlos de Souza (Org.). **Antropologia e Direito: Temas antropológicos para estudos jurídicos**. Rio de Janeiro: Laced, 2012. p. 412-419.

## APÊNDICE A - Pequena biografia Gabriela

Gabriela é uma jovem de 20 anos do Nordeste do Brasil. É estudante universitária e mora com os pais, tem uma boa relação com a mãe, mas não com o pai, sofreu violência verbal dele durante a adolescência e diz que hoje ele age de forma “neutra” em relação a ele. Gabi apresentou resistência em falar da família durante as entrevistas.

Gabi descreve sempre ter se sentindo atraída por homens e dá ênfase a um namoradinho de infância. Descreve uma infância e pré-adolescência solitárias até o momento em que ganhou seu primeiro computador. A partir desta data a jovem faz diversas amizades *on-line*.

Gabriela é, em suas palavras, militante transfeminista. É frequentemente convidada para palestrar sobre sua vivência como transexual em seminários de gênero.

A jovem já namorou uma vez, um menino transexual que conheceu enquanto palestrava. Além desse relacionamento ela narra encontros efêmeros com homens quando era mais nova.

Começou seu processo de feminização por volta dos 15 anos por conta própria. Arranjou um emprego para pagar os hormônios e as roupas novas.

## APÊNDICE B - Pequena biografia Maria Eduarda

Maria Eduarda é uma jovem de 21 anos, mora no Sudeste com sua mãe. No momento a matrícula da faculdade da moça está trancada, ela descreve como o ambiente universitário é transfóbico.

A jovem descobre o que é transexualidade e faz pesquisas sobre isto na *internet*. Acaba por se deparar com definições médicas e psiquiátricas da categoria, descreve o impacto negativo dessa descoberta em sua vida.

Ela é não monogâmica e não monossexual (bissexual) e não se relaciona mais com pessoas heterossexuais por ter tido experiências ruins no passado com meninos que esperavam que ela fosse passiva e se enquadra-se em certos estereótipos de gênero; atualmente se relaciona com um menino que conhecem em um grupo de poliamor no *Facebook*, diz que ele a entende melhor porque já namorou outra mulher transexual no passado.

A jovem ainda está no início do processo feminização por questões financeiras não pode começar antes. Assim, antes de começar a viver efetivamente com sua identidade feminina, Duda se “montava” como mulher, a moça descreve como esses momentos representam ao mesmo tempo grande liberdade e satisfação, mas também como geram dor quando ela precisa se desmontar.

### **APÊNDICE C - Pequena biografia Ana**

Ana é uma moça de 19 anos, vive na região Sudeste do Brasil com seus pais e irmão e cursa faculdade. Começou seu processo de feminização aos 16 anos com a ajuda financeira da família, mas descreve que se entendia como transexual desde os 14 anos.

Ana nunca viveu um relacionamento sério e narra como os rapazes com quem deseja se relacionar a rejeitam por ser transexual. Isto causa extrema tristeza na jovem. Ana também descreve o ambiente universitário como hostil para pessoas transexuais.

Faz terapia a anos, mas não gosta de ser analisada, gosta de se entender por si mesma. Só faz porque é um requerimento do tratamento. Todos os seus médicos são particulares, seu endocrinologista também. Sua linguagem é altamente medicalizada.

## APÊNDICE D - Pequena biografia Vitória

Vitória tem 22 anos e vive na região Sudeste com sua mãe e irmãos. Os pais são divorciados, mas descreve ter boa relação com ambos. A jovem é universitária.

Vitória descobre o que é transexualidade através de uma amiga e a partir deste momento faz diversas pesquisas sobre o tema na *internet*. Se considera uma *expert* em tratamento hormonal, inclusive descreve como ensinou seu endocrinologista qual o melhor hormônio para ser tomado.

Vitória namora um rapaz transexual que conheceu através do *Facebook*.